



Huberto Rohden

O Triunfo da Vida sobre a Morte

3ª Edição

ALVORADA
ALVORADA
ALVORADA

HUBERTO ROHDEN

O TRIUNFO DA VIDA

SOBRE A MORTE

UNIVERSALISMO

ADVERTÊNCIA

A substituição da tradicional palavra latina *crear* pelo neologismo moderno *criar* é aceitável em nível de cultura primária, porque favorece a alfabetização e dispensa esforço mental – mas não é aceitável em nível de cultura superior, porque deturpa o pensamento.

Crear é a manifestação da Essência em forma de existência – *criar* é a transição de uma existência para outra existência.

O Poder Infinito é o *creador* do Universo – um fazendeiro é *criador* de gado.

Há entre os homens gênios *creadores*, embora não sejam talvez *criadores*.

A conhecida lei de Lavoisier diz que “na natureza nada se *crea* e nada se aniquila, tudo se transforma”, se grafarmos “nada se *crea*”, esta lei está certa mas se escrevermos “nada se *cria*”, ela resulta totalmente falsa.

Por isto, preferimos a verdade e clareza do pensamento a quaisquer convenções acadêmicas.

PREFÁCIO

Este livro é o quarto e último volume da série “Sabedoria do Evangelho”, cujo primeiro volume se intitula “Filosofia Cósmica do Evangelho”, o segundo

“Sermão da Montanha”, e o terceiro “Assim Dizia o Mestre”.

Os três primeiros volumes tratam, de preferência, da vida pública e dos ensinamentos do Nazareno, ao passo que este quarto volume abrange os acontecimentos da última semana da vida terrestre dele, desde o domingo de ramos até à ascensão.

Chamamos a atenção do leitor que, ao relatarmos a paixão e morte de Jesus, não seguimos a interpretação tradicional dos teólogos, que vêem na morte de Jesus um ato expiatório pelos pecados da humanidade, mas seguimos as palavras do próprio Mestre e de seus primeiros discípulos, que não se referem a essa ideologia teológica, que é o reflexo da mentalidade da Sinagoga judaica, que matava anualmente o chamado “bode expiatório”, cujo sangue era oferecido a um Deus ofendido pelos pecados de Israel. Esta ideologia não se

encontra nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, nem no quinto evangelho do apóstolo Tomé, descoberto no Egito, no ano 1945. Se o Evangelho do Cristo fosse simplesmente a doutrina do Jesus humano, que era de raça judaica, refletiria, possivelmente, a idéia da Sinagoga de Israel; mas ele afirma que é do seu Cristo divino: “A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou... As minhas obras são do Pai, que em mim está.”

A mensagem do Cristo não é continuação duma doutrina antiga; é uma revelação nova, oriunda do Cristo cósmico: “Foi dito aos antigos – eu porém vos digo...”

Paulo de Tarso, depois da sua queda dramática às portas de Damasco e sua conversão ao Cristo, viu-se perplexo em face da morte voluntária de Jesus, e retirou-se para os desertos da Arábia, onde permaneceu três anos, e julgou ter descoberto o motivo dessa morte, estabelecendo um paralelo entre a crença judaica no bode expiatório e Jesus, cujo sangue nos teria purificado de todo o pecado.

A cristandade do primeiro século não aceitou integralmente a ideologia sacrificial de Paulo no tocante à morte de Jesus. Muitos viam na morte dele um paralelo à morte dos antigos profetas, perseguidos e mortos por seus conterrâneos incipientes; apenas uma parte da cristandade primeva aceitou a interpretação de Paulo, como explica criteriosamente Frei Leonardo Boff, no seu livro “Jesus Cristo Libertador” (Editora Vozes).

Repetidas vezes predisse Jesus a sua morte violenta e voluntária, e nenhuma vez afirmou que ia morrer para reconciliar a humanidade com um Deus irado e ofendido. Aos discípulos de Emaús, decepcionados com a morte violenta do Nazareno, responde ele: “Não devia então o Cristo sofrer tudo isto para entrar em sua glória?”

A crença na morte expiatória de Jesus se generalizou mais tarde, em consequência dos decretos de Concílios Eclesiásticos. A tentativa de provar esta idéia pelas palavras do Profeta Isaías (capítulo 53) não procede, porque o profeta, no exílio babilônico, quando se refere aos sofrimentos do ebed Yahveh

(servo de Deus) não fala de Jesus, mas de Israel, cujos pecados de idolatria provocaram o sofrimento dos inocentes.

Jesus, nas últimas 15 horas da sua vida mortal, sujeitou-se voluntariamente à violência dos seus inimigos para realizar o plano cósmico da encarnação do Verbo destinada a levar a natureza humana ao zênite da sua perfeição, na pessoa de Jesus de Nazaré, totalmente integrado no espírito do seu Cristo divino. Essa plena integração no Cristo divino equivalia à desintegração ou morte do Jesus humano, como ele mesmo disse aos seus discípulos: “Convém a vós que eu me vá, porque, se eu não me for, não poderá vir a vós o espírito da verdade.”

Esta plenificação crística da natureza humana na pessoa de Jesus transbordou beneficentemente para o bem da humanidade: “Da sua plenitude todos nós recebemos, graça e mais graça.”

A redenção da humanidade pelo Cristo é um fato, porque o Cristo realizou plenamente a humanidade individual de Jesus, fazendo-a “entrar em sua glória”, e essa cristificação da humanidade em Jesus abriu as portas para a redenção e cristificação da humanidade em outras criaturas humanas idôneas para essa Cristo-redenção.

A ideologia teológica de haver Jesus morrido para pagar a Deus pelos débitos da humanidade pecadora supõe diversas premissas inaceitáveis, como sejam: que Deus se possa sentir ofendido por suas criaturas, quando o senso de ofensa e ofendibilidade é atributo de um caráter mesquinho; supõe um Deus vingativo, que em vez de perdoar, exija satisfação; supõe ainda um Deus injusto e cruel, que exija sofrimentos e morte atroz do único homem inocente para se dar por quite pelas culpas dos devedores.

Essa ideologia também amesquinha a grandeza do Cristo, reduzido a um bode expiatório e tapa-buracos da humanidade pecadora.

Por outro lado, o conceito de um homem plenamente realizado pela integração no Cristo faz aparecer o Redentor nos esplendores de uma luz sobre-humana e eleva o Cristo a uma grandeza cósmica.

Todo o sofrimento voluntário de Jesus é um sofrimento-crédito, e não um sofrimento-débito por pecados alheios; este sofrimento fê-lo entrar plenamente em sua glória, como ele disse aos discípulos de Emaús, e como já pedira ao Pai, na última ceia: “Pai, é chegada a hora: glorifica-me com aquela glória que eu tinha em ti, antes que o mundo fosse feito.”

É notável que o próprio judaísmo tenha abandonado, desde o primeiro século da Era Cristã, a idéia e a prática do bode expiatório. É tempo para que também o cristianismo abandone essa idéia de morte expiatória e se integre na verdade do Cristo glorioso.

A sublimação do Cristo por seu sofrimento voluntário é indicada na Epístola aos Filipenses: “Ele, que estava na glória de Deus, não julgou necessário aferrar-se a essa divina igualdade, mas despojou-se dos esplendores da Divindade e revestiu-se de forma humana, tornando-se homem, servo, vítima, e crucificado; e por isto Deus o super-exaltou, de maneira que, em nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos, dos celestes, dos terrestres e dos infra-terrestres, e todos confessem que o Cristo é o Senhor.” Estas palavras inspiradas de Paulo admitem que o Cristo, depois da encarnação, morte e ressurreição, se tornou um super-Cristo, por ter descido voluntariamente às baixadas humanas, e sendo por isto elevado às alturas cósmicas, proclamado como Senhor por todas as criaturas do Universo visível e invisível. Foi elevado ao zênite do ômega , porque desceu ao nadir do alfa , como diria Teilhard de Chardin.

Através das paginas deste livro trataremos da paixão e morte de Jesus à luz de um plano cósmico pré-estabelecido: que o Cristo, por sua encarnação e morte, seria “super-exaltado”, como diz o texto grego original; elevado a um plano superior de grandeza e de glória.

O SOFRIMENTO COMO FATOR

DE INICIAÇÃO

É experiência geral que entre o *entender intelectual* do homem profano e o *compreender espiritual* do iniciado medeia um *grande sofrimento*. E esse sofrimento serve como que de catalisador, nessa estranha alquimia.

Se o *compreender espiritual* fosse apenas a soma total dos atos sucessivos do *entender intelectual*, não haveria necessidade desse sangrento catalisador; mas não é isto que acontece. Ninguém chega a Deus só pela força do pensamento. O pensamento é, até certo ponto, necessário para que a compreensão espiritual possa desabrochar na alma; mas, em hipótese alguma, deve o pensamento ser considerado como *causa* dessa compreensão; é apenas *condição* preliminar, embora necessária, da mesma.

E vai nisto um elemento profundamente trágico: precisamente no momento em que o homem tem sobre Deus os mais grandiosos e belos pensamentos é que ele deve superar todo esse deslumbrante mundo da filosofia e poesia, e até o fascinante mundo da ética e filantropia, que não o podem conduzir até ao trono de Deus. Todos esses mundos, por mais verdadeiro e bons, só conduzem o homem até ao limiar do santuário; nenhum deles consegue transpor a misteriosa fronteira que há entre o *entender e sentir*, por um lado, e o *compreender e amar*, por outro. É indispensável que, depois de todo esse gratíssimo entender, querer e sentir, do plano horizontal, haja uma crucifixão, que uma súbita e inesperada vertical cruze e corte cruelmente aquela horizontal. Sem esse cruzamento, ou crucifixão, não há redenção. “Sem efusão de sangue não há redenção.” Sem essa sangrenta sexta-feira, nas alturas do Gólgota, não há domingo de ressurreição no horto das oliveiras.

O reino de Deus e sua glória nascem entre os braços sangrentos da cruz.

E isto é, para o nosso velho ego, o golpe de misericórdia.

Não podemos dizer que fomos nós, pessoalmente, que arquitetamos dentro de nós o reino de Deus, mas que esse reino nos veio como uma graça, um dom

gratuito dos céus, imerecidamente – isto é tão humilhante e tão mortífero para o nosso complacente e auto-suficiente ego que toda a sua profana bagagem fica abandonada para aquém da fronteira da verdadeira iniciação espiritual.

É necessário que o homem satisfeito consigo mesmo caia num abismo de insatisfação – ia quase dizendo, de desespero de si mesmo. É esta a mais

trágica das tragicidades da nossa vida terrestre: temos de trabalhar e lutar, temos de pensar e realizar, temos de estudar e crer – e, depois de tudo isto, devemos saber que nada disto nos pode salvar. E, por fim, de quilha quebrada, de leme partido e mastros desarvorados, temos de enfrentar o grande naufrágio da nossa vida. Temos de submergir no oceano de um completo aniquilamento do nosso velho ego e de tudo quanto ele produziu, possui e estima – e humildemente temos que esperar que as ondas bravias da misericórdia de Deus nos lancem a alguma ilha longínqua e ignota, desnudos de tudo que julgávamos possuir, a fim de podermos ressuscitar e começar *vida* nova e verdadeira.

Sem esse total naufrágio do homem velho não há redenção para o homem novo.

“Não há heróis no campo de ação – escreve Albert Schweitzer – há tão-somente heróis no plano da renúncia e do sofrimento.”

Não é possível que a “nova creatura em Cristo” nasça sem que o “homem velho” morra. Não é possível que o grão de trigo produza muito fruto sem que ele primeiro caia em terra e morra – morra para a semente, a fim de viver para a planta.

Aqui é que se dividem os caminhos da humanidade. Aqui é que está a grande encruzilhada entre Lúcifer e Lógos, entre Satan e Cristo, entre os que pretendem fabricar por iniciativa própria o reino dos céus e os que, em humilde silêncio, o recebem nas mãos de Deus. As torres de Babel não atingem o céu.

O homem luciférico move céus e terra para evitar essa crucifixão, essa morte do velho ego; quer, sim, entrar no reino dos céus; mas, de forma alguma, pela porta estreita do sofrimento. Tudo – menos o sofrimento! Muitos dos homens profanos que se têm em conta de iniciados e esotéricos – que são os mais profanos dos profanos – professam esse horror ao sofrimento; e por isto inventam os mais engenhosos sistemas e elaboram mirabolantes técnicas de iniciação indolor, espécie de anestesia ou hipnose, para terem um parto espiritual sem dor. Aquele velho Cristianismo do Sermão da Montanha não é do sabor do espiritualista

moderno; ele está convencido de que há outra entrada no reino dos céus que não obrigue o homem a passar pelo Getsêmane e pelo Gólgota. Pois, não fez a humanidade tão estupendas invenções e grandes progressos, nesses dois milênios? Não andamos mais em primitivas canoas e carros de boi – mas voamos em aviões a jato; não nos comunicamos mais por meio de vagarosas diligências e estafetas postais – mas estabelecemos permanente e rapidíssimo intercâmbio por meio de telégrafo e telefone, rádio e televisão. E por que continuaríamos a rastejar dolorosamente nos caminhos obsoletos do Sermão da Montanha? Repetiria Jesus essas coisas se vivesse em pleno século vinte, à luz da Era Atômica?

Entretanto, a natureza humana continua a ser a mesma como nos tempos do Nazareno, e enquanto o homem for egoísta, e cada vez mais egoísta, não há nenhuma possibilidade de redenção que não passe pelas trevas do sofrimento.

Não há ressurreição para o “homem novo” enquanto o “homem velho” não for crucificado, morto e sepultado...

Outros, em vez de práticas iniciáticas e liturgias esotéricas, se lançam ao mar imenso das atividades ético-sociais e filantrópicas, fundando sociedades, igrejas, asilos, colégios, criando estupendas organizações para aliviar os sofrimentos da humanidade, e com essas exuberâncias externas se julgam remidos internamente. Podem essas atividades, quando bem intencionadas, preparar a redenção do homem, não o negamos; mas, em hipótese alguma, a podem substituir nem produzir. Pode um homem fazer um bem imenso a seus semelhantes sem ser bom ele mesmo.

Nem a *liturgia iniciática* nem as *atividades filantrópicas* podem causar redenção nem podem dispensar o fator intimamente ligado à redenção, que é o sofrimento voluntariamente aceito. Tudo aquilo que o homem faz, como personalidade-ego, é incapaz de produzir a redenção, porque a redenção não pertence ao número dos objetos que o homem faz ou *tem*, mas é aquilo que o homem *é*; é a completa transformação e transfiguração do seu íntimo sujeito. A redenção é algo que o homem *recebe*, depois de se ter tornado receptivo. O

sofrimento voluntário, porém, é o último retoque nesse processo de receptividade. É o abrir de uma porta fechada. É a desobstrução de um canal

obstruído.

Por quê?

Porque o sofrimento cria um ambiente de desconfiança no ego. Até essa data, o ego afirmava orgulhosamente que ele podia tornar o homem definitivamente feliz. O sofrimento destruiu essa falsa segurança, revelou a fraqueza e insegurança do ego. E o homem ergue as mãos às alturas, estende as suas antenas, em busca de algo mais seguro. É o anseio do elemento divino, do reino de Deus que está dentro do homem em estado latente. É o primeiro brado da alma para despertar dentro de si o “Deus escondido”. É o romper da casca do “grão de trigo” e o início da planta que do seu interior vai brotar.

Essas atividades horizontais do ego personal têm por finalidade principal criar no homem um ambiente inflado de confiança e orgulho mental em si mesmo. E, quando esse orgulho mental tiver atingido o seu clímax de glórias e grandezas, sobrevém ao homem o grande naufrágio, o terremoto catastrófico de um total desespero de si mesmo, causado pelo sofrimento arrasador. E quando esse naufrágio e esse terremoto tiverem abalado os últimos alicerces do ego personal, não deixando pedra sobre pedra – então se sente o homem

suficientemente aniquilado e esvaziado do seu pequeno eu para poder ser enchido do grande Deus.

A teo-plenificação supõe necessariamente uma *ego-evacuação*.

Esse total ego-esvaziamento, porém, não se realiza senão por meio de um grande sofrimento.

O momento trágico está no fato de que todas as atividades do ego personal são *necessárias* – mas nenhuma delas, nem a soma total das mesmas, é *suficiente* para a redenção do homem. Se não fossem necessárias, o homem se deixaria redimir, *passivamente*, pela graça de Deus. Se fossem suficientes essas atividades do ego, o homem se redimiria, *ativamente*, por seu esforço próprio, pessoal. O trágico está nesse estranho paradoxo: *necessário – e não suficiente*.

Por isto, impedir esse sofrimento ou descompreendê-lo, é o pior serviço que o homem pode prestar a si mesmo, no caminho da sua evolução ascensional.

Se a redenção fosse apenas um processo de *continuação* de algo já existente e

conhecido no homem, bastava que ele intensificasse esse processo – a verdade, porém, é que a redenção é um novo *início*, algo inédito, virgem, original, um *fiat* creador de novos mundos – e o velho ego personal do homem é muito pequeno para produzir coisa tão grande.

O sofrimento é o ocaso de pequenez e a alvorada da grandeza.

Querem os escolásticos saber se o Cristo poderia ter remido o mundo sem o sofrimento, e não chegam a um acordo – a nós não nos interessa saber tal coisa: sabemos que, historicamente, a redenção foi feita através do sofrimento e que o Cristo “devia sofrer tudo isto para assim entrar em sua glória.”

A inteligência analítica nunca explicará o último porquê desse fato, mas a razão intuitiva adivinha uma grande verdade nesse acontecimento. Todo homem que passou vitoriosamente por um grande sofrimento compreende e aprova integralmente a epopéia do sofrimento de Jesus, porque sabe por experiência íntima que há no sofrimento algo de purificante e libertador, algo de espiritual e divino.

O sofrimento é o pior inimigo do ego, que vê nele uma diminuição da vida, porque nada enxerga para além das fronteiras da personalidade físico-mental-emocional; e, dentro deste âmbito, o ego tem razão; o mal está nessa mesma miopia inseparável do ego. O Eu espiritual em nós tem visão ampla, alcança grandes distâncias, abrange o todo da nossa existência, no tempo e no espaço, e também para além do tempo e do espaço; e por isto pode incorporar o sofrimento como um fator positivo e benéfico dentro do quadro geral da

existência humana. E, com isto, adquire o sofrimento a necessária transparência e plasticidade para se integrar no plano total do homem.

O ego humano é o Jesus em nós, mortal, que tem de ser crucificado – para que o Cristo imortal, o Eu divino, possa viver mais abundantemente e entrar em sua glória.

Por isto, qualquer doutrina ou atividade que poupe ao homem essa crucificação é um fator anti-cristão que não redime o homem. Há inúmeras doutrinas espiritualistas, místicas e esotéricas que, sob a bandeira do Cristo, impedem o homem de chegar ao Cristo, porque não querem saber do trecho que vai do Getsêmane ao Gólgota.

Quando dizemos “sofrimento” ou “crucifixão” não entendemos com esta palavra alguma mortificação arbitrária, como a que certos penitentes, antigos e modernos, infligem a seu corpo; nem entendemos o simples fato material de alguém suportar o inevitável; mas entendemos a mais árdua de todas as crucifixões, que consiste na completa e irrevogável identificação do homem com os dois grandes mandamentos da vida humana, o mandamento *vertical da mística divina* e o mandamento *horizontal da ética humana*. Essas duas linhas, do *ser* do *agir*, quando se encontram em ângulo reto, formam uma cruz, e no simbolizado desse símbolo é que está a redenção.

Amar a Deus de todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo – é esta a única crucifixão redentora, e é, no princípio, o maior dos sofrimentos, embora se converta, mais tarde, numa entrada na glória. A cruz do Calvário, ainda com o pé preso na terra, se transformará na cruz do Tabor, com as quatro pontas iguais e livremente suspensas no espaço – a cruz da glória e da vida eterna, conhecida em todas as grandes religiões e filosofias do mundo.

Para fazermos o teste e a prova de fogo do amor a Deus, basta que verifiquemos se, de fato, amamos nosso semelhante como a nós mesmos.

Enquanto não possuímos este amor humano, não nos iludamos sobre a posse do amor divino.

A ética é a única prova da mística.

Quem, de fato, identificou a sua vida individual com a Vida Universal, não pode deixar de sintonizar a sua vida pessoal com a de todas as outras criaturas de Deus. Quem ama a Deus tem de, forçosamente, amar aquilo que Deus ama –

e não existe criatura alguma no Universo que não seja alvo do amor de Deus.

Quem descobriu o Deus do mundo em si mesmo descobre-o também em todos os outros seres do Universo. É simples questão de vidência cósmica. A sintonia

com a vida do Criador produz necessariamente a sintonia com a vida de todas as criaturas de Deus.

O SACRIFÍCIO CÓSMICO DO NAZARENO

AOS TRINTA E TRÊS ANOS

Aos 33 anos, estava Jesus no auge da sua individualidade humana, perfeito em sua evolução física, mental e emocional.

E, no “domingo de ramos”, encerrou ele a sua carreira individual, acrescentando-lhe ainda o elemento social e nacional. Montado num jumento, entrou em triunfo na capital do país e permitiu que todo o povo, até as crianças, o ovacionassem delirantemente, proclamando-o “filho de David”, “rei de Israel”, isto é, legítimo herdeiro do trono nacional de David e Salomão.

O entusiasmo nacionalista atingiu o seu zênite, nesse dia. A suspensão era geral. Os discípulos de Jesus e o povo em geral esperavam pelo momento dramático em que o Nazareno usasse do seu irresistível poder de taumaturgo e da sua imensa popularidade para sacudir o jugo dos dominadores romanos e aceitasse publicamente a realeza de Israel e se fizesse proclamar rei e soberano político de seu país. “Senhor, é agora que vais restabelecer o reino de Israel?” – esta pergunta, formulada por alguns, estava na alma de todos.

Bastava que o Nazareno lançasse a centelha viva do seu “sim” nessa grande massa inflamável – e acabaria tudo numa vasta conflagração político-nacional.

Que poderia fazer Pôncio Pilatos, com todos os seus soldados, contra essa avalanche do crescente entusiasmo nacionalista de Israel em peso? O

governador romano deve ter estado sobre brasas, nesse dia.

Era chegado o momento decisivo. Jesus na grande encruzilhada da sua vida...

Dois caminhos se abriam diante dele, agora, no fim da sua vida pública – os mesmos dois caminhos que ele enfrentara no início da sua vida pública: o caminho do ego humano, pessoal, separatista, que quer gozar e ser

interesseiramente servido – e o caminho do divino EU universal, que quer sofrer e servir por amor desinteressado. Todas as vozes do ego personal, reforçadas pelos brados da multidão alvoroçada, convidam o Nazareno a tomar o partido do interesse individual e nacional, fazendo-se proclamar rei e soberano de um pedacinho de terra e de um grupo de homens, ato esse que, possivelmente, seria o ponto de partida para a conquista de “todos os reinos do mundo e sua glória”. Ele, porém, é surdo a essas vozes, porque percebe outra voz, que vem das profundezas de seu divino Eu, do seu eterno Cristo, voz que

falava de um “reino que não era deste mundo”, reino feito todo da vontade de dar, de servir e de amar...

Nunca, no decurso da sua vida pública, aceitara Jesus uma homenagem de caráter político-nacionalista, embora por diversas vezes os seus discípulos tentassem proclamá-lo rei de Israel. Desta vez, porém, no fim da vida, aos 33

anos, ele a aceita plenamente. Não aceitou, de fato, o mandato, mas mostrou que poderia aceitá-lo. Judeus e galileus, os discípulos e o povo, e até as crianças se sentiram contagiados pelo entusiasmo universal. Quando os sacerdotes, invejosos, estranham essa participação infantil na apoteose nacionalista e exigem de Jesus que chame à ordem as crianças, ele replica:

“Se estas se calarem, até as pedras clamarão.” Até a natureza mineral o reconheceria como sendo o rei de Israel, porque o prestígio do Nazareno atingia todos os setores da natureza, que votaria em peso pela realeza nacional de Jesus – se ele o quisesse.

Aceitar homenagens humanas, e até infra-humanas, não é contrário à espiritualidade – contanto que essas homenagens se integrem numa missão superior.

E Jesus as integrou. Depois de levar a sua vida individual, social e nacional ao fastígio do poder e da celebridade, destruiu tudo isto e o incorporou na sua missão redentora – assim como um alimento vigoroso e sadio é destruído para ser assimilado, em forma superior, pelo corpo humano.

Era chegado o momento em que Jesus ia dar o último passo para a realização do misterioso “sacrifício cósmico” da sua grande missão. O primeiro passo já fora dado, 33 anos atrás, quando o eterno Lógos se despojara dos esplendores da Divindade e se revestira de carne humana. Grande fora essa humilhação ditada

pelo amor, a descida do reino universal da luz para dentro do abismo individual das trevas; mas essa sua vida terrestre revelava ainda um tênue reflexo de glória, como se a luz divina transparecesse ligeiramente dos invólucros humanos – agora vão ser apagados também esses últimos reflexos de glória, e a escuridão vai ser total... O “sacrifício cósmico” vai ser plenamente consumado, no mais profundo e tenebroso nadir do auto-aniquilamento.

Para que esse sacrifício atingisse a sua plenitude era necessário que se desenvolvesse até ao máximo a humana individualidade de Jesus, e, depois, essa magnífica individualidade, no auge do seu poder e deslumbramento, se afogasse voluntariamente no oceano imenso da Divindade Universal. No auge da sua invulnerabilidade permitiria Jesus ser vulnerado, de maneira que, aos olhos dos homens, aparecesse como sendo extremamente vulnerável; porquanto, ninguém acredita que um homem, podendo evitar o sofrimento, o desprezo e a morte, aceite espontaneamente esses humilhantes negativos.

No zênite do seu poder e da sua popularidade individual, aos 33 anos, resolve Jesus descer ao nadir do contrário de tudo que lembra poder, grandeza, prosperidade, simpatia, entusiasmo e amor. No auge da plenitude desnuda-se de tudo e cai na ínfima vacuidade da existência. Sofrimento, ludíbrio, deserção dos amigos, desconfiança da sua lealdade, negação, traição, morte ignominiosa – não representa isto a extinção da vida humana?

Quem pouco tem pouco pode dar – mas quem muito tem muito pode abandonar. E nunca uma criatura humana teve mais, aqui na terra, do que o Nazareno, e, quando esse “muito” e esse “mais” atingiu ao “máximo”, então julgou ele chegado o momento propício para abrir mão de tudo, completando o misterioso sacrifício cósmico do amor.

Vai nessa atitude do Nazareno, talvez, o mais incompreendido mistério da sua vida, a mais esotérica das suas atitudes, a mais solene sacralidade da sua missão redentora... Elevar ao máximo a sua perfeição humana – e depois imolar todas essas grandezas na ara do amor divino...

O máximo da força revela-se no máximo numa aparente fraqueza – assim como o máximo da sabedoria se revela no fato de o sábio aparecer como insipiente. Quem é fraco ou insipiente deve solícitamente evitar todas as aparências de fraqueza e insipiência – mas quem se sabe soberanamente forte e sábio pode desencadear sobre si todas as tempestades de fraqueza e insipiência, na gloriosa

certeza de que nenhuma dessas aparentes fraquezas e insipiências pode amesquinhar de leve sequer a grandeza do seu valor interno.

Quem se sabe indestrutivelmente imortal não tem motivo para evitar a morte do corpo – mas quem não possui suficiente certeza da sua imortalidade não deve permitir a morte, nem seus aliados, os sofrimentos. De maneira que na espontânea permissão dos sofrimentos e da morte está o testemunho máximo da consciência da imortalidade.

A morte voluntária de Jesus é a suprema afirmação da sua imortalidade.

Integrar no Todo Universal algum indivíduo amorfo, não altamente diferenciado, pouco vale; é o que acontece em todos os reinos da natureza infra-humana, inconscientemente integrada em Deus.

Por outro lado, não integrar no Todo Universal uma individualidade altamente evolvida, como o homem consciente, é procedimento satânico de separatismo anti-divino, porque anti-cósmico.

Mas, integrar voluntariamente no grande Todo Universal a sua individualidade, no apogeu da sua pujança – isto é ato de suprema Verdade e Beleza, isto é

“entrar em sua glória”; com esse ato final tudo “está consumado”, como disse o único homem que realizou plenamente essa estupenda epopéia.

Quem promove o processo da evolução do indivíduo é *Lúcifer*, o Intelecto, o senso da personalidade do Ego.

Quem integra no grande Todo Universal esse Ego plenamente evolvido é o *Lógos*, a Razão crística, o Espírito, o senso do Eu universal. “Eu e o Pai somos um.”

Quando um Ego, depois de plenamente evolvido, tenta separar-se do Todo Universal, proclamando a sua autonomia separatista, frustra a sua integração cósmica e inicia a sua funesta jornada involutiva, que terminará fatalmente na

“morte eterna”, na “perdição ao inferno”, isto é, na total desintegração.

O processo da evolução humana é admiravelmente simbolizado na história do “filho pródigo”. A primeira parte representa a epopéia da evolução da individualidade: o jovem reclama do pai a “parte da natureza que lhe compete”, como diz o texto grego, e o pai lhe entrega em silêncio essa primeira parte da sua natureza em evolução individual.

O processo da integração do indivíduo no grande Todo Universal é representado na segunda parte da parábola, onde o ego, chegado ao máximo da sua evolução, é convidado a satanizar-se pela afirmação unilateral da sua personalidade, resolve, finalmente, não obedecer a essa sugestão, e acaba por se integrar no Todo Cósmico da casa paterna. No filho pródigo houve um início de “perdição”, quando ele obedeceu ao convite do tirano para guardar os porcos (apascentar o seu ego); mas o jovem “entrou em si” e descobriu a sua verdadeira natureza, e assim sustou em tempo o processo rumo à “morte eterna”, escapou à desintegração pelo fato de se integrar definitivamente no grande Todo Universal, adquirindo assim a “vida eterna”.

Em Jesus não houve início de separatismo pessoal, que o tentador no deserto lhe sugere repetidas vezes; Jesus estava livre dessa ilusão do ego, firmemente consolidado na verdade do seu divino Eu, como faz ver ao tentador: “Só a Deus adorarás e só a ele servirás.”

A redenção do homem consiste essencialmente nessa plena evolução do seu Eu individual e na perfeita integração desse seu indivíduo na ordem universal do cosmos, que se revela praticamente pelo amor.

A sequência dos fatos da paixão e morte do Nazareno ia mostrar que o seu sacrifício cósmico era completo, absoluto, integral. E não estava em jogo apenas a sua vida física, era todo o seu prestígio de homem, de cidadão, de avatar, de Messias divino. Durante a sua vida pública aparecera ele como

taumaturgo e como invulnerável. Agora, porém, vai renunciar a essas glórias: não fará nenhum milagre a seu favor – e todos o considerarão, daí por diante, como vulgar pseudo-taumaturgo, faquir e prestidigitador que iludiu as massas, mas falhou o teste no momento crítico. E a sua invulnerabilidade? Lá se foi ela!

Ecce homo! Eis o homem reduzido a uma chaga viva! Os seus piores inimigos,

os chefes da sinagoga, o desafiam arrogantemente: “Se tu és o filho de Deus, desce da cruz, e creremos em ti!” E ele não desce. Até os seus companheiros de suplício lhe põem à prova a messianidade, dizendo: “Se tu és o Cristo, o dileto de Deus, salva-te a ti e a nós também!” E ele não se salva da morte nem salva seus colegas...

Como é difícil recalcar no íntimo um poder imenso que possuímos e que, num instante, derrotaria todas as calúnias triunfantes! Quem o consegue, deve ser divinamente poderoso, para aceitar todas as derrotas e fraquezas da parte dos homens... Nunca o homem é tão integralmente glorioso como quando aceita espontaneamente ser ingloriamente inerte e aniquilado...

Foi este o sacrifício cósmico do Nazareno aos 33 anos.

ENTRADA SOLENE EM JERUSALÉM

Estranhamente, a semana da morte de Jesus começa com o maior triunfo da sua vida terrestre, a sua entrada solene na capital de Israel, no primeiro dia da última semana, que hoje chamamos domingo de ramos.

É também esta a única vez que o Evangelho menciona ter Jesus montado num animal, não num feroso corcel dos oficiais romanos, mas num humilde jumento, em que ainda ninguém havia montado.

É esta também a primeira e única vez que o profeta de Nazaré é delirantemente ovacionado e aclamado como “Filho de David”, o que equivalia a uma tentativa de o proclamar herdeiro do trono real de Israel.

E Jesus aceita tranquilamente todas essas homenagens patrióticas de caráter quase nacionalista.

A sua fama atingira o clímax da popularidade.

Cerca de uma semana antes, na vizinha aldeia de Betânia, ressuscitara ele seu amigo Lázaro, no quarto dia depois da morte.

Neste domingo último, o Mestre, profeta e taumaturgo é alvo de um entusiasmo nacionalista. A tal ponto chegou o alvoroço do povo que muitos cortaram ramos e folhagens das árvores vizinhas e com eles juncaram as ruas por onde Jesus ia passar; outros estendiam na rua os seus mantos coloridos para que o grande profeta, montado em humilde burrinho, passasse sobre eles.

Todos clamavam em altas vozes: “Hosana! Bendito seja quem vem em nome do Senhor! Viva o Filho de David!”

À frente do cortejo andavam os discípulos de Jesus atizando o fogo do entusiasmo patriótico, na certeza de que chegara o dia suspirado da inauguração do Reino de Deus, que eles, como bons israelitas, identificavam com a restauração do glorioso reino de David e Salomão. Até as crianças estavam contagiadas pela embriaguez patriótica e cantavam viva a Jesus a tal ponto que alguns se escandalizaram com as ovações da infância, dizendo a Jesus: “Estás ouvindo o que dizem essas crianças?” “Sim, estou ouvindo”, respondeu Jesus, e acrescentou: “Se elas se calarem, até as pedras clamarão.”

Encravada no muro do Templo Sagrado de Jerusalém estava a fortaleza romana, o famoso Castelo Antônia; Pilatos, o governador romano, deve ter

estado sobre brasas. Que podia ele fazer com a sua pequena guarnição militar contra essa avalanche do entusiasmo popular? A fortaleza seria invadida pelas massas alvoroçadas e arrasada, como, mais tarde, aconteceu com a famigerada Bastilha de Paris, e nenhum dos dominadores estrangeiros escaparia vivo. Bastava que o Nazareno lançasse a fagulha do seu “sim” nessa enorme massa inflamável e bradasse o seu “independência ou morte”.

Israel, escravizado, havia mais de meio século, proclamaria a sua independência nacional.

Mas... os lábios do Nazareno permaneceram fechados. O seu semblante continuava impassível, sem um sinal de alvoroço.

Quem podia compreender esse homem enigmático? Senhor de estranhos poderes mágicos, credor do entusiasmo de um povo inteiro – por que não se manifestava?

Havia três anos que o Nazareno vinha falando diariamente do Reino de Deus, que ele ia proclamar sobre a face da terra. Que é que ele entendia com esse Reino? “O meu Reino não é deste mundo, o Reino de Deus está dentro de vós”

– quem podia compreender palavras tão misteriosas?

O cortejo triunfal se dirigiu à colina de Sion, em cujo topo se erguia o majestoso Templo, centro religioso e nacional de Israel. Todos esperavam que a proclamação da independência nacional de Israel fosse realizada nesse santuário.

Nada aconteceu...

Jesus não tomou atitude nem pró nem contra os anseios patrióticos de Israel.

Quem podia compreender esse homem enigmático?

Neste dia memorável, Judas Iscariotes, o único discípulo judeu de Jesus, acabou por se desiludir definitivamente. O Rabi da Galiléia não era o que ele esperara...

Ao entardecer, retirou-se Jesus de Jerusalém e foi passar a noite e os dias seguintes com seus amigos Lázaro, Maria e Marta, em Betânia, perto da capital. Sabia ele que se aproximava o sanguinolento ocaso da sua vida terrestre, e ele queria passar esses últimos dias na convidativa companhia de algumas almas sintonizadas com ele... Grande foi também a decepção da Sinagoga, conselho religioso de Israel. Se esse homem, como dizia o povo, era o Messias anunciado pelos profetas antigos, porque não se declarava a favor do povo eleito de Deus?

De tudo isto sabia Jesus – mas não reagiu, e foi tranquilamente ao encontro do seu destino trágico. Ele não era deste mundo. Não pensava como os habitantes do planeta terra. Para ele, martírio e morte não eram o fim da vida.

Ele viera à terra com outro plano. “Ninguém me tira a vida – dissera ele – eu deponho a minha vida quando eu quero, e retomo a minha vida quando eu quero.”

Quem podia compreender um homem tão incompreensível?

JESUS UNGIDO EM BETÂNIA

Domingo à tarde, após a sua solene entrada em Jerusalém, retirou-se Jesus para a próxima aldeia de Betânia, que quer dizer “Casa da Graça”, onde morava o trio dos seus amigos Lázaro, Maria e Marta.

Nesta solidão passou ele os seus últimos dias, provavelmente até à noite da quinta-feira.

Convidaram o Mestre para um jantar.

Durante a refeição, ocorreu um episódio que parecia ser como que um vislumbre do aconteceria no dia seguinte: Maria, numa silenciosa inspiração mística, ajoelhou aos pés do Mestre com um frasco de unguento precioso de nardo puro, quebrou o gargalo e deitou a perfumosa essência sobre os pés de Jesus, e o resto sobre os cabelos dele. Encheu-se do delicioso aroma a casa toda.

O Mestre aceita tranquilamente esta homenagem da parte de sua discípula, que não proferiu uma única palavra.

Mas quem estranhou o gesto de Maria foram os discípulos de Jesus, que estavam presentes, sobretudo Judas Iscariotes. “Para que esse desperdício?”

murmuravam eles – “não teria sido melhor vender esse perfume por 300 denários e dar o dinheiro aos pobres?”

Jesus, porém, defende a sua discípula, dizendo: “Deixai-a em paz! Ela praticou um obra boa comigo, unguindo-me para o meu sepultamento. Pobres sempre os tereis convosco e podeis fazer-lhe bem quando quiserdes – a mim, porém, nem sempre me tereis.”

Um conflito entre dois mundos: entre o mundo da mística e o mundo da filantropia, entre o mundo vertical de Deus e o mundo horizontal dos homens.

E o Mestre se declara a favor do primeiro mundo, sem condenar o segundo. Na sua clarividência, percebe ele que a verdadeira filantropia tem raízes no mundo da mística; quem ama a Deus não pode deixar de fazer bem aos homens. O

seu programa é “adorar e servir”. E nenhuma liturgia externa prestada ao representante da Divindade é desperdício, mas sim a realização do amor aos homens: amarás o Senhor teu Deus com toda a sua alma, com toda a tua mente, com todo o teu coração e com todas as tuas forças, e amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Nesta memorável noite, na “casa da graça”, foi proclamada a plataforma do Reino de Deus, que poderia fazer feliz a humanidade que a realizasse.

A PARÁBOLA DO LAVA-PÉS

Antes de falar a seus discípulos do amor integral como sendo o novo mandamento, o sinal característico da verdadeira cristicidade, procede Jesus ao ato simbólico do lava-pés.

Por quê?

Para mostrar-lhe que só pode amar realmente quem está disposto a servir. De ego a ego não há amor integral, mas só de Eu para Eu. O ego ilusório do homem sempre quer ser servido, e não está disposto a servir.

Já em outra ocasião, dissera o Mestre a seus discípulos: “Quem entre vós quiser ser grande, seja o servidor de todos.”

O homem profano, egocêntrico, só vê grandeza em mandar aos outros e ser por eles obedecido e servido. É esta a filosofia do homem que se identifica com o seu ego ilusório. Mas, quando ele descobre a verdade “Eu e o Pai somos um”, eu sou a minha alma, o meu Eu central, então acha felicidade em servir, espontânea e gratuitamente, aos outros; o conhecimento da verdade sobre si mesmo o libertou da ilusão. Por isto, a verdade também é chamada humildade.

Humildade nada tem que ver com servilismo e mesquinhez; humildade é grandeza, por ser a consciência e a vivência da verdade libertadora. Só pode amar realmente quem descobre em si a verdade e vê em qualquer ser humano esse mesmo Eu divino que descobriu em si mesmo; só então pode ele amar de alma para alma, e servir voluntariamente de alma para alma.

Sem esse prelúdio da verdade ou humildade, não é possível o amor integral, de que fala o Mestre.

Por isto, se ajoelhou ele aos pés de seus discípulos e lhes lavou os pés, abrindo, por assim dizer, as portas para a invasão do verdadeiro amor.

Muitos servem por *dever*, poucos servem por *querer*. O que dá grandeza e libertação não é o dever-servir, mas o querer-servir. A imensa maioria da humanidade serve e deve servir, porque a isto a obrigam as circunstâncias e condições sociais; mas nem por isto o homem é grande; pode ser um servidor mesquinho, escravo por fora e escravo por dentro. O maldito *tu debes* não dá grandeza; somente o bendito *eu quero* é que liberta o homem de toda a pequenez e mesquinhez interior.

No episódio do lava-pés, é o superior que serve o inferior, o Mestre ao discípulo. E esse ato externo de servir é que é a expressão de uma atitude interna, como Jesus explica em outra ocasião: o Filho do Homem não veio para ser servido, mas sim para servir e para pôr sua vida a serviço dos pecadores, que só querem ser servidos. Essas palavras foram erroneamente interpretadas como um prenúncio da sua morte expiatória. Entretanto, o maior serviço que alguém pode prestar a seu semelhante não é morrer por ele, mas sim viver por ele; o maior serviço não é morrer uma única vez, mas viver sempre por amor de outrem, servindo-o voluntariamente.

Neste sentido, disse o Mestre: “Maior amor não tem ninguém do que aquele que dá a sua vida aos outros”, que põe a sua vida a serviço dos outros.

Quando chegou a vez de Pedro, este, impetuoso e explosivo como sempre, não quis permitir que o Mestre lhe lavasse os pés. Jesus, porém, insiste dizendo que é necessário que assim aconteça, para que Pedro tenha contato espiritual com ele, para que o exemplo do Mestre transforme o discípulo. Então Pedro se oferece para que Jesus o lave totalmente, por sinal que não compreendia o sentido simbólico do lava-pés.

Pouco depois disto, procedeu Jesus a outra parábola, o mistério do pão e do vinho, que, nesta ocasião, não foi compreendida pelos discípulos em seu sentido simbólico, mas foi compreendido integralmente na manhã do Pentecostes, quando eles, e mais outros, comungaram o Cristo em espírito e em verdade.

O NOVO MANDAMENTO DO

AMOR INTEGRAL

Na quinta-feira à noite, deu Jesus ordem a seus discípulos para prepararem a ceia do cordeiro pascal, prescrita pela lei antiga. Era a comemoração anual da libertação de Israel da longa escravidão no Egito.

Os discípulos prepararam a ceia comemorativa na casa de um de seus amigos, em Jerusalém, que desde então se chama o Cenáculo, ou seja, Casa da Ceia.

Durante a ceia deu Jesus as suas últimas instruções a seus doze discípulos que com ele estavam à mesa. O evangelista João conservou-nos destas instruções um relato extenso e profundamente misterioso. Entre outras coisas, disse o Mestre: “Um novo mandamento vos dou, que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei. Por isto, há de o mundo conhecer que sois discípulos meus, que vos ameis uns aos outros.”

À primeira vista, parece estranho que o Mestre dê a esse preceito o nome de “o novo mandamento”, quando todos os mestres espirituais da humanidade, de todos os tempos e países, ensinaram o mesmo: que o homem deve amar a seu semelhante como se ama a si mesmo.

Por que diz Jesus que este é o *mandamento dele*, e que este é um *novo mandamento*?

“Como eu vos amei” – estas palavras são a chave da compreensão.

Pode-se amar a seu semelhante de dois modos: humanamente ou divinamente. Quem ama a seu semelhante humanamente, como um ser humano igual a ele, pratica filantropia, vendo no outro ego um ego igual a ele, vendo no *tu* uma duplicata do *eu*. Este amor filantrópico é bom.

Mas há um amor muito mais alto e perfeito, que Jesus chama um novo mandamento, que será o distintivo característico dos verdadeiros discípulos dele. Esse amor *crístico* supõe que o homem não veja no outro homem apenas um *ego-tu* igual ao *ego-eu*, mas veja no outro o *Eu* divino, o Cristo interno, a imagem de Deus e o ame sobretudo por esta razão.

Mas, para que alguém possa amar outro homem como um Eu divino e não

apenas como um ego humano, deve ele, antes de tudo, descobrir esse Eu divino em si mesmo, deve ter a experiência mística: “Eu e o Pai somos um, o

Pai está em mim”, a minha essência central é divina, embora a minha existência seja humana.

Quem se ama a si mesmo deste modo essencializa a sua existência, diviniza a sua humanidade. E por isto pode também amar qualquer ser humano com esse mesmo amor.

A fim de concretizar esses dois modos de amar, sirvamo-nos do seguinte diagrama:

Se o Eu ama o Tu *linearmente*, na horizontal, de Eu para Tu, tem ele um amor humano, de ego para ego, que é filantropia. Mas, se o Eu ama o Tu *via Deus, triangularmente*; se ele amar o seu semelhante por ser imagem de Deus, então ele o ama com amor místico. Este é o amor a que Jesus se refere, e que ele chama o novo mandamento dele. Este é o amor integral. O amor místico inclui necessariamente o amor filantrópico, mas este não inclui necessariamente aquele. O amor místico que se revela em amor filantrópico é um amor integral.

O amor integral, como se vê, supõe autoconhecimento. Não pode haver alo-amor sem auto-amor; não posso saber como amar o Tu, se não sei amar o Eu.

O auto-amor é um Cristo-amor, um Teo-amor, porque o Deus em mim é o Deus em ti. Se eu me amo por se a imagem de Deus, amo também o outro por ser a imagem de Deus.

Neste caso posso amar qualquer criatura humana, embora seja feia, ingrata, inimiga; porque esses defeitos não são da sua essência divina, do seu Eu real, mas apenas da sua existência humana, do seu ego ilusório.

O Mestre não se refere a um ego-amor, mas a um Eu-amor, ao amor que tem por base o centro divino do homem, e daí se irradia para todas as periferias do ego humano.

Não se pense que esse amor integral seja um “amor platônico”, um amor abstrato, teórico, puramente espiritual. O amor integral, que Jesus chama o novo

mandamento, é um amor do homem integral; o homem integral, porém, é espírito, mente, emoções e corpo.

Quando, certo dia, um doutor da lei, um teólogo da Sinagoga, perguntou ao Nazareno qual era o maior mandamento, isto é, a coisa mais importante da vida humana, respondeu o Mestre com a definição do amor integral, dizendo que o homem deve amar a Deus com toda a sua alma, com toda a sua mente, com todo o seu coração e com todas as suas forças, e fazer transbordar esse amor vertical em amor horizontal, amando a qualquer criatura humana como a si mesmo. E ilustrou o amor humano com a maravilhosa história do bom samaritano.

Esse novo mandamento do amor integral é a síntese do autoconhecimento e da auto-realização.

A MISTERIOSA PARÁBOLA

DO PÃO E DO VINHO

Ainda estava Jesus com seus discípulos à mesa da última ceia. Com a traição de Judas, estava virtualmente declarada a sua sentença de morte.

Nesta linha divisória entre a vida do Jesus humano e a vida do Cristo divino, recorreu o Mestre a uma parábola genial, tão profundamente misteriosa e esotérica que, em quase dois mil anos, não foi compreendida pela cristandade, e até explorada por alguns para fins deploravelmente profanos.

“Ansiosamente desejei comer convosco esta ceia pascal, antes que padeça...

Convém a vós que eu me vá, porque, se não for, não poderá vir a vós o espírito da verdade.” Isto é, convém que o meu Jesus humano seja desintegrado pela morte, para que o meu Cristo divino seja integrado em vossas almas pela fé.

Em seguida, tomou Jesus nas mãos um pão, agradeceu-o, benzeu-o e disse:

“Isto, meu corpo, que é entregue por vós.” Depois tomou nas mãos um cálice de vinho, agradeceu-o, benzeu-o e deu-o a seus discípulos, dizendo: “Isto, o novo dispositivo em meu sangue, que é derramado sobre vós.”

O Evangelho segundo Marcos acrescenta: “Para remoção de erros”, que as versões modernas traduzem “para remissão de pecados”. Jesus se refere ao erro dos judeus e de outros, de que o sangue físico possa anular pecados. O

vinho no cálice é “o novo dispositivo (testamento) em seu sangue”; não é o sangue físico que anula pecados, mas o sangue metafísico da fé ou transformação espiritual, o despertar do Cristo interno, como ocorreu na manhã de Pentecostes.

O texto aramaico, que Jesus falava, não diz “isto é meu corpo, isto é meu sangue”, mas sim: isto, meu corpo; isto, meu sangue, devendo entender-se: este pão representa meu corpo, este vinho simboliza meu sangue. Também não está

no futuro o verbo “que será entregue, que será derramado”, mas está no presente: “que é entregue, que é derramado”. Na quinta-feira não foi entregue o corpo nem derramado o sangue real de Jesus, senão apenas o seu corpo e sangue simbólicos, em forma de pão e vinho.

Este simbolismo místico-esotérico não é explicado por Jesus, nem foi compreendido por seus discípulos. Referindo-se ao pão e ao vinho que deviam ser ingeridos, refere-se o Mestre ao processo de assimilação dos alimentos, sólido e líquido, que só é possível depois da destruição deles pela trituração e digestão das suas substâncias materiais. A integração das energias invisíveis (calorias) de qualquer alimento supõe a desintegração prévia dos mesmos.

Sem a desintegração do corpo do alimento não há integração da alma dele. De modo análogo, vai o Jesus visível ser desintegrado pela morte voluntária para que o Cristo invisível possa ser assimilado por seus discípulos, como realmente aconteceu algumas semanas depois, quando 120 pessoas, homens e mulheres, comungaram o Cristo em espírito e em verdade, dando início ao verdadeiro cristianismo sobre a face da terra.

Se os discípulos, na última ceia, tivessem comungado realmente Jesus, ter-se-iam espiritualizado totalmente; mas o que, logo depois, ocorreu, prova que não receberam a sagrada comunhão, no sentido de hoje, porque um dos supostos comungantes consumou o plano da traição e suicidou-se; outro negou o Mestre três vezes, jurando não ser discípulo dele; e todos os outros, à exceção de um, fugiram covardemente.

Com nenhuma palavra, depois da ressurreição, estranha o Mestre esse fracasso vergonhoso dos supostos neo-comungantes e neo-sacerdotes, porque sabia que a ingestão dos símbolos materiais, pão e vinho, não espiritualiza ninguém. Mais tarde, porém, no Pentecostes, quando eles e outros comungaram realmente o Cristo, não houve traição nem suicídio, nem negação, nem deserção de nenhum deles; pelo contrário, todos estes Cristo-comungantes sofreram jubilosamente perseguição e morte por amor dele.

Mas, para que se desse essa grande metamorfose espiritual, foi necessário que os discípulos ficassem 9 dias em silêncio e oração no cenáculo, conforme o Mestre lhes ordenara.

Enquanto o cristianismo se contentar com a comunhão do Jesus eucarístico e não

realizar a comunhão do Cristo carismático, continuará a haver traição, suicídio, negação e deserção dos supostos comungantes.

A compreensão da parábola do pão e do vinho, e sua realização na vida, marcaria o início da verdadeira cristicidade na face da terra, em vez do nosso cristianismo tradicional. Mas, para essa comunhão do Cristo é indispensável um prelúdio prolongado de silêncio e meditação. E, além disto, é necessário o abandono de um equívoco milenar de que uma classe de cristãos possa fazer o que o Cristo não fez: a transubstanciação do pão e do vinho no corpo e no sangue dele.

“As palavras que vos digo são espírito e vida – a carne de nada vale... fazei isto em memória de mim.”

**“VEM O PRÍNCIPE DESTE MUNDO,
MAS SOBRE MIM NÃO TEM PODER ALGUM,
PORQUE EU VENCI O MUNDO”**

Vai, através de todo o Evangelho e dos livros sacros em geral, a constante afirmação de que este mundo está sob o poder do “príncipe das trevas”, inimigo de Deus e dos seus enviados. E o próprio “príncipe das trevas”, que, no deserto, aparece a Jesus como sendo o “tentador”, confirma esta verdade, dizendo: “Eu te darei todos os reinos do mundo e a sua glória, porque são meus e eu os dou a quem eu quero – se te prostrares em terra e me adorares.”

O mundo está posto “no maligno”.

Esse príncipe do mundo é um poder de grande inteligência, dono de forças mágicas, em face das quais toda a força e inteligência humana é irrisoriamente pequena. Tem às suas ordens outros seres, também invisíveis, que por Jesus são apelidados de “instrumentos” (*skeua*, em grego; *vasa*, em latim) e

“armadura” (*panoplia*, em grego; *arma*, em latim). O “príncipe das trevas”, ou “príncipe deste mundo” aparece também com o nome hebraico de *satan* (adversário), com o nome grego *diabolos* (em latim *diabolus*), que quer dizer opositor; uma ou outra vez é chamado *beelzebub* ou *beelzebul*, que significa literalmente “rei da impureza” ou “rei das moscas” (que gostam de impurezas).

Os “instrumentos” e “arma” desse “príncipe das trevas” aparecem, no Evangelho, como “demônios”, “espíritos impuros”, “espíritos malignos”.

Segundo os livros sacros, *satan* é um ser de alta *mentalidade*, senhor do mundo material e cheio de orgulho e arrogância – ao passo que os demônios são seres de um mundo muito inferior, que alguns chamam *elemental*, outros *astral*, seres que não possuem consciência ética, sendo moralmente neutros, podendo, todavia, instalar-se no corpo humano e até em corpos animais, desequilibrando-lhes as funções mentais e vitais.

A linguagem popular, e, infelizmente, também os teólogos eclesiásticos e os escritores comuns (sem excetuar Giovanni Papini), confundem “diabo” com

“demônio”, usando esses termos como homônimos, o que é inteiramente contrário ao espírito do Evangelho e do bom senso. Chegam ao absurdo de afirmar que Jesus foi tentado pelo “demônio” e põem na boca desses seres covardes e fracos as palavras de “*satan*” que revelam estupendo poder e incrível arrogância, qualidades possíveis só no plano de alta mentalidade e magia intelectual. Na cena da tentação, *satan* exige que Jesus o adore como Deus, presunção que nunca passou pela primitiva consciência de um demônio.

Os demônios tremem à aproximação do Cristo e, covardes, até pedem permissão para entrarem nos corpos de uma manada de porcos, e tão fracos se revelam que nem conseguem manter em vida esses seus vínculos primitivos. *Satan* nunca fez pedido tão humilhante, mas desafia, com suprema arrogância, aquele homem em que ele suspeita um “filho de Deus”: “Se tu és o filho de Deus”... (O texto grego não diz “o filho de Deus”; o latim, por falta de artigo definido e indefinido, deixa em dúvida o sentido). O que o tentador entendo por “filho de Deus” é um ser humano da mais alta evolução espiritual.

A mentalidade de *satan* move-se inteiramente no plano dos interesses pessoais, do mundo objetivo, externo, físico-mental, como se vê através das três fases da tentação; os seus reinos são deste mundo, nada sabe de um reino de Deus dentro

do homem.

“Mundo”, na linguagem de Jesus, não é termo geográfico; não significa alguma área de terra com determinada extensão; diante de Pilatos, frisa Jesus esse caráter do seu reino: “O meu reino não é deste mundo... se deste mundo fosse o meu reino... mas o meu reino não é daqui.” A palavra “reino” (*basiléia, regnum*) vem de “reger”, isto é, “abranger” e indica aquilo que o poder da consciência pode atingir. “Reino” é um estado de consciência de maior ou menor intensidade. O “reino deste mundo” representa um estado de consciência físico-mental; o “reino que não é deste mundo” indica um estado de consciência espiritual, o contato consciente com uma Realidade além de todas as realidades, ou pseudo-realidades, que as vibrações físico-mentais possam abranger.

Afirma Jesus que “vem o príncipe deste mundo, mas sobre mim não tem poder algum”. Vem? Não está aqui? Se o mundo material é dele?

Da mesma forma que o “reino dos céus está dentro de vós”, mas, apesar disto, somos convidados a orar sem cessar “venha a nós o teu reino”, assim também está entre nós, e até dentro de nós, o reino de satan, mas ainda não em evolução. De semi-manifesto que é, se tornará pleni-manifesto entre os homens. “O príncipe deste mundo virá” e exercerá tremendo poder sobre os homens que se lhe entregarem incondicionalmente, adorando-o como se fosse a suprema divindade. É ele o “anti-Cristo”, o “contra-Cristo”, persuadindo os homens a estabelecerem aqui na terra o seu definitivo céu.

A humanidade de hoje está longe desse termo. A nossa inteligência depende ainda da matéria. Estamos numa evolução material-mental. Algum dia entraremos na zona astral-mental, realizando as nossas concepções intelectuais diretamente pelas energias invisíveis das leis da natureza, sem a necessidade de concretizarmos as nossas idéias em máquinas e aparelhos materiais. Seremos capazes de transformar pedra em pão pela força da magia

mental, desponderar o nosso corpo, lançando-nos de qualquer “pináculo”

abaixo sem perigo de vida, e apoderando-nos de todos os reinos do mundo e sua glória, sem necessidade de canhões, metralhadoras, bombas atômicas, e outras infantilidades da nossa atual civilização material-mental. Como Moisés, o maior dos magos mentais que a história conhece, seremos capazes de matar os nossos

inimigos através de algum invisível “anjo exterminador” que a nossa mente mágica mandará de casa em casa.

Esse é o império máximo do príncipe deste mundo, o “poder das trevas”.

Esse “falso profeta” virá com todo o seu poder. A humanidade da Era Atômica é apenas uma etapa preliminar e um trampolim para esse advento do poder das trevas, que tem poder sobre todos os que não se entregaram de corpo e alma ao Cristo, cujo reino não é deste mundo. “Sobre mim não tem ele poder algum, porque eu venci o mundo.”

O homem mental de hoje venceu, em grande parte, embora precariamente, o mundo material, mas quase nada sabe do mundo espiritual, e por isto não tem poder sobre o príncipe deste mundo.

O poder vem da experiência íntima, o contato direto com o Infinito.

Quem entra em contato com o Infinito pela experiência “eu e o Pai somos um”, esse tem poder sobre o mundo inteiro e sobre o próprio príncipe deste mundo, porque “tudo é possível àquele que tem fé”. Ter fé, no Evangelho, não quer dizer aderir a uma determinada doutrina teológica, mas sim ter contato íntimo com a Infinita Realidade, Deus. O homem que tem essa experiência está redimido do poder de satan, porque é um homem crístico, e pode dizer com o Cristo: “Vem o príncipe deste mundo, mas sobre mim não tem poder algum, porque eu venci o mundo.”

Demônio, Lúcifer, Lógos...

Convém não esquecer que estes três nomes representam três mundos dentro de cada um de nós, o mundo *subconsciente* (Demônio), o mundo do *consciente* (Lúcifer) e o mundo do *superconsciente* (Lógos, Cristo). Conforme o grau de despertamento e prevalescência de um desses estados evolutivos, é o homem determinado ou pelo mundo *elemental* (Demônio), ou pelo mundo *mental* (Lúcifer) ou pelo mundo *racional* (Lógos, Cristo).

Quando o mundo elemental domina soberano, sem intervenção do mundo mental e racional, vive o homem no plano do subconsciente, como os seres infra-humanos, dos reinos mineral, vegetal e animal; esse estado, natural nos seres

desses reinos, é desnatural no homem; não representa apenas uma *ausência*, mas uma *privação*.

Quando o mundo mental domina sobre o mundo elemental, mas não sabe do mundo racional, então vive o homem no plano luciférico, isto é, simplesmente intelectual; mas quando esse homem mental se opõe conscientemente ao mundo racional e o rejeita, então entra ele na zona da oposição, que em hebraico se chama *satan*, e em grego *diabolos*. Satânico ou diabólico não é o Lúifer em si, mas apenas na sua atitude de anti-racional ou anti-crístico.

Quando o mundo racional do homem consegue dominar sobre os mundos inferiores, elemental e mental, então entra o homem na zona espiritual; se a atitude do homem procura eliminar os mundos inferiores em vez de os integrar na consciência superior, então pratica ele uma espiritualidade mística, isolante; mas, se consegue integrar na consciência superior todos os mundos inferiores, então atinge ele as alturas do homem crístico, que é o homem integral ou cósmico.

Os mundos fora de nós exercem sobre nós uma atuação diretamente proporcional à receptividade do nosso mundo de dentro, porquanto “o recebido está no recipiente segundo a capacidade do recipiente”. Todo homem é afetado por um objeto externo na medida que esse objeto encontra eco e ressonância dentro dele, ou seja, segundo o grau da sua consciência subjetiva.

Um objeto do qual eu não tenho consciência alguma não existe para mim, é totalmente inexistente para mim, embora possa existir em si, objetiva e ontologicamente. O meu único mundo é o mundo da minha experiência subjetiva; de um outro mundo, meramente objetivo, nada sei.

Se o mundo material me afeta exclusivamente, então é este o meu único mundo, como acontece com os seres do mundo mineral, vegetal e animal.

Se o mundo mental predomina em mim, o meu mundo principal é este.

Se o mundo racional (espiritual) atua como mundo central em mim, então os outros mundos – mental e material – recuam para planos secundários, vagos, longínquos, podendo chegar ao ponto de se extinguir completamente, isto é, para mim, embora em si continuem a existir.

O plano de consciência que foi vencido por mim, isto é, ultrapassado, não tem

poder sobre mim; mas o que não foi vencido por mim, tem poder sobre mim. Eu sou senhor de tudo que ultrapassei – eu sou escravo de tudo que não ultrapassei.

O homem racional, que atingiu as alturas do Cristo, não pode ser derrotado pelos planos mental ou material, porque já venceu esses planos.

O plano mental-material, do intelecto e dos sentidos, é, nos livros sacros, chamado “o mundo”. O homem espiritual venceu o mundo, desertando do mundo, o que não é ainda uma vitória completa e integral, porque deserção supõe medo e fraqueza, embora seja sinal de boa vontade; a vitória completa é

a do homem que superou o mundo de tal modo que possa viver no mundo sem ser do mundo; o homem cujo reino não é deste mundo, embora esteja ainda neste mundo.

Esse é o home crístico, integral, o homem cósmico.

Vem o príncipe deste mundo, toda a mentalidade luciférica, mas sobre esse homem não tem poder, porque ele venceu o mundo.

O homem que venceu o mundo não é escravo do mundo nem desertor do mundo, mas senhor do mundo.

“EU ESTOU NO PAI, E O PAI ESTÁ EM MIM”

Muitas vezes e de modos vários repete Jesus esta verdade: que ele está no Pai e que o Pai está nele. Afirma, também, que o Pai está em seus discípulos e que eles estão no Pai. Diz que não é ele que faz as obras, mas que é o Pai que nele está que as faz... Diz que a doutrina que ele ensina não é dele, mas sim daquele que o enviou, o Pai...

Com estas palavras enuncia Jesus o princípio central de toda a religião e filosofia digna deste nome. Na Índia e no Egito foi, em tempos antigos, amplamente desenvolvido esse princípio básico de toda a sabedoria: Deus está em tudo e tudo está em Deus – nada é separado de Deus e nada é idêntico a Deus, tudo é distinto de Deus.

A verdadeira filosofia ou religião é equidistante do dualismo separatista ocidental e do panteísmo identificador oriental.

Os filósofos enunciam este princípio, geralmente, em termos abstratos, ao passo que a linguagem de Jesus é essencialmente concreta e familiar.

Logo depois de afirmar a imanência de Deus nele: “Eu e o Pai somos um”, acrescenta Jesus o fato da transcendência, dizendo: “Mas o Pai é maior do que eu.”

No tópico que encima estas páginas, o conceito central é a palavra “Pai”. Nas filosofias humanas vem esta idéia expressa por palavras como “Essência”,

“Causa-Prima”, “Brahman”, “Tao”, “Eidos”, “Natura naturans”, “Coisa em si”

(*das Ding na sich*). Também aparece como o Absoluto, o Infinito, o Eterno, o Todo, a Alma do Universo, a Consciência Cósmica, *etc.*

Do fato de Jesus apelidar essa suprema Realidade de “Pai”, concluíram muitos teólogos ocidentais que ele considerava a Deus como um indivíduo ou como uma pessoa. Essa conclusão, porém, não procede. Seria absurdo admitir que Jesus supusesse a presença duma outra pessoa ou indivíduo dentro dele ou dentro de seus discípulos.

O que Jesus chama “Pai” é o elemento divino em sua pessoa humana, o eterno Lógos que no princípio estava com Deus e que era Deus.

É também neste sentido que Paulo escreve “O Cristo vive em mim”. O Jesus, essa pessoa humana, não pode viver em outra pessoa humana, mas o espírito

de Deus, que em Jesus se chamava o Cristo, pode viver em qualquer pessoa humana. Quando o divino Lógos se encarna em A ou B ou C, é ele o Cristo dessa pessoa, único e irrepetível nessa forma individual. Toda vez que o divino Lógos se encarna numa pessoa humana, aparece novamente o Cristo, mas o seu modo de ser, a sua existência, varia de pessoa a pessoa, consoante as condições peculiares que A, B ou C lhe oferecerem.

A presença do Pai é um fato em todos os homens, como Jesus afirma claramente. É ele que ilumina a todo o homem que vem a este mundo.

Mas a consciência que os homens tem dessa presença passa por inúmeros graus. E é precisamente o grau dessa consciência do Deus imanente que determina a perfeição de cada um. Pode o grau dessa consciência ser 10 em A, 20 em B, 50 em C, e assim por diante. Em Jesus, era tão nítida e intensa essa consciência da presença do Pai que ele podia dizer em verdade: “Eu e o Pai somos um”, “as obras que eu faço não sou eu que as faço, mas é o Pai que em mim está que as faz”... Jesus fora “ungido” plenamente pelo elemento divino, razão pela qual é chamado o “Ungido” (em grego *Christós*).

Na sua *essência* é todo homem idêntico a Deus; na sua *existência* é ele infinitamente inferior.

Toda a cristificação do homem consiste em que ele procure harmonizar a sua *existência humana* com a sua *essência divina*; o plano horizontal da sua *ética* com o plano vertical da sua *mística*; sintonizar o seu externo *agir* com o seu interno *ser*.

“Eu e o Pai somos um – mas o Pai é maior do que eu.”

“O reino de Deus está dentro de vós – orai sem cessar: “venha a nós o teu reino!”

**“DOU-VOS A MINHA PAZ, PARA QUE MINHA
ALEGRIA ESTEJA EM VÓS”**

E prossegue o Mestre, dizendo a seus discípulos, em vésperas de sua morte:

“Para que seja perfeita a vossa alegria, e ninguém mais tire de vós a vossa alegria.”

É este o cântico da paz e da alegria de um homem que se acha a poucas horas da mais horrorosa das mortes e da mais profunda das humilhações. Tão abundante é a paz da alma e a alegria do seu coração que ele as faz transbordar para dentro de seus discípulos, que não enfrentavam esses horrores.

Quase todos os cristãos do mundo estão habituados a ler e ouvir que o Cristianismo é a religião da cruz e do sofrimento, por ser a mensagem da renúncia e do sacrifício. E, como o mais profundo e veemente brado da natureza humana e de todo o ser, é o anseio de vida abundante e perfeita alegria, poucos homens estão dispostos a abraçar a alma do Cristianismo em toda a sua plenitude, contentando-se com certas práticas externas. Para eles, Cristianismo e

alegria são dois pólos opostos, eternamente incompatíveis, como treva e luz. Sofrimento e sacrifício lhes parecem coisas antivitais, profundamente negativas em si mesmas, porquanto a vida é essencialmente uma afirmação – e como poderia a afirmação conciliar-se com a negação?

E, no entanto, afirma Jesus que a sua mensagem à humanidade é essencialmente uma mensagem de paz e perfeita alegria.

É alegria.

É alegria perfeita.

É alegria indestrutível.

Isto é na experiência de Jesus, a quintessência do Cristianismo.

Em face disto, enfrentamos um mistério de indevassável obscuridade, e chegamos a duvidar seriamente na verdade daquilo que nós, quase todos nós, entendemos por Cristianismo...

O Cristianismo é, pois, essencialmente, uma mensagem de perfeita alegria, mesmo na vida presente, por ser uma alegria baseada na paz. Onde não há paz profunda e sólida, alicerçada na verdade, não pode haver alegria perfeita e

duradoura. Alegria não pode, em hipótese alguma, ser filha da ilusão, mesmo que fosse a mais bela das ilusões.

Muitos homens profanos parecem ser alegres. Mas a sua alegria é algo meramente externo, periférico, porque motivado por objetos ou acontecimentos de fora, e pode, por isto mesmo, converter-se rapidamente no contrário, em tristeza e desespero. Só uma alegria vinda de dentro do homem, oriunda da verdade da sua íntima natureza, é que é sólida e indestrutível.

Se eu não estou harmonizado com Deus, não estou harmonizado comigo mesmo, não tenho verdadeira paz dentro de mim, e, neste caso, é impossível que haja em mim verdadeira alegria. Alegria supõe paz e harmonia. Um único grau de alegria nascida da paz interna, vale mil vezes mais que cem graus de alegrias engendradas artificialmente por circunstâncias externas.

“Para que ninguém mais tire de vós a vossa alegria.”

A pseudo-alegria externa, oriunda de circunstâncias independentes de mim, me pode ser tirada, porque depende de algo que não depende de mim. Essa alegria não é, propriamente, *minha*, não nasceu dentro de mim, mas me foi acrescentada fortuitamente, e pode ser destruída pelo desfavor de circunstâncias externas.

Há uma alegria que não passou pelo sofrimento – é a dos profanos, incerta, mundana, variável.

Há um sofrimento que não conhece alegria – é o de certos ascetas lúgubres, pessimistas, sadistas.

E há uma alegria que nasceu do sofrimento, de um sofrimento intenso, diuturno e profundamente compreendido – é a alegria dos homens cristificados, que tiveram de sofrer tudo aquilo para assim entrar em sua glória.

Mas é precisamente aqui, que estamos à beira do grande mistério, cuja compreensão é um carisma dos poucos iniciados que a humanidade conhece.

Esta alegria crística é algo indizivelmente leve e luminoso, puro e encantador, é um eco dos mundos de Deus e dos seus anjos. Quando esta alegria crística começa a transparecer de um homem, através das suas palavras, dos seus gestos, dos seus atos, dos seus olhos, e, sobretudo, através da sua vida –

então o mundo inteiro parece ser outro, e a nossa alma canta um silencioso *Te-Deum* por ter encontrado esse arauto da eterna Divindade...

Uma vez que o homem saboreou essa felicidade que nasceu do sofrimento redentor, a sua alegria é perfeita, e nunca mais ninguém lhe pode tirar essa alegria, porque ela é o reflexo e a melodia do seu próprio ser. Esse homem

“venceu o mundo”, “entrou em sua glória”, está definitivamente “remido” de todas as velhas irredições da sua vida. Esse homem atingiu um ponto de apoio, fixo e imóvel, para além de todas as vicissitudes das circunstâncias externas da natureza e da humanidade. E quem encontrou o seu centro fixo e imóvel, domina com facilidade e leveza todas as periferias flutuantes e movediças do mundo externo... No meio de um mundo de ruídos profanos, habita ele no sacrário do seu grande silêncio. E esse silêncio é força e firmeza, paz e felicidade...

É fora de dúvida que vigora secreta relação de estreita afinidade entre

“sofrimento” e “redenção”, suposto que o sofrimento não tenha feito o homem descer ao nadir negativo da amargura e do desespero, mas feito subir ao zênite positivo da paz e da alegria.

Alegria que nasce do sofrimento é redenção.

É este o mais profundo mistério do Cristo Redentor, que nunca foi explicado por nenhuma teologia; é a última fronteira que o homem pode alcançar, aqui na terra, e, quiçá, em todos os outros mundos da sua evolução.

A *cruz telúrica* do Calvário tem a haste inferior mais comprida, porque ainda está presa à terra – como o sofrimento doloroso.

A *cruz cósmica* do Tabor tem todas as quatro pontas iguais, porque flutua livremente no espaço – como a alegria que nasceu do sofrimento.

A alegria parece ter algo de profano e impuro, e por isto certos ascetas a detestam – mas, quando a alegria passa pelo fogo do sofrimento, perde todas as escórias e sai inteiramente pura e sacral, como a luz da Divindade.

Uma vez que o homem entrou nessa zona da alegria espiritual, filha do sofrimento redentor, todas as coisas da sua vida material passam por uma metamorfose inexplicável. Há uma purificação e lucificação geral em todos os setores da sua vida.

Em primeiro lugar, esse homem não necessita mais de impulsos externos para ser alegre e feliz, uma vez que possui, dentro de si mesmo, a fonte perene de alegria e felicidade.

Em segundo lugar, as coisas mais insignificantes e ingênuas do mundo externo lhe são motivo de alegria pura, profunda e intensa. Uma singela florzinha à beira da estrada, o zumbir de um inseto, o cântico de um passarinho, o sorriso de uma criança, o sussurro do vento na ramagem, as areias brancas duma praia, uma palavrinha amiga, o tanger de um sino ao longe, o cintilar de uma

estrelinha – tudo atua sobre ele como suave carícia, tudo lhe traz fragrâncias do

Infinito, tudo é para ele uma mensagem do poder e do amor de Deus...

“Eu vos dou a minha paz, para que a minha alegria esteja em vós, e seja perfeita a vossa alegria, e ninguém mais a tire de vós a vossa alegria” –

palavras como estas só podem ser compreendidas, realmente, por um homem que descobriu o mistério da alegria através do sofrimento...

Só esse homem, plenamente realizado, é que pode ser um redentor para outros que necessitem de redenção...

“EU SOU A VIDEIRA – VÓS SOIS AS VARAS”

Na pessoa e doutrina de Jesus Cristo atinge o monoteísmo absoluto a sua mais gloriosa culminância; ele não é transcendentalista ocidental nem imanentista oriental; nele as antíteses do dualismo do Oeste e do panteísmo do Leste se fundem na mais completa síntese universal. As suas palavras “eu estou no Pai e o Pai está em mim – eu estou em vós e vós estais em mim”, revelam um experiência cósmica jamais atingida por outro ser humano.

“Eu sou a luz do mundo – vós sois a luz do mundo.”

“A luz verdadeira ilumina a todo homem que vem a este mundo.”

“Eu sou a videira – e vós sois as varas.”

Palavras como estas proclamam a presença do Cristo divino na pessoa humana de Jesus e em qualquer outra pessoa. A essência eterna está em todas as existências temporárias. Se a mesma luz divina que iluminava Jesus, ilumina a todo o homem, como afirma o Mestre e confirma o discípulo amado, então o homem é potencialmente o que Jesus, o Cristo, era e é atualmente. A diferença está apenas em que Jesus possuía plena consciência do seu elemento divino, o que fazia dele o “filho do homem”, o “filho unigênito do Pai” –

ao passo que em seus discípulos essa consciência é ainda embrionária e se acha em diversas graduações de consciência ou semiconsciência.

A passagem mais profundamente bela, neste sentido, é a comparação que ele estabelece entre o tronco da videira e seus ramos.

“Eu sou a videira, e vós sois as varas. Toda vara que, em mim, produzir fruto será purificada, para que produza fruto ainda mais abundante; mas toda vara que, em mim, não produzir fruto será cortada e jogada ao fogo. Permaneei em mim, assim como eu permaneço no Pai. Permaneei firmes no meu amor, para que seja abundante o vosso fruto.”

A mesma seiva vital que flui através do organismo da videira flui também através da todas as varas da mesma. Não há na videira dois princípios vitais, um no tronco e outro nas varas. A identidade da vida é absoluta; diferente e varia,

porém, é a sua manifestação. Essa identidade da vida, contudo, não determina a igualdade da função do tronco e dos ramos; há autonomia individual em todos. E é precisamente aqui principia o grande mistério da liberdade: pode um indivíduo consciente e livre agir contrariamente ao princípio universal da causa que o produziu. A unidade da essência permite a

diversidade funcional das existências. Pode a vara, apesar de estar na videira, ser fecunda ou ser estéril.

Enquanto ficarmos apenas no símbolo material da planta, é verdade, não há essa possibilidade de divergência entre o tronco e os ramos da videira, porque, na planta, não há autonomia individual, uma vez que os ramos são simples prolongamentos do tronco.

Quando, porém, passarmos para o simbolizado espiritual, surge a possibilidade da diversidade entre o tronco e as varas, porque no mundo dos seres conscientes e livres há suficiente autonomia de agir; pode o ramo opor-se à atuação da seiva vital que circula através da videira. Pode o homem ser pecador sem que o elemento divino deixe de existir nele, porque o pecado não consiste na *ausência* de Deus, que, sendo onipresente, nunca está ausente de parte alguma; o pecado consiste na *ignorância* que o homem tem em mantêm da presença de Deus. Se Deus estivesse ausente de um único átomo, deixaria esse átomo de existir, ou Deus deixaria de ser Deus, por não ser uma Realidade onipresente. Um Deus que não seja onipresente não é Deus, porque limitado e finito.

A vida divina está em todas as criaturas. No momento em que essa vida divina se identificasse totalmente com Deus, deixaria essa criatura de ser algo individual, distinto de Deus; seria um puríssimo nada no plano do “existir”

individual, embora continuasse na zona do “ser” universal. Tudo quanto existe individualmente só existe em virtude da imanência do eterno Ser. Nada pode existir sem que o Ser o penetre.

É, pois, possível que o homem seja pecador, a despeito da imanência de Deus nele. Mesmo em Satanás está Deus imanente. O pecado, repetimos, não consiste em que Deus esteja ausente do pecador, mas no fato de que este ignore voluntariamente essa presença divina e viva como se Deus estivesse ausente.

Quando alguém está em plena luz solar de olhos abertos, o sol está presente a ele e ele está presente ao sol; quando fecha os olhos, o sol continua presente a ele,

mas esse homem está ausente do sol – isto é, objetivamente presente, porém subjetivamente ausente.

O homem que peca ausenta-se *subjetivamente* de Deus, ainda que *objetivamente* continue presente a Deus, ao Deus sempre presente a ele.

Essa *ausentação subjetiva* é que é o pecado.

Os seres infra-humanos não possuem consciência suficiente para se ausentarem subjetivamente de Deus; por isto, não podem pecar.

Os seres supra-humanos, de elevada consciência espiritual, não pecam, porque a sua alta sapiência não lhes permite ausentarem-se de Deus subjetivamente; a sua consciência intensamente iluminada os estabilizou definitivamente na verdade.

A seiva vital da “videira” do Cristo, quando circula livremente nas “varas”

humanas, produz nelas fecundidade crística. E, para que produzam fruto cada vez mais abundante, essas varas são purificadas, ou como dizem os lavradores, podadas. A poda consiste na eliminação de uma parte das varas; destarte, há uma concentração mais intensa da seiva do tronco em poucos ramos, que então produzem rebentos mais vigorosos. A poda faz com que o ramo “chore”, porque ela é uma espécie de disciplina dolorosa. Todo homem que pratica disciplina espiritual sabe quão difícil e dolorosa ela é, pelo menos no princípio. É bem uma “poda”. O homem disciplinado se priva espontaneamente de muitas coisas agradáveis em que os indisciplinados se comprazem. Enquanto outros se derramam pelos divertimentos fáceis e pelas superfluidades da sociedade, retira-se o homem disciplinado, muitas vezes, a uma intensa concentração mental ou meditação espiritual. Aos olhos dos profanos é esse homem digno de lástima; sua vida parece pobreza e monotonia; na verdade, porém, a vida disciplinada é riqueza e harmonia. A verdadeira felicidade não consiste na *quantidade* dos prazeres que o homem goze, mas na *qualidade* do gozo que ele saboreie.

Esta sabedoria, todavia, não é acessível a pessoas que não a tenham saboreado em si mesmas; só pode saber como uma iguaria sabe quem lhe toma o sabor. Esse sabor, porém, não vem de uma teoria, mas da prática ou da experiência.

Quando alguém produz fruto pela vivência íntima com a divina seiva vital do

espírito do Cristo, será purificado cada vez mais das escórias do seu velho ego; e esse processo de acrisolamento é dolorosamente suave; o que nele há de amargo pertence ao ego físico-mental, à “persona” do homem; o que nele há de suave vem do Eu espiritual, da verdadeira individualidade do homem.

Nem homem, depois de gozar da amarga suavidade da disciplina espiritual, estaria disposto a trocar essa vivência pela vida de algum profano a nadar num oceano de prazeres. Uma minhoca é feliz quando tem bastante húmus para digerir. Um cavalo é feliz quando tem bastante capim para comer. Uma criança é feliz quando recebe muitos brinquedos para se divertir. A plenificação da potencialidade de um ser é a sua felicidade; se essa potência é pequena, também a felicidade é pequena. Aumentando a potencialidade, cresce a possibilidade duma felicidade maior. Mas, enquanto não for atualizada a medida da potência, há no homem um senso de insatisfação, até que seja

plenificada essa medida. E, com essa plenificação, cresce novamente a potencialidade.

O profano absoluto, graças à sua cegueira, vive numa *horrorosa felicidade*.

O iniciando que advinha uma plenitude possuível, mas ainda não possuída, entra numa zona de inquietude metafísica, que é uma *gloriosa infelicidade*.

O iniciado, porém, depois de sintonizar o seu pequeno querer com o grande QUERER cósmico, sente-se empolgado por uma *gloriosa felicidade*.

“Permaneçei firmes no meu amor para que seja perfeita a vossa alegria e ninguém mais vos roubará a vossa alegria.”

“NA CASA DE MEU PAI HÁ MUITAS MORADAS”

Assaz misteriosas são estas palavras de Jesus – e mais enigmático ainda é o contexto em que elas foram proferidas.

Segundo a velha rotina, deveríamos, nesta ocasião, arvorar-nos em advogados na “pluralidade dos mundos habitados” e apresentar o Nazareno como patrono dessa idéia avançada. Entretanto, outro assunto bem mais importante nos interessa.

Na última ceia, quando os discípulos estavam tristes por causa da próxima partida do querido Mestre, ele os consola com estas palavras: “Em casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse, vô-lo teria dito. Eu vou para vos preparar um lugar; voltarei e vos levarei comigo, para que vós estejais onde eu estou.”

O discípulo místico, João, foi o único a registrar este tópico. Ele, o clarividente, deve ter penetrado no sentido profundo destas palavras.

Jesus consola seus discípulos com a afirmação de que em casa de seu Pai, no universo de Deus, há numerosas moradas, ou, como diz o texto grego,

“mansões” ou “paradas” (*monai*), quer dizer, estágios ou lugares de permanência onde o homem possa viver, mesmo fora do seu corpo material.

Não sabemos se Jesus se referiu a lugares físicos, como planetas, astros para onde o homem seja transferido depois de deixar este planeta Terra – ou se falou em estados de consciência ou modos-de-ser, sem nenhum plano material.

Em todo o caso, o Nazareno afirma duas coisas importantes: 1) depois de perder o seu invólucro físico, o homem não cai no vácuo do nada, como pensam os ingênuos materialistas de todos os matizes, 2) que o homem, depois de

abandonar o corpo material, não entra num estado definitivo, como opinam certos teólogos eclesiásticos. Afirmo o Mestre que as “moradas” são muitas, insinuando que o homem, liberto do corpo, entrará numa zona correspondente ao estado da sua evolução ou vibração espiritual. Se, por exemplo, considerarmos a nossa Terra como a “morada” de vibrações grosseiramente materiais, ou seja, de baixa frequência, consoante o corpo físico e seus derivados, poderíamos considerar o mundo após-morte como uma

sucessão de diversos tipos de frequência vibratória, astral, mental, espiritual, *etc.*

O homem liberto do corpo material não está, *ipso facto*, livre das tendências materiais que predominaram em sua vida terrestre. A morte não faz dele o que a vida não fez. O simples fato físico da separação do corpo e da alma, processo negativo, nunca poderá ser causa duma evolução espiritual.

O efeito não é maior que sua causa, diz a lógica. Um processo material não produz efeito espiritual. Por isto, pode um homem sem corpo físico ser tão materialista no além como materialista foi no aquém. E, como essa obsessão da matéria é essencialmente ilusão e infelicidade, pode um desencarnado ser iludido e tão infeliz como foi dentro do seu corpo material.

A grande libertação, penhor de felicidade, é um processo de lento e constante crescimento, um paulatino afastamento do erro e uma progressiva aproximação da verdade. A luz da verdade amanhece na razão direta em que as trevas da noite desaparecem. Essa libertação é um “caminho estreito e uma porta apertada”, cujo termo final é a “entrada no reino de Deus.”

Se o homem, aqui na terra, se habituar a viver fora da matéria, embora ainda esteja preso ao corpo material, criará dentro de si um ambiente propício para se sentir “em casa” num mundo imaterial, e a separação objetiva do seu invólucro físico não será algo novo, desconhecido, ou até trágico, como é para os analfabetos do mundo imaterial; pois, esse homem, que vivia na matéria sem ser da matéria, já está subjetivamente desmaterializado; o seu verdadeiro *habitat* é o mundo imaterial; o seu verdadeiro Eu habita, há 10, 20, 50 anos, para além das estreitas grades do seu ego ilusório.

Esta desmaterialização subjetiva dentro da materialidade objetiva é o que os místicos chamam a “morte mística”. Paulo afirma que ele “morre cada dia”, e por isto vive tão intensamente que pode afirmar que já não é ele (seu ego

humano) que vive, mas sim o seu Eu divino, o seu Cristo.

Quem se habituou a morrer espontaneamente, não se horroriza quando a morte o vem matar compulsoriamente. Aliás, o único remédio eficaz para neutralizar plenamente o horror à morte compulsória é esse exercício da morte voluntária. “Semelhante cura semelhante”, diz a homeopatia – e este princípio vale também aqui: morte cura morte, a morte compulsória se cura com morte espontânea.

“Para que vós estejais onde eu estou”...

Estas palavras fazem ver que o homem pode chegar às alturas onde o Cristo está. Potencialmente, todos somos “Cristos”, atualmente um só chegou a ser o

“filho do homem”, o homem completo, integral, o “filho unigênito de Deus.”
“O

sangue de Cristo nos libertará de todo o pecado” – se o nosso sangue chegar a ter a pureza e vibração espiritual que teve e tem o sangue de Jesus, seremos libertos de todo o pecado, porque o sangue do tipo do sangue de Jesus não tem tendências contrárias ao espírito de Deus; o divino Lógos que “crismou” ou

“cristificou” o humano Jesus penetrou a tal ponto o sangue dele, que este se tornou perfeito e dócil veículo do espírito de Deus.

“Eu vos preparei um lugar”...

Estas palavras de Jesus nos põem em face de um grande mistério. Que quer dizer “preparar um lugar”? Evidentemente, não se trata de preparar um lugar como quem prepara uma sala de festa, dispondo devidamente as cadeiras para os convidados se sentarem. As tais “moradas” não são lugares físicos, mas estágios evolutivos da consciência e experiência humana. Logo, essa preparação não pode ser um arranjo físico, local, geográfico ou astronômico, em algum recanto longínquo do universo.

Mas, como pode alguém preparar a evolução espiritual de outro?

Em primeiro lugar, ninguém pode transferir à outra a sua própria experiência íntima. Nem Jesus o conseguiu, relativamente a seus discípulos.

Mas, apesar disto, pode o Mestre preparar seus discípulos no caminho da sua evolução ascensional. E essa preparação pode ser feita de dois modos: 1) por meio de palavras audíveis, que atingem os sentidos, passam para a inteligência e, indiretamente, influem sobre a alma; 2) por meio de vibrações ou auras invisíveis que irradiam sem cessar do homem espiritual e envolvem o discípulo, formando ambiente propício para que a sua espiritualidade latente desabroche em espiritualidade manifesta, assim como os raios solares despertam na semente viva o princípio vital dormente e fazem nascer a planta.

Essa vibração ou verbo, essa aura, esse sopro ou hálito do Cristo também se chama “espírito santo”, isto é, “sopro universal”.

Uma vez que essa aura propícia cerca o homem, se ele for devidamente acessível e permeável para essa vibração, começa ele a compreender, por uma espécie de iluminação interna o que, outrora, não compreendia. Toda a verdadeira compreensão é uma iluminação ou revelação de dentro, e não uma persuasão ou um impacto de fora.

Enquanto o Jesus visível estava com os discípulos, confiavam eles nesta presença material; depois, quando esta lhes faltava, começaram a desenvolver em si a receptividade espiritual, que culminou nos gloriosos acontecimentos dos Pentecostes.

**“GLORIFICA-ME, PAI,
COM AQUELA GLÓRIA QUE EU TINHA EM TI
ANTES QUE O MUNDO FOSSE FEITO!”**

Uma das maiores dificuldades e das mais tremendas confusões da nossa tradicional teologia eclesiástica é o conceito do Cristo e sua relação com Jesus.

É de uso e abuso geral, desde os tempos da sinagoga de Israel até à teologia das

nossas igrejas, identificarem simplesmente o Cristo com Jesus. Daí nasceu, entre outros, o título absurdo de “mãe de Deus”, em vez de “mãe de Jesus” – como se Deus tivesse mãe! Dessa mesma confusão brotou, também, a expressão “divindade de Jesus”.

No entanto, é claríssima a distinção que o próprio Nazareno faz do seu elemento divino – o Verbo ou Logos – e o seu elemento humano – o Jesus, no qual aquele se fez carne.

Na oração de despedida, proferida no cenáculo de Jerusalém, em vésperas da sua morte, diz ele: “Pai, glorifica-me com aquela glória que eu tinha em ti antes que o mundo fosse feito!”

Quem é que tinha essa glória, antes do princípio do mundo? O Jesus humano, filho de Maria? Certo que não, porque esse não existia ainda. Era o Cristo divino, ou melhor, o Verbo eterno, o divino Lógos, que, depois de se unir a Jesus, se chama o “Ungido” (em grego, o *Christós*). Ora, se o Cristo, como Verbo, já existia antes do princípio do mundo, existia em forma pré-telúrica, existia como o Cristo cósmico, como o Cristo do Universo imaterial, como, aliás, Paulo explica maravilhosamente no primeiro capítulo da sua epístola aos Colossenses, descrevendo o Cristo cósmico como anterior aos anjos e arcanjos do cosmos imaterial. Também o vidente João, no início do seu Evangelho, escreve: “No princípio era o Verbo (*Lógos*), e o Verbo estava com Deus; e o Verbo era Deus; por ele foram feitas todas as coisas, e nada do que foi feito foi feito sem ele... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.”

(literalmente: “Ergueu a sua tenda entre nós.”)

Esse Cristo cósmico, anterior à criação do mundo e à origem da humanidade, aparece como o Cristo telúrico, como o Cristo-Jesus, depois de assumir carne humana, e regressou às regiões do Cristo cósmico depois da sua ascensão.

Em certa ocasião disse Jesus: “Antes que Abraão fosse feito eu sou.”

Quem é esse “eu”? Certamente não o Eu-Jesus, que nasceu cerca de 2.000

anos depois do patriarca Abraão, mas o Eu-Cristo, que “no princípio estava com Deus e que era Deus.”

“Que vos parece do Cristo; quem é ele?” – pergunta o Nazareno aos chefes da sinagoga de Israel, e eles respondem: “Ele é filho de David”, confundindo o Jesus humano com o Cristo divino. Ao que o Mestre replica: “Se o Cristo é filho de David, como é que David, em espírito, lhe chama meu Senhor? Se é seu filho, como é que é seu Senhor?”

E não houve quem lhe soubesse dar resposta.

E até hoje os nossos doutores da lei estão devendo essa resposta dos seus colegas do primeiro século.

David viveu cerca de 1.000 anos antes do nascimento de Jesus, o qual é, segundo a carne, seu filho ou descendente, mas o Cristo não é filho de David, e sim Senhor dele.

A nossa teologia dualista criou insuperável barreira, afirmando apenas a *transcendência* de Deus e negando a sua *imanência*, destruindo, assim, a base para a compreensão da divindade do Cristo, como expliquei amplamente em outros livros. Desde que, em princípios do século quarto, a filosofia neoplatônica foi substituída pela filosofia aristotélica, que culminou em Tomás de Aquino e serve até hoje de fundamento de todas as teologias eclesiais ocidentais, tornou-se impossível a compreensão da relação entre Deus e o Cristo, e entre o Cristo e o Jesus. A compreensão da Verdade sucumbiu à necessidade da hierarquia.

Do Cristo cósmico diz o quarto Evangelho que ele é “a luz verdadeira que ilumina a todo homem que vem a este mundo” e que os que recebem em si essa luz, recebem o poder de se tornar filhos de Deus, “os que nasceram não do desejo do varão nem do desejo da carne, nem de sangue [1], mas de Deus.”

[1] A tradução habitual “do sangue” é inexata; tanto no original grego como na versão latina está “de sangue”, no plural (*ek haimáton, ex sanguinibus*), indicando a fusão de dois tipos de elementos vitais, espermatozoide e óvulo, como acontece na geração normal, de carne para carne, quando a outra geração seria de espírito para carne, como no caso de Maria, fecundada pela “virtude do Altíssimo”, cujo intermediário era o “varão de Deus” (*Gabri = varão, el =*

Deus).

Aqui menciona o evangelista uma procriação diferente daquela que está relacionada com o instinto masculino (desejo do varão) e feminino (desejo da carne) e da fusão de dois tipos de sangue, ou elementos vitais, masculino-feminino, mas que depende de uma fecundação pelo espírito divino. “O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do espírito é espírito.”

Nas citadas palavras de Jesus que encimam este capítulo, pede ele que Deus o reintegre naquele modo de existir que ele tinha antes da sua encarnação humana, isto é, a existência em corpo glorioso, impassível, fora da zona da matéria densa do mundo. Quando, após a ressurreição, o Nazareno afirma aos discípulos de Emaús que ele devia sofrer tudo aquilo “para assim entrar em sua glória”, refere-se a esse mesmo estado de glória e impassibilidade que o Cristo-Lógos possuía antes de se encarnar no Jesus-homem.

No princípio do segundo capítulo aos Filipenses diz Paulo que o Cristo, antes de assumir a “forma de homem”, estava na “forma de Deus”, isto é, na forma do Cristo cósmico.

“O homem, esse desconhecido”, escreve Alexis Carrel.

“O Cristo, esse desconhecidíssimo”, pode dizer todo mortal, e isto a despeito desse oceano de literatura que se tem escrito sobre o Nazareno. Praticamente, nada sabemos dele, no plano intelectual, analítico. O próprio Tomás de Aquino, depois de escrever a sua volumosa obra “Summa Theologiae”, confessa, após uma estranha revelação divina, que tudo aquilo não passa de “literatura de palha”, e desde esse dia não mais escreveu uma palavra...

Quando, no terceiro século do Cristianismo, Arius, bispo da igreja de Alexandria, afirmou que o Cristo não era Deus nem homem, mas um ser intermediário entre Deus e o homem, foi ele excomungado e expulso da igreja pela hierarquia eclesiástica da época. Em última análise, quem sabe se não havia, nas palavras de Arius, uma verdade oculta? Não era o Cristo cósmico a mais alta individualização do Deus Universal, o Deus-Verbo, que depois apareceu como o Deus-Homem, embora não fosse simplesmente homem como nós? Verdade é que nele havia o elemento divino e o elemento humano

– mas seria inexato identificá-lo totalmente com Deus ou totalmente com o homem.

O Cristo continua a ser o grande enigma entre o céu e a terra, o misterioso elo que une o mundo espiritual com o mundo material, o medianeiro entre Deus e os homens, a “escada de Jacó” intercalada entre dois mundos, sem ser propriamente deste nem daquele.

Pode o homem tornar-se igual ao Cristo?

Não ao Cristo cósmico – sim ao Cristo telúrico.

Não ao Cristo-Verbo – sim ao Cristo-Jesus.

“UM DE VÓS ME HÁ DE TRAIR”

Os acontecimentos do último domingo, em Jerusalém, devem ter levado Judas Iscariotes ao máximo da sua decepção. Era ele o único judeu integral entre os apóstolos; os outros onze eram galileus, judeus híbridos. Mais do que ninguém ansiava Judas pela libertação de Israel.

Era na Judéia, sobretudo na capital, que fervia o ódio contra os dominadores estrangeiros, que, havia mais de meio século, dominavam a Palestina.

Repetidas tentativas de revolta haviam falhado.

A indiferença de Jesus em face do patriotismo judaico manifestada no último domingo, deve ter acelerado a resolução final de Judas. Se Jesus não se interessava pela libertação de Israel, falando de um reino que não era deste mundo, que interessava ainda ser discípulo do rabi da Galiléia? Sabia ele que, há tempo, procuravam os chefes da Sinagoga prender Jesus, mas sem alarmar o povo, sobretudo os galileus, que o veneravam como um grande Mestre e benfeitor.

Entrou Judas num entendimento com a Sinagoga para lhe entregar o Mestre sem alarme popular. Sabia ele que Jesus costumava, à noite, ir com seus discípulos ao horto das oliveiras, chamado Getsêmane. Nessa solidão era fácil prendê-lo sem alamar o povo.

Não era, certamente, intenção de Judas levar Jesus à morte. Nem mesmo acreditava que a Sinagoga conseguisse capturá-lo, porque conhecia os poderes mágicos de que dispunha o Nazareno. Combinou com o chefe da Sinagoga a prisão de Jesus, recebendo como pagamento adiantado 30

moedas de prata, que era então o preço de um escravo.

A Sinagoga pôs à disposição do traidor um destacamento de soldados romanos, que estavam a serviço do templo. Mas, a estas horas noturnas, estava o horto das

oliveiras em trevas; como podiam os soldados identificar Jesus, que estava com seus discípulos? Judas combinou com a Sinagoga uma senha: o homem a quem ele abraçasse e beijasse era o Nazareno.

Na noite marcada, quinta-feira, achava-se Jesus com seus discípulos numa casa celebrando a cerimônia do cordeiro pascal. Judas estava com eles, e daí seguiu para o Getsêmane.

Durante a ceia, disse Jesus em voz alta: “Um de vós me há de trair.”

Apavorados, perguntavam uns aos outros: “Sou eu, Mestre? Sou eu?”...

Esta interrogação geral mostra que Judas não dera sinal de seu intento; ninguém suspeitava que fosse ele o traidor.

E, como Jesus não indicasse nenhum dos doze como sendo o traidor, Pedro, impaciente, pediu a João que perguntasse diretamente ao Mestre quem era esse infeliz.

Para compreender o que se segue, é necessário lembrar que, nesse tempo, já haviam os judeus adotado o costume romano de se reclinarem à mesa, cada um numa espécie de sofá, apoiado sobre o cotovelo esquerdo, à altura da mesa, e com os pés para fora. Na última ceia estava João reclinado ao lado de Jesus, e Pedro ao lado de João, de maneira que Pedro não podia falar diretamente com Jesus. Oposto a Jesus, do outro lado da mesa, estava Judas.

Pedro, voltando-se para João por sobre o ombro esquerdo, pediu que este perguntasse pelo nome do traidor. João, voltando a cabeça para trás, perguntou ao Mestre, e este lhe disse em voz baixa: “Aquele a quem eu der o pão embebido em vinho, esse é.” E deu o bocado de pão com vinho a Judas, por sobre a mesa.

A partir daí sabia João que Judas era o traidor, mas não transmitiu a Pedro a dolorosa revelação, por mais que este insistisse.

É deveras estranha essa atitude do “discípulo amado”. Tendo diante de si o colega traidor, guarda profundo silêncio. Nem sequer falou a Judas, dissuadindo-o do crime. Se o Mestre sabia quem era o traidor e não o revelava, devia ter as suas razões para isto. E por que devia o discípulo proceder de outro modo? Sepultou em profundo silêncio o doloroso segredo.

Depois da ceia, disse Jesus a Judas: “O que queres fazer, faze-o já.” Por sinal que Judas sabia que o seu plano era conhecido de Jesus – mas permaneceu impenitente.

Os três JJJ do cenáculo – Jesus, João e Judas – silenciam o mistério da traição. Jesus disse apenas “o Filho do Homem vai à morte, como está escrito, e vai ser traído; mas ai do homem por quem ele for traído; melhor lhe fora não ter nascido.” Por sinal que Judas era culpado de traição, embora esta estivesse nos planos cósmicos do Cristo. O homem pode realizar os planos divinos, ou pelo bem ou pelo mal, mas é responsável por seus atos livremente cometidos.

Nenhum homem pode frustrar os planos de Deus, mas pode fazer o bem ou o mal, para sua própria felicidade ou infelicidade. Ninguém perde a liberdade individual dos seus atos.

“Para entrar em sua glória”, permitiu Jesus a sua morte, para a cristificação do seu Jesus humano permitiu tudo o que ia acontecer.

NAS TREVAS DO GETSÊMANE

Depois de deixar o recinto do cenáculo, onde celebrara a última ceia com seus discípulos, encaminhou-se Jesus para o horto das oliveiras, onde costumava orar.

Devia ser pelas 10 horas da noite da quinta-feira. Na entrada do horto deixou os seus discípulos, levando consigo apenas três: Pedro, Tiago e João, esses três confidentes que, uma semana antes, haviam presenciado a glória do Mestre transfigurado no Tabor.

Um pouco mais adiante, deixou também esses três, dizendo: “Vigiai e orai, enquanto eu vou mais adiante orar.”

Estranhamente, porém, esses três não estavam ainda sintonizados com o espírito do Mestre. Adormeceram em vez de vigiar com ele, apesar do Mestre lhes haver dito: “Minha alma está numa tristeza mortal.”

Tão intensa foi a sua angústia que chegou a suar sangue, bradando a Deus:

“Pai, se possível, passe de mim este cálice sem que eu o beba.” (Veja capítulo seguinte.) É este o brado do seu Jesus humano. Mas logo o seu Cristo divino interveio, dizendo: “Contudo, não se faça a minha vontade, mas sim a tua.”

No dia seguinte, no Calvário, se repetiria esta luta do seu ego humano e do seu Eu divino, fazendo Jesus clamar: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” Mas logo o seu Cristo divino superaria o seu Jesus humano e acrescentaria: “Meu Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.”

Repetidas vezes, o seu ego humano tenta revoltar-se contra o Eu divino, mas este continua sempre vitorioso; nem uma única vez o Jesus humano conseguiu prevalecer contra o Cristo divino.

Na vida do Nazareno, como se vê, há uma constante evolução, uma progressiva cristificação, até poder dizer finalmente: “Está consumado.”

Por fim, voltou Jesus a ter com seus discípulos e os encontrou dormindo. E

disselhes: “Então não pudestes vigiar comigo uma hora? Vigiai e orai, porque o espírito é forte, mas a carne é fraca.”

“PAI, SE POSSÍVEL, PASSE DE MIM

ESTE CÁLICE!”

Imensa perplexidade a pregadores e escritores do mundo cristão têm causado estas palavras de Jesus e a cena noturna do Getsêmane que lhe serve de fundo. Como é possível que o mesmo homem, tão corajoso em sua vida, se revele tão fraco em face da morte? A história profana da humanidade está cheia de exemplos de pessoas que enfrentavam a morte sorrindo, desafiando os mais atrozes tormentos. Os próprios mártires do Coliseu e outros discípulos do Cristo

dos primeiros séculos não parecem muito superiores ao divino Mestre? Sabem que seus corpos vão ser dilacerados pelas feras, devorados pelas chamas, e, não obstante, marcham firmes para a arena mortífera e para as fogueiras, como se fossem a um banquete; frágeis donzelas, até crianças, arrostando a morte com alegria no semblante e a firmeza das legiões romanas em seus passos – e Jesus treme e geme: “Pai, se possível, passe de mim este cálice sem que eu o beba!”... Verdade é que com a cláusula final “contudo, não se faça a minha, e sim a tua vontade, meu Pai”, Jesus salva o aspecto ético da sua atitude, não se rebelando contra o sofrimento – mas não solve o enigma do seu estranho medo em face da morte. Chega ao ponto de suar sangue, de tão angustiado, e pede a seus discípulos que vigiem com ele, uma hora que seja, não o deixando a sós em luta com os horrores da morte.

É fora de dúvida, que vai algum tenebroso mistério nessa inexplicável hesitação de Jesus, às sombras de Getsêmane.

Não será que ele devia ser 100% homem, antes de poder ser plenamente redentor dos homens? Não devia ele sentir toda a amargura da morte antes de poder ser definitivamente senhor da mesma? E, se Jesus não tivesse sentido em cheio os horrores da morte, teria ele sido inteiramente humano?

É da íntima essência da natureza humana temer a destruição do corpo, e, sobretudo, temer a destruição de algo que é mais que o corpo físico.

Que é esse algo que Jesus ia perder?

Era todo esse mundo de deliciosos “imponderáveis” que, como um halo de poesia, circundam a nossa existência. Era a fé e o amor de seus discípulos e almas devotadas que tinham plena confiança nele. Era aquele elemento querido que podemos chamar ingenuamente, “bom nome”, “reputação”,

“prestígio”, que embala a vida humana e lhe dá o supremo requinte de

suavidade. Perder essa atmosfera de benquerença é tão indizivelmente amargo, que uma pessoa de sentimentos delicados prefere perder a vida física a perder essa aura benéfica de fé e amizade e continuar a viver.

Quanto mais espiritual é o homem tanto mais sensível é ele nos seus sentimentos superiores. O homem boçal sente uma punhalada nas costas, mas pouco se dá duma vulneração emocional. O homem altamente evolvido sente mais

dolorosamente uma ingratidão do que uma paulada.

Sabia Jesus que seus discípulos e íntimos amigos seriam “escandalizados”

com os acontecimentos, e perguntariam a si mesmos: E agora? Que é do poder taumaturgo do Mestre?... Por que não se liberta da prisão e da morte?...

Não o pode?... Não o quer?... Se não o pode, que é do seu poder divino?... Se não o quer, que é da sua bondade humana?...

Se essas dúvidas não tivessem acometido os discípulos, seria inexplicável a fuga deles, a negação da parte de um e a traição da parte de outro.

Imensa deve ter sido a decepção que eles sofreram em face dos acontecimentos. O traumatismo emocional causado pela tragédia da sexta-feira deve ter sido tão violento que fez desertar, desnorteados, esses homens de boa vontade, mas ainda não definitivamente iniciados nos mistérios do reino de Deus.

E Jesus, no Getsêmane, deixou cair sobre si esse inferno de sofrimentos.

Se os evangelistas tivessem tido a intenção de glorificar o seu Mestre, certamente não teriam relatado a cena da agonia no horto das oliveiras e todas as “fraquezas” do Nazareno. Mas os autores do Evangelho são duma objetividade e neutralidade sem par nos fatos da literatura mundial; nunca, em caso algum, tomam atitude pró ou contra os fatos que referem; são espectadores imparciais e indiferentes; narram simplesmente o que aconteceu, quer agrade quer desagrade ao leitor, quer edifique quer escandalize aos amigos de Jesus. Revela essa absoluta indiferença que os evangelistas não são, na realidade, os autores dos Evangelhos; são apenas canais e condutos através dos quais fluem, serenamente, as águas dos acontecimentos, cujas nascentes se acham alhures, nas profundezas do universo invisível: “E foi Jesus crucificado” – nenhuma exclamação de horror em face de tamanha injustiça e crueldade. “E então Jesus ressuscitou” – nem um vestígio de surpresa e admiração diante desse acontecimento único na história da humanidade. Parece que o evangelista é tão indiferente em face da morte como da ressurreição do Nazareno. Nada tem que ver com isto nem com aquilo. Não se declara nem pró nem contra os fatos – narra-os simplesmente, como um autômato neutro e imparcial.

A descrição da agonia de Jesus no Getsêmane representa o mais alto critério de autenticidade do Evangelho e o supremo teste da sua veracidade. Um discípulo que quisesse fazer a apoteose de seu mestre não despreveria as fraquezas do mesmo; representá-lo-ia como herói insensível, a desafiar com glacial indiferença os horrores da destruição. A mais humana das cenas da paixão e morte de Jesus está no signo divino da puríssima realidade. Só um Cristo divino podia aparecer num Jesus tão humano. Os extremos se tocam. O

nadir se funde com o zênite, os abismos invocam as alturas.

Se os Evangelhos fossem inventados, disse alguém, o seu inventor seria maior que o próprio herói. É possível ser coerente na verdade – mas é impossível ser coerente, por largo tempo, na mentira. A inverdade se destrói a si mesma, mas a verdade é imortal.

Quando um homem profano desafia sobranceiramente a morte, não é ele plenamente humano; age sob a ação de qualquer espécie de entorpecente mental ou emocional, que nele produz tal ou qual anestesia. E por entre as penumbras dessa semiconsciência pode o homem ser herói. Em Jesus não encontramos essa válvula de escape; não reduz a nitidez da sua consciência; ele é totalmente humano na morte como totalmente humano foi na vida. Não fosse essa completa humanidade do “filho do homem” – como poderíamos crer na completa divindade do “filho de Deus”? O Cristo-Deus só podia ser revelado pelo Jesus-homem. Por isto, em vésperas do triunfo máximo da ressurreição, devia ele passar pela derrota máxima da agonia e da morte.

Difícil me seria aceitar a divindade do Cristo se eu não conhecesse a humanidade do Jesus. Quanto mais autenticamente humano é o homem tanto maiores garantias tem ele para ser genuinamente divino.

Se tivéssemos apenas o Jesus sofredor não seríamos remidos, porque a derrota não redime ninguém; se tivéssemos apenas o Cristo triunfante não seríamos remidos, porque não haveria vínculo entre nós e ele – mas agora que temos o homem perfeitamente humano que se deixou derrotar voluntariamente, temos o homem perfeitamente divino, que ergueu a gigantesca torre de vitórias sobre os profundos alicerces da derrota.

Eis o mistério cósmico do Getsêmane em duplo aspecto: na noite da quinta-feira – e na madrugada do domingo de Páscoa!...

“SALVE, MESTRE! – PRENDEI-O!”

O fato de ter Jesus tido conhecimento nítido de todo o plano de Judas e da Sinagoga, e de não o ter impedido, prova que tudo isto faz parte de um plano superior, que ele provocou se realizasse. A paixão e morte de Jesus não representam uma fatalidade trágica, nem foram exigidas por Deus para receber o pagamento dos pecados da humanidade. Esta idéia é incompatível com a majestade de Deus, nem com a grandeza do Cristo, que não se humanizou para servir de bode expiatório de outros. A encarnação do Verbo e toda a vida terrestre de Jesus obedecem a um plano cósmico pré-estabelecido, e teriam acontecido também sem os pecados da humanidade.

Na última ceia estava Jesus reclinado à mesa em frente a seu traidor, e, sabendo de tudo, não impediu nada. Diz a Epístola aos Hebreus que Jesus sofreu tudo isto “para aprender obediência”, isto é, para levar o seu Jesus humano ao máximo da sua integração no Cristo divino. E ele mesmo diz aos discípulos de Emaús que assim devia ele “entrar em sua glória”.

Aliás, estava previsto desde o Gênesis que o “sopro divino” da natureza humana devia culminar, um dia, na “imagem e semelhança de Deus”. E Paulo de Tarso escreveu que em Jesus “reside corporalmente toda a plenitude da Divindade.”

O objetivo diretamente visado é a sublimação da natureza humana em Jesus pela integração no Cristo; e “da sua plenitude todos nós recebemos, graça e mais graça”; a plenitude do Cristo transbordou em benefício da humanidade.

Como dizíamos, sabia Judas que a Sinagoga procurava capturar Jesus sem alarmar o povo, sobretudo os galileus, entre os quais o Nazareno tinha muitos amigos. Judas combinou com o chefe da Sinagoga que lhes entregaria Jesus, recebendo como pagamento adiantado 30 moedas de prata. Escolheu a solidão do horto das Oliveiras, onde o Mestre foi orar na noite da quinta-feira, após a ceia pascal. Sendo noite, e estando Jesus no meio dos seus discípulos, combinou Judas uma senha com os soldados que o iam prender, dizendo:

“Aquele a quem eu beijar, esse é; prendei-o.”

Na escuridão do Getsêmane, à luz dúbia dos archotes fumegantes, avançou em direção a Jesus, abraçou-o e disse em voz alta “Salve, Mestre!” e o beijou na face. Jesus recebeu calmamente o beijo da morte, e, certamente, o retribuiu com um beijo de amor, dizendo a Judas: “Amigo, a que vieste? Com um beijo tu atraíças o Filho do Homem?”

Neste momento, avançaram os esbirros enviados pela Sinagoga. Jesus, porém, antes de se deixar prender, quis dar-lhes uma prova de que não era vítima de uma cilada imprevista, e perguntou-lhes: “A quem procurais?” “A Jesus de Nazaré”, responderam os soldados. “Sou eu”, replicou Jesus. E, neste momento, como que impelidos por um choque violento, todos caíram de costas.

Fácil teria sido a Jesus fugir, se quisesse. Mas ele mandou que se levantassem e disselhes com estranha solenidade: “Esta é a vossa hora e o poder das trevas”, e estendeu-lhes as mãos para ser amarrado.

A partir deste momento, Jesus retira toda a defesa invisível que sempre o cercava, e entrega-se sem reservas ao poder das trevas, como ele chama sempre o príncipe deste mundo, o anti-cristo e seus auxiliares.

Depois da cena da tentação no deserto, diz o Evangelho, havia o tentador, derrotado por Jesus, resolvido voltar em outra oportunidade.

Essa oportunidade chegara, porque Jesus assim o quis. A partir deste momento, até à tarde da sexta-feira, Jesus se entrega totalmente ao poder das trevas, para que fizessem dele o que quisessem. Tudo que se segue é um corolário natural; o poder das trevas se vingará da luz do mundo, assim como pode. E Jesus permite tranquilamente que seu ego humano seja reduzido a zero, afim de levar à culminância da glória o seu Eu divino.

É esta a estranha *antidromia* dos grandes avatares: quando resolvem subir a uma altura maior, descem ao ínfimo nadir de sofrimentos e ludíbrios, como Paulo de Tarso faz ver na Epístola aos Filipenses, e como o próprio Cristo diz aos discípulos de Emaús.

A incompreensão dessa enigmática *antidromia* (contra-corrida) levou a cristandade a falar da ira de um Deus ofendido e dos martírios e da morte do único homem sem pecado, para pagar os débitos dos pecadores.

O FIM DE JUDAS

Mais tarde, após a condenação formal de Jesus, foi Judas lançar as 30 moedas de prata no Templo, gritando: “Pequei, atraíçoei sangue inocente.”

Os sacerdotes porém replicaram: “Que temos nós a ver com isto?”

É quase sempre este o desfecho: O traidor é traído; os seus comparsas se aproveitam da traição, mas desprezam o traidor.

Judas se retirou, subiu a um monte escarpado, e daí se precipitou ao abismo, suicidando-se. O texto grego não diz que se enforcou, como a Vulgata Latina traduziu, mas faz ver que subiu ao ponto culminante e daí se precipitou de cabeça para baixo. Por isto, diz o texto dos “Atos dos Apóstolos” que se derramaram todas as suas vísceras, o que seria incompreensível se Judas se tivesse enforcado, como geralmente se supõe.

Os chefes do Templo mandaram recolher o dinheiro e disseram que não era permitido lançá-lo no cofre sagrado, porque era preço de sangue.

Estranha essa lógica dos profanos: pagam ao traidor, matam um justo, são indiferentes à tragédia do traidor – mas têm escrúpulos de recolher o dinheiro ao cofre sagrado. Compraram com o dinheiro um terreno para servir de sepultamento dos estrangeiros que morressem em Jerusalém, porque os não judeus não podiam ser sepultados no cemitério dos israelitas.

Judas, como se vê, se arrependeu do seu crime, mas não se converteu, como Pedro. Arrependeu-se do mal que fez, mas não fez o bem que devia fazer. A *metánoia* ou transmentalização pregada por João Batista e por Jesus é uma conversão total, o abandono do mal e a prática do bem; não é apenas arrependimento,

muito

menos

penitência,

como

alguns

traduzem

erroneamente. Não há pecador tão grande que a conversão não possa transformar num justo.

O papel de Judas na história da morte de Jesus tem suscitado discussões e controvérsias sem fim. Se Jesus devia morrer pela salvação da humanidade, e se Judas serviu de instrumento para essa morte redentora, por que é ele um pecador?

Acima de tudo, não é verdade que Deus exigiu a morte de Jesus para redimir a humanidade; isto é teologia humana, mas não é evangelho divino. Deus não pode sentir-se ofendido, porque toda a ofendibilidade prova mesquinhez; nem

se vingou em vez de perdoar, muito menos exigiu que um inocente morresse para pagar os débitos dos culpados.

Segundo os livros sacros e segundo as palavras de Jesus, ele mesmo permitiu que os pecadores, sob os auspícios do poder das trevas, o fizessem sofrer e morrer, para que se cumprisse o plano cósmico que o Verbo encarnado resolvera executar para a plena cristificação e sublimação da natureza humana.

Por este desespero e gesto violento de Judas se conclue que ele não tencionava matar o Mestre, mas apenas entregá-lo à Sinagoga, na certeza de que ninguém conseguiria capturá-lo, como provara diversas vezes. A frustração das suas esperanças de libertação nacional levou Judas a esse passo extremo, que ele praticou só depois que soube da condenação definitiva do Nazareno.

A tradicional alegação de que Judas não podia deixar de fazer o que estava previsto por Deus é inexata; Deus previu que Judas daria livremente este passo, que agia com plena liberdade. De resto, Deus não *previu*, porque esta palavra supõe o futuro (*pre*) e o passado (*viu*), quando para Deus tudo é presente e nada é passado nem futuro. A sucessividade do que foi e será é mera ilusão dos nossos sentidos, ao passo que a simultaneidade do que é representa o presente, o eterno agora, e é o objeto da visão de Deus. Deus *vê* o que o homem, no momento presente em que o faz, comete livremente.

JESUS PERANTE A SINAGOGA

Ainda nesta mesma noite, reuniram-se os chefes da Sinagoga e mandaram vir Jesus à sua presença.

Fizeram um complicado interrogatório sobre os seus discípulos e sobre sua doutrina, como se isto não fosse do conhecimento público de todos. É o que Jesus lhes faz ver sensatamente, o que lhe valeu uma violenta bofetada por parte dum servo do Sumo Sacerdote.

Finalmente o próprio Caifaz se ergueu da sua cátedra e se colocou no meio da sala e, com grande solenidade, assim interpelou a Jesus: “Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus bendito.”

A intimação do Sumo Sacerdote tinha caráter oficial, razão por que Jesus responde com a mesma clareza e solenidade: “É como dizes, eu o sou; e eu vos digo que, mais tarde, vereis o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade.”

A estas palavras, o Sumo Sacerdote agarrou com ambas as mãos a sua túnica e rasgou-a violentamente de alto a baixo, bradando: “Blasfemou! Vós mesmos o ouvistes; para que necessitamos ainda de testemunhas?”

A pergunta do Sumo Sacerdote era se Jesus era o Filho de Deus; a resposta de Jesus diz Filho do Homem; mas todos compreenderam que Jesus identificava essas duas expressões, afirmando que ele era o Messias profetizado havia milênios, que em grego se chama o *Christós*, o Ungido de Deus. Esse Cristo, como Caifaz e outros bem compreenderam, era a perfeita identificação com o Filho de Deus. Para um israelita monoteísta era blasfêmia dizer-se alguém Filho de Deus; equivalia a uma espécie de apostasia da unidade e unicidade de Deus, blasfêmia para um monoteísta ortodoxo.

Jesus ouve que os chefes da Sinagoga compreenderam o sentido das suas palavras, e não as revoga nem modifica; ele se considera de fato o Filho de Deus, que ele identifica com o Filho do Homem, isto é, o homem no qual se encarnou e revelou o próprio Deus. Bem sabia ele que esta confissão era considerada crime de blasfêmia que, segundo a lei, era punido com a morte.

“É réu de morte!”

Jesus aceita calmamente a pena de morte pela confissão da verdade.

Podemos considerar esta cena noturna e esta solene declaração de Jesus como a sua Carta Magna, como ponto culminante do plano da sua vinda à terra: a declaração oficial do seu carácter de “Filho do Homem”, isto é, do homem realizado como imagem e semelhança de Deus, como estava previsto no Gênesis. Por esta apoteose da natureza humana se entrega Jesus voluntariamente à morte. Bem sabia ele que um homem plenamente realizado não seria compreendido nem tolerado pela humanidade primitiva desta terra; sabia de tudo que lhe ia acontecer, e o permitiu calmamente, em testemunho da verdade. Ele mesmo provocou tudo que lhe ia acontecer a partir daí da parte da Sinagoga de Israel e da parte do Governador Romano. Nenhum Deus ofendido e irado lhe infligiu os sofrimentos e a morte para receber o pagamento pelos pecados humanos; nem Jesus desempenhou o papel negativo de pagador inocente por uma humanidade pecadora e insolvente. Sofreu voluntariamente tudo em testemunho da verdade, já realizada em sua natureza humana individual.

Toda a grandeza do Cristo está nestas palavras de Paulo de Tarso: “Nele reside corporalmente toda a plenitude da Divindade.”

E nas palavras de João: “De sua plenitude todos nós recebemos, graça e mais graça.”

JESUS NEGADO POR PEDRO

O Evangelho é, provavelmente, o único livro do mundo 100% objetivo e 0%

subjetivo. Os evangelistas não revelam a menor vontade de quererem dizer coisas edificantes que exaltem o herói biografado e seus adeptos. Narram candidamente o que ocorreu, como locutores neutros, quer seja pró quer contra o seu herói. Dizer que Jesus tinha medo da morte e pediu que não lhe acontecesse, parece humilhante para um herói; dizer que chegou a suar sangue e pediu consolação a seus discípulos, parece amesquinhar a grandeza do biografado.

A mesma indiferença e neutralidade professam os evangelistas com relação aos discípulos do Mestre, sobretudo com referência a Pedro, que parecia ser uma espécie de chefe da turma. Narram não só a coragem, mas também a timidez e fraqueza de Pedro; falam da sua fidelidade, mas não calam o modo vergonhoso como negou três vezes o Mestre. Se não soubéssemos que os evangelistas eram amigos de Jesus, escreveu Renan, dificilmente o poderíamos descobrir pelos seus relatos biográficos.

Na quinta-feira, à noite, dissera Jesus a seus discípulos que, nesta noite, seria pedra de tropeço para eles; que todos o abandonariam.

Simão Pedro, sempre com a alma nos lábios, protestou contra coisa tão degradante, garantindo eterna fidelidade ao Mestre:

“Ainda que todos te abandonem, eu jamais te abandonarei; estou pronto a ir contigo para o cárcere e para a morte.”

Jesus lhe respondera calmamente: “Ainda nesta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me terás negado.”

Pedro, certamente, tornou a protestar contra esse pessimismo de Jesus.

Pela madrugada foi Jesus declarado réu de morte pelos chefes da Sinagoga, em casa do Sumo Sacerdote.

Pedro estava sentado ao pé de uma fogueira acesa no pátio interno, aquecendo-se, juntamente com alguns soldados, pois fazia frio; devia ser em princípios de abril, passagem do inverno para a primavera.

Apareceu então uma criada do Sumo Sacerdote, encarou a Pedro e disse:

“Também tu estavas com Jesus, o Galileu.”

Ele, porém, apavorado, respondeu: “Não compreendo o que estás dizendo.”

Saindo do pátio, encontrou outra criada, que disse aos outros: “Esse também estava com Jesus, o Nazareno.”

Pedro, cada vez mais apavorado, reforçou a sua mentira com um juramento, dizendo: “Eu nem conheço este homem.”

Daí há pouco, acudiram os circunstantes, e encarando Pedro, disseram: “É verdade, tu também és do número deles; até teu sotaque te dá a conhecer.”

Pedro, no auge do terror, começou a jurar e a praguejar, repetindo que não conhecia aquele homem.

Neste momento, ouviu-se na vizinhança o canto de um galo. Pedro estremeceu e lembrou-se subitamente das palavras do Mestre: “Antes que o galo cante duas vezes, três vezes me terás negado.” Saiu para fora do pátio, onde era escuro, e chorou amargamente.

Logo depois disto, foi Jesus conduzido da casa do Sumo Sacerdote para fora, passou perto de Pedro e o olhou sem dizer uma palavra. Ele, porém, compreendeu o olhar silencioso do Mestre...

JESUS DIANTE DE PILATOS

Logo de manhã cedo, os chefes da Sinagoga levaram Jesus ao Pretório do Governador Romano Pôncio Pilatos.

O Governador, que não simpatizava nada com os judeus, perguntou bruscamente: “Que acusação tendes contra esse homem?”

“Se ele não fosse um malfeitor, não tó entregaríamos”, responderam eles.

Pilatos percebeu de relance que se tratava de alguma questão de caráter religioso, que não era da sua alçada. Por isto lhe replicou laconicamente:

“Tomai-o vós e julgai-o segundo vossa lei.”

Os sacerdotes replicaram: “A nós não nos é permitido matar alguém”, por sinal que consideravam o crime do Nazareno digno de pena de morte; mas a pena de morte era jurisdição do Governo Romano.

E logo mudam de tática. Sabendo que o Governador não se envolveria em questões de caráter religioso, passaram para o terreno civil, acusando Jesus de três crimes: ele é um amotinador do povo; proíbe pagar tributo a César, e diz que é rei.

Quando Pilatos ouviu estas acusações, levou Jesus à parte e lhe perguntou:

“És tu o rei dos judeus?”

Em vez de responder, Jesus fez ao Governador uma contra-pergunta: “É de ti mesmo que perguntas isto, ou foram outros que tó disseram de mim?”

Com esta pergunta, Pilatos se abespinhou e repeliu a idéia de que alguém o pudesse considerar judeu, quando ele detestava esse povo.

“Porventura sou eu um judeu? Teu povo e os sacerdotes te entregaram às minhas mãos – que fizeste?”

Então passa Jesus a responder à pergunta sobre a sua realeza, afirmando categoricamente que ele é rei. Mas logo explica que não é rei no sentido da

acusação: “O meu reino não é deste mundo; se deste mundo fosse o meu reino, os meus amigos lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus; mas o meu reino não é daqui.”

Em face dessa alusão misteriosa a um reino que não é deste mundo, Pilatos insiste na idéia da realeza, perguntando: “Logo, tu és rei?”

Jesus responde com estas palavras altamente transcendentais e fora do alcance do Governador: “Sim, eu sou rei. Eu vim ao mundo e nasci para isto: para dar testemunho da verdade, e todo o homem que é filho da verdade atende à minha voz.”

Em face desta declaração, convenceu-se Pilatos de que não se tratava de um subversivo que tentasse apoderar-se de uma parte do Império Romano, que abrangia a Europa, a Ásia e a África em suas partes então conhecidas.

Considerou-o rei talvez de algum mundo metafísico, um visionário místico; mas não um revolucionário e subversivo. Quando Pilatos ouviu por diversas vezes a palavra “verdade”, encolheu os ombros com cético desdém e perguntou:

“Que é a verdade?”

Mas não esperou pela resposta a essa pergunta importante. Nem Jesus talvez teria respondido, porque o juiz não estava em condições de compreender tão alta verdade. De uma coisa, porém, Pilatos se convenceu definitivamente: que Jesus não era um criminoso; podia ser um visionário metafísico e místico, um homem estranho que acreditava num reino fantástico em outros mundos; mas, em hipótese alguma, era um homem perigoso que pensasse em se fazer proclamar rei de uma parte do Império Romano. Por isto, o Governador tornou a falar ao povo, do alto da plataforma do Pretório, declarando abertamente:

“Não encontro crime nesse homem.”

Lá debaixo, porém, veio a grita feroz do povo estimulado pelos chefes religiosos, acusando-o de diversos crimes.

Ouvindo isto, perguntou Pilatos a Jesus: “Estás ouvindo de quantas coisas de acusam?”

Jesus, porém, ficou calado, de maneira que Pilatos se admirava de ele não se

defender de nenhuma das acusações que lhe assacavam.

Então escutou Pilatos e ouviu do meio do vozerio lá embaixo as palavras: “Ele amotina o povo desde a Galiléia até Jerusalém” e veio-lhe uma idéia salvadora: Se Jesus era da Galiléia, competia a Herodes, rei da Galiléia, julgá-lo.

Herodes era apenas um pseudo-rei, que os romanos toleravam na Província da Galiléia, onde lhe davam certos direitos de governo. Resolveu Pilatos enviar Jesus a Herodes, que nesses dias se achava em Jerusalém. Assim se libertaria ele do ominoso processo contra Jesus, desviando toda a responsabilidade para Herodes.

JESUS LUDIBRIADO POR HERODES

Herodes, o pseudo-rei da Galiléia, que por ocasião das solenidades pascais[1]

dos judeus, se achava em Jerusalém, ouvira falar do Nazareno, dos seus poderes mágicos e do seu faquirismo ocultista, como Herodes chamava os chamados milagres dele. Alegrou-se grandemente quando Pilatos lhe deu a oportunidade de entrar em contato direto com o taumaturgo da Galiléia.

Interrogou Jesus sobre muitas coisas referentes à sua vida e doutrina, seus discípulos, *etc.* Jesus, porém, guardou silêncio absoluto; não respondeu com uma só palavra, de maneira que Herodes não chegou a ouvir nem o timbre da sua voz. Este silêncio total de Jesus na presença de Herodes é o mais eloquente sermão que ele podia pregar a este homem profano e supersticioso, que vivia em adultério com sua cunhada e mandara matar João Batista para agradar a uma dançarina leviana; Herodes não tinha vontade alguma de se converter para uma vida decentemente humana; por isto, para que “lançar pérolas aos porcos?” Possivelmente, mandou vir um vaso de água para que Jesus o convertesse em vinho.

[1] A *páscoa* dos judeus era o aniversário da libertação de Israel da longa escravidão no Egito; nada tem que ver com a ressurreição de Jesus, que ainda não se dera; a palavra *páscoa* é uma deturpação de *phase*, que quer dizer “omissão”, lembrando o fato de o anjo exterminador mandado para matar os primogênitos dos Egípcios, omitindo as casas dos hebreus.

Silêncio absoluto...

Por isto, Herodes o considerou como um louco incapaz de entender as perguntas. Lembrou-se Herodes de que o Nazareno era acusado de ser candidato à realeza de Israel. Naquele tempo, os homens que ambicionavam algum cargo público costumavam perambular às ruas da cidade cobertos de um manto branco; eram *candidatos*, isto é, em latim, *branqueados*. E como, na opinião de Herodes, Jesus era candidato à realeza de Israel, o pseudo-rei da Galiléia, o mandou pelas ruas de Jerusalém coberto de um manto branco, zombando dele como de um farsante ridículo. Finalmente, o reenviou a Pilatos.

E, desde esse dia, diz o texto, Herodes e Pilatos se tornaram amigos.

JESUS POSPOSTO A BARRABÁS

Voltou, pois, Jesus à presença de Pilatos, que se julgara livre do ominoso processo contra um homem que, como ele sabia, era inocente; mas era ao mesmo tempo um personagem tão enigmático que o Governador se sentia mal na presença dele.

Então fez Pilatos uma última tentativa para se libertar do profeta de Nazaré.

Desde a libertação dos hebreus da longa escravidão no Egito, mantinha Israel o costume de pôr em liberdade, por ocasião do aniversário dessa libertação nacional, um dos prisioneiros presos nas cadeias.

Nesse tempo, jazia no cárcere de Jerusalém um famigerado criminoso cuja vida era tão feia como seu nome: Barrabás. Cometera um homicídio por ocasião de uma sedição, diz Marcos; era ladrão, acrescenta João; chefe de bandidos, completa Mateus.

Pilatos, que vira frustrada a sua tentativa de se libertar de Jesus, enviando-o a Herodes, mas recebendo-o de volta, lançou mão dessa escapatria, propondo ao povo dois candidatos à libertação: Jesus, o taumaturgo – ou Barrabás, o criminoso.

Esperava o Governador que eles não pedissem a soltura de um homem perigoso como Barrabás, mas sim a de um inocente e amigo do povo, como Jesus.

E assim teria acontecido provavelmente, se fosse o povo simples que decidisse. Mas não era o voto do povo que decidia. Os chefes da Sinagoga nutriam ódio mortal ao profeta de Nazaré, que com seu poder sobre-humano eclipsava o prestígio dos guias espirituais de Israel, e se dizia Filho de Deus.

Por isto, os sacerdotes instigaram o povo que pedissem a libertação de Barrabás e a condenação de Jesus.

Inesperadamente, porém, e antes que houvesse solução desse caso, ocorreu um incidente estranho: apareceu um mensageiro com um recado urgente da esposa de Pilatos, que segundo a tradição, se chamava Cláudia Prócula. O

recado que ela mandava ao marido era este: “Nada tenhas que ver com esse homem justo, porque, nesta noite, em sonhos, sofri muito por causa dele.”

Estas palavras fazem crer que Pilatos não passara em casa a última noite.

O recado da esposa era misterioso: ela tivera sonhos e pesadelos por causa do processo contra o Nazareno, e pedia ao marido que abandonasse esse processo, em que ela via maus agouros para ele.

Estranhamente, Cláudia Prócula pedia ao marido uma atitude de neutralidade, de abrir mão do processo, em vez de fazer justiça e absolver um inocente.

Através de todo esse processo, tenta Pilatos libertar Jesus, como lhe aconselhava a sua retidão de juiz romano; mas as suas preocupações para conservar a sua posição de Governador da Judéia frustraram uma decisão justa e retilínea.

Assim também desta vez falhou o seu estratagema de evitar a condenação de Jesus. Não prestou atenção ao recado da esposa. Mas esse incidente deu tempo aos chefes da Sinagoga para sugestionarem o povo que pedisse a libertação de Barrabás e a morte de Jesus. Se mais numerosos tivessem sido, em Jerusalém, os galileus, sempre amigos de Jesus, outra teria sido, provavelmente, a solução; mas em Jerusalém eram muitos os que dependiam dos favores e do prestígio da Sinagoga, e se deixaram arrastar pelo ódio dos chefes.

Pilatos, depois do inesperado incidente com o recado da esposa, voltou-se ao povo, e, calmamente lhe deu a alternativa entre Jesus e Barrabás. Mas eles, instigados pela Sinagoga, bradaram: “Solta-nos Barrabás.” Pilatos insistiu: “E

que farei de Jesus, que vós chamais o Cristo?” E todos bradaram: “Crucifica-o!”

“Crucifica-o!”

Novamente, tenta Pilatos libertar Jesus, dizendo ao povo: “Mandarei crucificar

vosso rei?” ao que eles, cada vez mais furiosos, bradaram: “Não temos outro rei se não a César.”

Estas últimas palavras são a decisão fatal de Israel: rejeitam publicamente o seu Messias, e publicamente se declaram súditos do Imperador romano, o invasor e destruidor da sua independência nacional. E esse César, que eles proclamaram seu rei, daí há poucos decênios mandaria seus exércitos, sob o comando de Tito e Vespasiano, cercar Jerusalém e dispersar os judeus por todos os quadrantes do Império. Por cerca de 2.000 anos andaria Israel sem pátria pelo mundo inteiro como judeu errante... Não temos outro rei senão a César.

Pilatos atendendo ao pedido deles, soltou-lhe Barrabás, e, estranhamente mandou flagelar Jesus, cuja inocência havia declarado tantas vezes.

Flagelar, para quê?

Talvez para demover a Sinagoga da insistência na morte do Nazareno, depois de o verem ensanguentado e reduzido a uma chaga viva, da cabeça aos pés.

Muitas vezes, os flagelados sucumbiam a essa horrorosa tortura.

Jesus aceitou silenciosamente a flagelação, que fazia parte do seu plano de desintegrar o seu Jesus humano a fim de integrá-lo totalmente no seu Cristo divino. Era necessário que *um* homem atingisse a plenitude da sua grandeza humana, na qual residia corporalmente toda a plenitude de Deus.

JESUS É COROADO DE ESPINHOS

E LUDIBRIADO

Depois da bárbara flagelação, Pilatos entregou Jesus aos caprichos da soldadesca romana. Estes, ouvindo que o Nazareno se dizia rei, inventaram uma cena macabra de realeza fictícia: fizeram Jesus sentar-se sobre uma pedra, teceram uma coroa de ramos espinhosos, puseram-lha sobre a cabeça, deram-lhe um cano de taquara nas mãos como cetro real e lançaram-lhe aos ombros um farrapo de manto escalarte, arremedando a púrpura dos reis daquele tempo. Depois dobravam os joelhos diante dele, dizendo: “Salve, rei dos judeus.” Também lhe deram bofetadas e escarraram-lhe no rosto – tudo que o ego despeitado pode imaginar para se vingar dum Eu sublimado.

Para quem não conhece devidamente a bipolaridade da natureza humana, e a luta entre os dois pólos dela, o sopro de Deus e o sibilo da serpente, não pode compreender essa cena grotesca a que Jesus se sujeitou livremente. Em face dessa incompreensão, ou descompreensão, da natureza bipolar do homem, o enigma continua insolúvel. Através de séculos tem a cristandade tentado solver esse enigma, e chegou à conclusão estranha de que Jesus teria sofrido tudo isso para pagar ao Pai celeste a dívida da humanidade pecadora. Com nenhuma palavra, já o dissemos, lembra Jesus esta explicação; ele sofreu tudo isto, diz ele mesmo aos discípulos de Emaús, para assim entrar em sua glória, para realizar em sua pessoa a plenitude da natureza humana, a desintegração do seu ego humano a fim de realizar a integração dele no seu Eu divino. Ele queria realizar o homem integral, imagem e semelhança de Deus, como dissera simbolicamente pela misteriosa parábola do pão e do vinho, na última ceia. Expressamente disse a seus discípulos: “Convém a vós que eu vá, porque, se eu não for, não virá a vós o espírito da verdade.”

Assim como o alimento material não pode ser integrado e assimilado pelo princípio vital sem passar por uma desintegração prévia, assim também não podia o Jesus humano cristificar-se plenamente sem provocar essa integração da sua humanidade, por meio de sofrimentos e ludíbrios. Somente a compreensão esotérica e mística do plano da encarnação fará compreender devidamente o enigma do sofrimento e da morte de Jesus.

Ecce homo!

Eis aí o homem plenamente realizado no seu Eu divino – e por isso reduzido a

uma chaga viva pelos egos humanos!

SENTENÇA DE MORTE

Com as palavras misteriosas de Pilatos “*Ecce homo*” culmina o drama tragicamente glorioso de um homem plenamente realizado, no meio de homens não realizados.

O *Ecce homo* mostra o que acontece a um homem que realizou em si a imagem e semelhança de Deus, mas que vive num mundo dominado pelo poder das trevas e no meio de homens inspirados pelo sibilo da serpente.

Esse violento contraste entre os que ainda são dominados pelo príncipe deste mundo, e o homem que já venceu este mundo, atingiu o seu clímax na sexta-feira, provavelmente no dia 7 de abril do ano 33, em Jerusalém. O Calvário é a linha divisória entre dois mundos, entre a grande humanidade de Lúcifer e a pequena elite do Cristo. A voluntária derrota de Jesus, que parecia ser a vitória do anti-cristo, é a maior vitória do Cristo. Para que se realize o homem-crístico, tem de desrealizar-se o homem-luciférico. A integração no Eu divino supõe a desintegração do ego humano, mesmo de um ego tão avançado como o de Jesus.

Quando os chefes religiosos de Israel ouviram as palavras de Pilatos “eu sou inocente do sangue deste justo”, bradaram em altas vozes: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.”

Foi esta a mais terrível maldição que Israel rogou sobre si mesmo, maldição que durante quase 20 séculos se está realizando sobre Israel e seus filhos, dispersos pelo mundo inteiro, sem pátria nem lar.

Haviam falhado as acusações de crime religioso e político que a Sinagoga fizera a Jesus. Por último apelaram a um argumento puramente pessoal, bradando: “Se soltares esse homem, deixarás de ser amigo de César.”

Deixar de ser amigo do imperador equivalia ao perigo de perder o seu posto de governador da Judéia. A este argumento pessoal Pilatos capitulou e condenou Jesus à morte ignominiosa da cruz. Bem sabia ele que era fácil à Sinagoga fazê-

lo perder o emprego de governador, porque cometera diversos crimes graves que não eram conhecidos em Roma mas que a Sinagoga podia provar.

E assim entregou-lhes Jesus para ser crucificado. A morte de crucifixão era geralmente infligida aos grandes criminosos e flagelos da sociedade. Israel usava o apedrejamento. Mas exigiram explicitamente que Jesus fosse

crucificado a fim de arrasarem totalmente o seu nome da memória da posteridade.

E a cruz da ignomínia veio a ser a cruz da glória.

RUMO AO CALVÁRIO

Depois disto foi Jesus entregue aos soldados romanos, que lhe carregaram nas costas uma cruz feita de dois troncos. Segundo a tradição antiga, devia a cruz ter cerca de três metros de comprimento.

O topo da colina do Calvário dista da cidade menos de um quilômetro; por causa da forma arredondada, lembrando uma caveira, o povo lhe dera o nome de *calvarium*, isto é, caveira.

O caminho era escabroso e acidentado, razão porque, segundo a tradição, Jesus caiu três vezes sob a cruz. Depois da última queda, o oficial que comandava a execução obrigou um homem chamado Simão, natural de Cirene, na África, a carregar a cruz até ao topo da colina. Diz também a tradição que, durante o trajeto, apareceu uma mulher, provavelmente discípula de Jesus, que lhe estendeu uma toalha para enxugar o sangue do rosto; Jesus restituiu-lha com o rosto sangrento nela impresso. A tradição deu a essa mulher o apelido de Verônica, derivado das palavras *veron eikon*, verdadeira imagem.

Mais adiante, encontrou-se Jesus com um grupo de mulheres que o lamentavam em altas vozes, e ele lhes disse: “Não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós e sobre vossos filhos; porque, se tal coisa acontece ao lenho verde, que será do lenho seco?”

O lenho verde era ele, o homem sem pecado, que sofria voluntariamente; que dizer dos pecadores quando sofrem compulsoriamente? O sofrimento-crédito, como o de Jesus, é um sofrimento glorioso, não um sofrimento em pagamento de débitos, nem próprios nem alheios, mas um sofrimento de crédito e cristificação ulterior, um sofrimento de auto-realização, para ele entrar em sua glória. É este o lenho verde de que Jesus falava às sofredoras do lenho seco, que sofriam por débitos.

Chegado ao topo do Gólgota, foi Jesus pregado na cruz estendida no chão, e depois fixada na terra. Juntamente foram crucificados dois malfeitores, cujos

nomes ignoramos; mas a tradição cristã deu a um deles o nome de Dimas.

Segundo a opinião geral, estava Jesus preso com três cravos, dois dos quais passavam pelas palmas das mãos, como os nossos pintores costumam representar o crucificado. Sabemos, porém, que os antigos romanos nunca faziam passar os cravos pelas palmas das mãos, mas sim pelos pulsos da

vítima, porque as mãos não dão resistência para suportar o peso do corpo; somente os pulsos dão resistência por causa dos dois ossos que lá se encontram. Quando os estigmatizados, como Francisco de Assis, Tereza Neumann, o padre Pio e outros, receberam os estigmas sangrentos nas palmas das mãos, é devido à intensidade da sua emoção humana, que se materializou em fenômeno físico.

Em princípio do século passado, vivia na Alemanha uma grande vidente da paixão de Jesus, mas que não era estigmatizada, Anna Catarina Emmerich, que via como presentes todos os episódios da paixão e morte de Jesus, e, deitada na cama, falava com voz audível. O conhecido poeta e escritor Clemente Brentano, sentado à cabeceira da cama da vidente, tomava nota por escrito o que ela dizia. Quando a vidente relatou a crucificação, viu e falou como os cravos atravessavam os pulsos de Jesus; Brentano, supondo um equívoco, perguntou se não atravessavam as palmas das mãos, ao que ela repetiu que ela via Jesus crucificado pelos pulsos. Também o célebre “santo sudário”, a mortalha que envolveu o corpo de Jesus, e que se acha ainda na Catedral de Turim, prova que as duas chagas estavam nos pulsos e não nas mãos de Jesus.

Sobre a cruz mandou Pilatos pregar uma tabuleta que indicava em hebraico, grego e latim, a causa da crucifixão: *Jesus Nazareno Rei dos Judeus*, porque devia constar a razão da morte dele. Os chefes da Sinagoga foram ter com o Governador e pediram que modificasse a legenda, porque Jesus não era realmente o rei dos Judeus. Pilatos, porém, cada vez mais irritado com as cavilações da Sinagoga, retrucou bruscamente: “O que escrevi escrito está” e não modificou a legenda.

Podemos dizer que a legenda estava escrita em nome da religião (hebraica), da filosofia (grega) e da política (latim) da época, proclamando a realeza de Jesus, embora em outro sentido, porque o seu reino não era deste mundo. O

Governador romano teimou em manter essa legenda importante.

Alguns discípulos, e sobretudo discípulas, de Jesus estavam presente à

crucifixão. Dos doze apóstolos apenas um estava no Calvário, o “discípulo amado” João, que, desde a última ceia sabia de tudo, e não se sentia frustrado.

Também Maria, a mãe de Jesus, já estava debaixo da cruz ao lado de João; estava em pé, diz o Evangelho, e não desmaiada, como fantasiaram alguns artistas.

Vendo Jesus sua mãe abandonada, entregou-a a João a Maria como filho.

Os que defendem a idéia de que os chamados “irmãos de Jesus” fossem filhos de Maria não podem explicar como nenhum deles tenha estado presente à

morte de Jesus nem se tenha interessado pela (suposta) mãe abandonada, obrigando o Mestre a entregá-la a um de seus discípulos.

Parece que nenhum dos três discípulos de Jesus que moravam em Betânia, e dos quais o Mestre era grande amigo, acompanhou os últimos momentos do Nazareno, que fora ressuscitado da morte uma semana antes. Provavelmente, esse trio de Betânia já possuía a cosmo-vidência dos iniciados e conheciam os planos que presidiam a esses acontecimentos.

OS ÚLTIMOS MOMENTOS DE JESUS

Quatro soldados romanos guardavam a cruz do crucificado. Repartiram entre si as roupas dele. Quanto à túnica inconsútil, não convinha dividi-la, que seria inutilizá-la, por ser toda tecida de alto a baixo, sem costura. Por isso, lançaram a sorte, a ver de quem seria esse chamado “manto sagrado”, em torno do qual foi tecida, mais tarde, uma extensa lenda na cristandade primitiva.

Isto prova que o Nazareno, apesar de toda a sua simplicidade, não andava de tanga, como certos orientais, mas se vestia decentemente, ao ponto de deixar esse espólio para os soldados romanos.

Ao aproximar-se do fim da sua vida terrestre, pediu Jesus em voz alta a Deus que perdoasse a seus inimigos o que lhe haviam feito, porque não sabiam o que faziam. Todo o pecado é, em última análise, uma ignorância, mas uma ignorância culpada. Quem pode saber deve saber, e quem, podendo, não sabe, cria débito, pecado.

Um dos dois malfeitores crucificados com Jesus, vendo a atitude estranha do Nazareno e ouvindo o pedido de perdão para seus inimigos, foi iluminado por uma luz interior, e, olhando para Jesus, disse: “Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino.”

Jesus lhe respondeu: “Em verdade, te digo que ainda hoje estarás comigo no paraíso”.

Estas últimas palavras têm suscitado muitas controvérsias: como podia um homem onerado de meio século de débitos, ter a recompensa de entrar no paraíso nesse mesmo dia, sem pagar os seus débitos?

Nesta controvérsia há uns equívocos: por “paraíso” ou céu, Jesus não entendia um lugar ou um estado definitivo de vida eterna, habitáculo das almas puras – mas entendia a entrada do pecador na linha reta da verdade, depois de meio

século de ziguezagues nos caminhos tortuosos do ego pecador. É muito provável que Jesus se tenha referido a essa entrada na linha reta da verdade do Eu divino, com que o recém-iluminado iniciava uma vida nova. Mas essa vida nova, esse paraíso, não é um estado definitivo, mas sim um processo evolutivo, uma jornada em linha reta, e não um ponto final de chegada.

O paraíso, o céu, a vida eterna é uma sinfonia inacabada, que tem o seu princípio, mas não terá fim; é uma evolução sem termo final que teve o seu passo inicial.

Os sacerdotes da Sinagoga presentes no Calvário diziam: “Salvou a outros, a si mesmo não se pode salvar.”

De repente, o sumo sacerdote, colocando-se bem defronte à cruz, assim desafiou o crucificado: “Se tu és o Filho de Deus, desce da cruz, e creremos em ti!”

Esse desafio, certamente, foi seguido de momentos de grande silêncio e expectativa. Muitos esperavam que Jesus atendesse à provocação, descendo da cruz, glorioso, para provar que ele era realmente o Cristo. Mas – nada disso aconteceu...

E, pior do que este silêncio foram as palavras que o crucificado proferiu logo depois: “Meu Deus, meu Deus, como me abandonaste!”

Este brado lamentoso foi, provavelmente, seguido por uma jubilosa gargalhada da parte dos chefes da Sinagoga; e uns diziam aos outros: “Ouvistes o que ele disse? Que Deus o abandonou, por sinal que ele não é o Cristo, o Messias, porque este não podia ser abandonado por Deus.”

Este momento pode ser considerado como o mais profundo nadir da voluntária humilhação de Jesus; atingiu o último marco da sua *antidromia*, fazendo crer a seus inimigos que ele não era o Cristo. Esta auto-humilhação é o último degrau da sua cristificação, ou auto-realização, a total desintegração do seu ego humano e a suprema integração no seu Eu divino. Sacrificou até o seu prestígio moral e espiritual perante os seus inimigos, dando-lhes aparentemente razão para o considerarem um impostor e falso Cristo.

E não dissera ele: “Se o grão de trigo não morrer, ficará estéril; mas se morrer, produzirá muito fruto”? O grão de trigo, a sua personalidade humana estava enterrado na mais profunda profundidade imaginável. Em vez de descer da cruz,

ele se confessa até abandonado por Deus – tão completo foi o seu voluntário egocídio.

Também os seus dedicados discípulos e suas fiéis discipulas presentes no Calvário ouviram esse brado angustioso: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste!” Deve ter sido para eles a mais cruel decepção: saberem que seu Mestre se confessava abandonado por Deus. E como podiam eles ainda venerá-lo como Mestre e guia espiritual? Não deviam perder a fé nele?

Estranhamente, porém, o coração tem razões de que a razão não sabe: continuaram a amá-lo como sempre, e Jesus continuou a ser o seu Mestre adorado.

Por fim, coroando a vitória final da sua vida terrestre, Jesus exclama jubiloso:

“Está consumado”...

Consumado, plenamente terminado e realizado estava o plano cósmico da encarnação do Verbo, plano já previsto pelo Gênesis e pré-determinado por Jesus desde o início. Nele a natureza humana atingira o zênite da sua glória e plenitude. E, como toda a plenitude transborda necessariamente, esta plenificação Crística de Jesus beneficiava e beneficia todos os homens capazes de receber da sua plenitude, graça e mais graça, como diz o quarto Evangelho.

Muitos acham que esse “está consumado” se refira à redenção da humanidade

– e eles têm razão se por “humanidade” entende a humanidade individual de Jesus, que com esta voluntária desintegração estava consumada. Até hoje, porém, a humanidade coletiva não está salva, porque ninguém pode salvar alguém, a não ser a si mesmo. E esta auto-redenção é o maior benefício que alguém pode prestar à humanidade redimível, e ainda não remida.

“MEU DEUS, MEU DEUS, POR QUE ME ABANDONASTE?”

Tão estranhas são estas palavras de Jesus, momentos antes da sua morte, que os teólogos e exegetas de todos os tempos têm tentado dar-lhes outro sentido do que elas têm, quando tomadas ao pé da letra. Como poderia Jesus sentir-se abandonado por Deus?

Alguns acham que ele teria dito: “Meu Deus, como me glorificaste!” Uma vez que a palavra aramaica “*sabakthani*” (abandonaste) também poderia significar, com ligeira mudança, “glorificaste”.

Em 1948, quando lecionava numa Universidade de Washington, entrei em contato com o Dr. Lamsa, cuja língua materna é o aramaico e que possui o Novo Testamento nesse dialeto hebraico que Jesus falava; e ele me afirmou que o sentido real do termo é mesmo “abandonaste”, e não “glorificaste”.

Antes de entrarmos na explicação do mistério paradoxal desse “abandono”, encaremos o fato estranho de ter Jesus confessado em público, perante amigos e inimigos, esse abandono. Estas palavras são o supremo testemunho da sua autêntica humanidade e da sua absoluta sinceridade. Ele é tão genuinamente humano como é verdadeiramente divino; nele, o “filho do homem” é idêntico ao “filho de Deus”. Diz o que sente. Não tem complexos.

Não tem recalques. Não fala com segundas intenções. Não tem medo de confessar em público o que sente em oculto. No Getsêmane, não se acanha de pedir consolação a seus discípulos e lhes confessa que sua alma está “triste até à morte”.

No Gólgota, confessa, perante amigos e inimigos, que se sente abandonado de Deus. Que triunfo para seus inimigos! Lá estavam os representantes da sinagoga, quiçá o próprio Caifaz; quando ouviram dos próprios lábios do crucificado a confissão do seu abandono da parte de Deus, devem ter tido um momento de

suprema alegria, devem ter dado uma gargalhada de triunfo diabólico, exclamando perante o povo: “Ouvistes o que ele disse? Abandonado por Deus! Rejeitado como Messias! Se ele fosse o Cristo, o filho de Deus vivo, não poderia ser abandonado! Finalmente, no momento supremo, tirou a máscara, confessou a verdade de ser um infame impostor. Deus o abandonou!

Não tínhamos nós razão em declará-lo pseudo-profeta, falso Messias? Acaba de confirmar tudo que já sabíamos”...

E que desapontamento para seus amigos, João, o discípulo amado; para sua mãe, para sua ardente discípula, Maria Madalena, e as outras almas dedicadas que estavam ao pé da cruz? Ouvirem dos próprios lábios do querido Mestre que Deus o abandonara, no momento supremo da vida... Como poderiam crer na sua missão divina, se ele mesmo se confessava rejeitado por Deus?...

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”...

Com este grito de angústia, desce Jesus ao mais profundo nadir da sua derrota (aparente) – e sobem os seus inimigos ao mais alto zênite da sua aparente vitória.

Quem pode entregar a seus mortais inimigos arma tão mortífera como esta, deve possuir dentro de si infinita segurança de vitória... Deve não depender de nenhum testemunho externo, de nenhuma aparência exterior... Quem pode fazer desabar sobre sua vida o mundo inteiro, deve ter a certeza de um alicerce eterno fora de todos os mundos... Um homem de menos segurança interior deve guardar solícitamente as seguranças exteriores, não pode entregar a seus inimigos a pior arma contra si mesmo, nem pode arrasar a sua reputação perante seus melhores amigos... Quem pode confessar-se, em público, abandonado por Deus, deve ter absoluta certeza de que “eu e o Pai somos um”, de que “o Pai está em mim e eu estou no Pai”...

Parece que o Nazareno tem uma fonte imensa de sofrimentos e humilhações e que ele mesmo procura oportunidade para saciar essa fome. Se se sentia abandonado por Deus, não poderia pelo menos calar esse abandono?... Não podia deixar de entregar a seus inimigos essa aparente justificação e confirmação de todas as calúnias e infâmias que já haviam espalhado contra ele?... Assim, é certo, procederia um homem menos seguro em sua consciência divina. Mas, quem é forte pode arriscar-se a parecer fraco, e quem é sábio pode expor-se à suspeita de ser tolo.

Mas, como explicar esse abandono de Jesus?

Difícil será a resposta para os nossos teólogos e exegetas que, como os seus colegas da sinagoga de Israel, não sabiam distinguir entre o ego humano de Jesus e o Cristo divino do eterno Lógos, o Verbo, que se fez carne na pessoa do filho de Maria. Par aqueles, porém, que, durante esses quase dois milênios, aprenderam alguma coisa, não é difícil a resposta.

Quem é que se sente abandonado? Evidentemente, não o divino Lógos, que é Deus, mas sim o humano Jesus, que embora permeado da luz do Cristo, podia sofrer eclipses momentâneos, como se vê pelas palavras do Getsêmane, e agora por seu angustioso brado nas alturas do Gólgota. Havia intermitência,

oscilações de luz na pessoa humana de Jesus, momentos em que a consciência divina do Cristo sofria diminuição de intensidade.

O ego humano de Jesus – corporal, mental, emocional – sofria essas oscilações, esses altos e baixos, essas marés e vazantes, o que confirma a sua genuína natureza humana, não destruída pelo espírito divino do Lógos que

“unuiu” [1] ou penetrou essa humana substância do Nazareno.

[1] A palavra grega para “unuir” é “chriein”, donde é derivado o substantivo “chrisma”, que quer dizer

“unção”; idem, o particípio passado “christós”, que significa “ungido”. Quando se deixa cair uma gota de óleo ou azeite sobre um pedaço de papel, fica essa substância porosa totalmente “ungida” ou permeada pelo líquido, de maneira que papel e óleo parecem ser um e a mesma coisa. Assim “unuiu” ou permeou do espírito divino do eterno Lógos a humana natureza de Jesus, de maneira que este aparece “um com o Pai”, nessa maravilhosa simbiose de Jesus Cristo, ou melhor, Jesus, o Cristo.

É possível que um homem tenha plena certeza espiritual de que está em perfeita harmonia com Deus, que, nas profundezas do seu centro eterno, seu divino Eu, ele seja querido de Deus e seguramente salvo e feliz – e que, ao mesmo tempo,

na zona emocional do seu ego humano, ele sinta dolorosa tristeza e lancinante angústia. É o que aparece dramaticamente, por exemplo, na vida de Paulo, de Agostinho, de João da Cruz, de Teresa de Ávila (chamada

“de Jesus”) e de muitos outros.

Isto mesmo aconteceu também a Jesus, antes de ele “entrar em sua glória”; devia ele “sofre tudo isto”...

Nas profundezas do seu oceano divino reinava perfeita calma, mas na superfície da sua natureza humana rugiam tempestades, encapelando as águas, cobrindo de brancas espumas toda a extensão da superfície, de praia a praia. Erguia-se ao céu, a imóvel vertical da sua consciência divina, enquanto a movediça horizontal dos seus sentimentos humanos zigzagueava em todas as direções.

Logo após essa curva de abandono emocional, prevalece outra vez, a grande reta da segurança espiritual, quando o crucificado diz: “Está consumado... Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”...

Passou a ligeira nuvem que encobriria a face do sol, e torna a luz solar a brilhar em sua eterna claridade, depois dum ligeiro eclipse...

Em outros homens, há momentâneos lampejos de luz no meio duma vasta noite de trevas – em Jesus há uns rápidos eclipses sombrios no meio dum permanente dia de luz divina... Ele, por ser o “filho do homem”, não deixa de ser o “filho de Deus”. Ele é tão divinamente humano como é humanamente divino...

“TENHO SEDE”

Quem já andou por campos de batalha, no meio de soldados feridos, lembra-se de ter ouvido um único grito de todos os lábios: Água! Água! Água! Os feridos não se queixam das suas dores, por mais atrozes, só sentem o tormento dos tormentos, a sede. A perda de sangue e de humores vitais produz no organismo uma espécie de ressecamento interno. Mais de 90% do corpo humano é água;

todas as nossas células, diversos bilhões, são como outros tantos peixinhos que nadam na água, e, quando diminui notavelmente essa linfa vital, começa nelas uma vibração crescente, que aumenta na razão direta do esvaimento do sangue, atingindo intensidade suportável. Entre o organismo numa tortura tão indizível que, não raro, a pobre vítima acaba na loucura antes de ser libertada pela morte.

Os que opinam que Jesus não tenha sofrido realmente, ante as dores resultantes dos ferimentos que precederam a sua morte – uma vez que podia anestésiar mentalmente o seu corpo – dificilmente poderão explicar esse grito doloroso: “Tenho sede.” Não adiante querer interpretar essas palavras em sentido místico – “tenho sede de almas”; o crucificado se refere a uma sede física, e aceitou o ligeiro alívio que um dos soldados lhe ofereceu, chegando aos lábios uma esponja presa numa cana e embebida de vinagre. Um ingênuo devocionalismo sentimental explorou esse gesto do militar no sentido de ter sido mais um ato de crueldade, pois, o que deu de beber ao crucificado não era água, mas “fel e vinagre”, para lhe aumentar a tortura. O fato, porém, é que se costumava oferecer aos moribundos crucificados uma porção de vinho azedo misturado com uma essência amarga, a fim de lhes mitigar a sede e ao mesmo tempo produzir uma espécie de anestesia, causada pelo ingrediente amargoso.

Não era, pois, um ato de crueldade, mas sim um gesto de benevolência. Jesus tomou um pouco do vinho, mas não todo, porque não queria morrer semi-inconsciente.

“Tenho sede”...

Com este brado revela o Nazareno, mais uma vez, a sua verdadeira e autêntica natureza humana, e os evangelistas que narram esse episódio dão a entender que não têm intensão alguma de endeusar o seu biografado, emprestando-lhe atributos de herói insensível aos tormentos do corpo. Do contrário, deviam ter passado em silêncio que o seu mestre se queixou de sede

– como também que, no Getsêmane pediu consolação a seus discípulos e até suou sangue em face da morte. Mas não interessa aos historiadores sacros

fazer do seu mestre um super-homem, nem este deu um passo para se fazer tal. Os relatos evangélicos são documentos tão ingenuamente objetivos, que nenhum leitor imparcial pode neles descobrir o menor vestígio de tendências da parte de seus autores. Parece que lhes é indiferente o que a posteridade pense do

Nazareno; só lhes interessa relatar os fatos objetivos, favoráveis ou desfavoráveis ao mestre. Se os evangelistas quisessem fazer de Jesus um super-homem, algum Hércules ou Siegfried, deviam apresentá-lo em atitude de desafiar friamente os horrores da morte, sem ceder às “fraquezas” dos outros mortais.

Entretanto, nenhum dos discípulos de Jesus está interessado nessa apoteose.

O Nazareno é o mais humano dos homens, precisamente por ser o mais divino deles. Não hesita em se mostrar a seus amigos, e até a seus inimigos, o que ele é de fato: um homem acessível a tudo que é genuinamente humano, menos aquilo que está abaixo da natureza humana. Os seus atos externos são sempre o reflexo fiel da sua atitude interna. Não vê motivos para não ser por fora o que é por dentro. A sua segurança interna é tão grande que não acha necessário aparentar pseudo-seguranças externas, mediante fictícias camuflagens e jactâncias de insensibilidade. Quem é realmente forte não necessita de aparentar força. No Getsêmane pede consolação a seus amigos.

No Gólgota revela o tormento da sede e o abandono em que se sente, num momento de desolação interior. Ele é sempre integralmente fiel a si e sincero consigo mesmo.

Pouca vontade teria eu de aceitar a divindade do Cristo se ela não viesse envolta nessa genuína humanidade de Jesus. O “filho de Deus” não desmente jamais o “filho do homem”.

E assim continua a ser através dos séculos e milênios, entre seus discípulos: os mais divinos entre os homens são sempre os mais humanos, suposto que por “humanidade” se entenda a íntima natureza do homem, seu Eu crístico, o

“espírito de Deus que habita no homem”, e não apenas os seus invólucros externos. Quando alguém julga dever desumanizar-se a fim de se divinizar, perde o que tem de humano e não alcança o que de divino julga conquistar; porque Deus não se contradiz em suas obras e o Criador está presente em cada uma das suas criaturas. Nunca o homem encontra tão seguramente o Deus do mundo como quando o procura no mundo de Deus.

Não há, nunca houve nem jamais haverá super-homens – que seriam pseudo-homens – há, todavia, pleni-homens, homens integralmente realizados. E o pleni-homem é um “filho de Deus” – precisamente por ser o “filho do homem”

por excelência.

“Tenho sede”... porque sou filho do homem.

“Tenho sede”... porque sou filho de Deus.

“PAI, PERDOA-LHES, PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM”

Quem sabe o mal que faz não pode ser perdoado.

Quem não sabe o mal que faz pode ser perdoado.

É tão estranha esta verdade que muitos não a aceitarão de boa mente.

Antes de tudo, como pode alguém pecar sem saber o que faz? Como é possível um pecado por ignorância? Não é a ignorância precisamente aquilo que nos excusa do pecado? Por que o animal não peca? Por ser ignorante. Por que a criança não peca? Porque ainda é ignorante.

Todo pecado supõe algo de ciência e consciência. Logo, não se trata de uma ignorância total e absoluta, mas duma semi-ignorância e semiconsciência, espécie de penumbra, e não de treva total.

Por outro lado, como pode alguém pecar quando sabe o que faz? Não exclui a sapiência a pecabilidade, que é insipiência?

Evidentemente, onde há um saber completo não pode mais haver pecado nem pecabilidade, porque esse saber é luz integral, incompatível com treva, e até com penumbra. A pecabilidade, como já dissemos, só é possível na zona da penumbra do semi-ignorar e do semi-saber.

Ora, é nessa zona penumbral que há perdoabilidade.

E a imperdoabilidade? Existe pecado imperdoável? Se existe, não pode existir na zona da ignorância integral, nem na zona da sapiência total – nem nas trevas da

meia-noite do inconsciente, nem na luz do meio-dia do pleni-consciente, porque em nenhuma dessas duas zonas pode haver pecado, e, portanto, nem pecado perdoável nem pecado imperdoável. Jesus, porém, afirma explicitamente a existência de pecado tanto perdoável como imperdoável. “Quem pecar contra o filho do homem será perdoado; mas quem pecar contra o espírito santo não será perdoado, nem neste nem no outro mundo, mas será réu do pecado eterno.”

Segue-se que, dentro da zona penumbral da semiconsciência pode ocorrer pecado perdoável e pecado imperdoável.

É perdoável o pecador que peca contra Deus em forma humanizada, personalizada, como no caso de Jesus Cristo, porque essa individualização de Deus é tão imperfeita que dificilmente pode dar ao homem uma idéia adequada do que ele faz quando se opõe a Deus. Possivelmente, é este o caso de todos, ou de quase todos os pecadores humanos, no presente plano de evolução. Se os próprios crucificadores do Nazareno, as autoridades civis e religiosas, são perdoáveis por ignorantes, isto é, semi-ignorantes, dificilmente haverá pecadores humanos imperdoáveis, porque não suficientemente ignorantes.

Parece que o “pecado contra o espírito santo” não é frequente na presente humanidade, que conhece a Deus apenas através de algum “filho do homem”, de alguma encarnação ou individualização da Divindade universal.

A plena sapiência espiritual, na zona supra-humana, torna impossível o pecado, porque essa sapiência é luz integral.

A plena insipiência material, na zona infra-humana, impossibilita o pecado, porque é treva total.

Somente a semi-sapiência, que é também semi-insipiência, é que torna possível o pecado, por ser um misto de luz e de treva, uma penumbra matutina ou vespertina, equidistante da treva total da meia-noite e da luz integral do meio-dia.

Essa penumbra, zona da pecabilidade, é o plano do intelecto, que é a serpente ou Lúcifer (“o porta-luz”, mas não a “luz do mundo”).

Nessa zona penumbral da intelectualidade há numerosos graus e possibilidades várias. O pecado é perdoável na zona inferior dessa penumbra, onde prevalecem as trevas sobre a luz; mas é imperdoável no plano superior da intelectualidade,

onde a luz é notavelmente mais abundante do que as trevas, embora estas ainda continuem a existir. Se nessa zona não houvesse mais treva alguma, não seria possível o pecado.

Quer dizer que a gravidade do pecado é diretamente proporcional ao grau de luz intelectual que o pecador possua, e inversamente proporcional ao grau de trevas que nele dominarem. Com a intensificação do inteligir, cresce a gravidade do pecado, e com a sua diminuição ela decresce; porquanto “a quem muito foi dado muito lhe será exigido, e a quem pouco foi dado pouco lhe será exigido.”

Quando a semi-luz intelectual se funde e integra na pleni-luz racional cessa todo o pecado, e, portanto, a perdoabilidade, porque nada há que perdoar.

Mas, quando a semi-luz intelectual de Lúcifer atinge elevado grau, e não se integra na luz racional do Cristo, então passa a perdoabilidade do pecado para a imperdoabilidade, porque, nessa elevada zona, termina a ignorância necessária para poder haver perdão do pecado.

À primeira vista, parece estranho que uma criatura que aboliu grande parte da ignorância ainda possa pecar, e até entrar numa zona de pecado imperdoável.

Mas esse “mistério de iniquidade” é possível, porque onde impera a liberdade há ilimitadas possibilidades de escolha. E, em face disto, parece justificada a filosofia de Schopenhauer, Nietzsche e dos outros pensadores “volicionistas”, os quais de encontro aos “intelectualistas”, afirmam que a vontade domina o intelecto, e não vice-versa, como geralmente se admite. Pode uma vontade satanizada impedir que o intelecto, em elevado plano de intelectualização, se integre definitivamente na razão espiritual. E é precisamente aqui, no ápice do intelectualismo, que está a fatídica encruzilhada entre a vida eterna e a morte eterna, pois, que outra coisa seria um pecado imperdoável senão uma morte eterna? É possível que uma criatura de alta intelectualidade, sob o impacto da vontade livre, se recuse a aceitar a soberania da razão espiritual, procurando, por todos os modos, sobrepor-se a ela e proclamar a sua própria independência e autonomia individual anti-cósmica. Disse a Inteligência a Razão: “Prostra-te por terra e adora-me!”

Quando o Lúcifer mental chega a essa altura de satanidade anti-cósmica, não volta mais atrás, não mais se arrepende nem se converte; atingiu o mais alto ponto de “cristalização” ou “petrificação”; perdeu o último resto de elasticidade

evolutiva que, no período da ignorância, ainda lhe mantinha a porta aberta para a redentora integração na ordem cósmica do grande Todo... Agora essa fluidez acabou em rigidez, e com isto terminou a evolubilidade desse ser. No zênite da sua evolução individual, não se integrou na Ordem Universal – que lhe resta ainda?

Evolução? – impossível!

Integração? – possível, porém, recusada!

Involução? – é o único caminho que lhe resta.

Essa involução é um movimento descensional, que pode durar tanto quanto durou o movimento ascensional da evolução, milhares e milhões de anos, um

“aion”, uma “aeternitas”, um vastíssimo ciclo evolutivo-involutivo.

Mas, todo movimento involutivo termina necessariamente no abismo do nada, isto é, na desintegração do indivíduo como indivíduo, na desindividuação ou, no dizer dos livros sacros, na “morte eterna”, na “eterna perdição”. O indivíduo que “morre”, que se “perde” deixa de ser indivíduo, desindividua-se, desintegra-se porque não se integrou no grande Todo da única Realidade, sem a qual nenhum indivíduo pode conservar existência.

Não pode haver um eterno “negativo”, uma evolução indefinida; a involução descensional acaba necessariamente no oposto ao Todo, que é o Nada, a extinção, o irreal, o não-existir.

Só pode haver um eterno “positivo”, um Real, que é o Infinito, e um incessante realizar-se, que são os finitos em vias de crescente realização.

O não-existir individual (morte eterna) é um Ser Universal, mas esse Ser Universal não é o indivíduo, é o próprio Infinito, o Universal, o Eterno, o Todo, é Deus. O espírito de Deus não pode perecer, mas a sua forma individualizada no homem, ou em outro indivíduo, pode deixar de existir.

“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”

A cruz do Calvário tornou-se cátedra de suprema sapiência – cátedra coberta da púrpura sanguínea do maior Mestre da humanidade...

“ESTÁ CONSUMADO!... PAI, EM TUAS MÃOS

ENTREGO O MEU ESPÍRITO!”

São estas as derradeiras palavras que sabemos de Jesus, durante a sua vida mortal. Afirma o crucificado que está tudo consumado e, por isto, terminada a sua missão terrestre, entrega sua alma às mãos do Pai dos céus.

E agora, qual o resultado dessa grande obra de 33 anos?

Está consumada a nossa redenção, dizem os teólogos. Jesus nos mereceu a eterna salvação com a sua vida e morte; destruiu o pecado e poder de Satanás; derrotou a morte.

Há quase 2.000 anos que a cristandade está habituada a ouvir estas palavras –

e até hoje quase ninguém sabe o que elas significam. Se está destruído o pecado e a morte, por que é que a humanidade é cada vez mas pecadora, e porque os homens continuam a morrer? E o poder de Satanás, será que diminuiu?...

Quando, daqui a poucos decênios, a humanidade cristã celebrar o segundo milênio após o nascimento de Jesus, certamente os teólogos e outros oradores tornarão a afirmar, com grande entusiasmo e júbilo, que a humanidade está remida há 20 séculos – e ninguém vê nada dessa redenção...

As igrejas cristãs afirmam que os merecimentos de Cristo são como que um imenso tesouro de luz e força, que pode e deve ser apropriado pelos homens.

Um vasto setor da igreja cristã faz depender essa apropriação dos merecimentos de Cristo do uso de certos ritos chamados “sacramentos”, sobretudo, batismo, confissão e comunhão; e conhece uma determinada classe de homens incumbidos de aplicar aos “leigos” esse tesouro do Cristo, de que o sacerdócio se diz depositário exclusivo. Isto faz lembrar certa espécie de *magia*, cujos efeitos dependem de determinados vocábulos, gestos ou fórmulas secretas, como o

conhecido “Sésamo, abre-te!” do livro “Mil e Uma Noites”.

Outro setor dessa mesma igreja afirma que a utilização desse “tesouro de merecimentos de Cristo” depende de atos de fé que o homem faça, e que o último segredo da força redentora está na morte ou no sangue de Jesus derramado nas alturas do Gólgota.

Quer seja por meio de *ritos sacramentais*, quer seja mediante *atos de fé*, o mistério persiste, indevassado, indevassável. Ninguém sabe, ao certo, o que a

vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo realizaram no mundo e qual a diferença real entre a humanidade pré-crística e a humanidade post-crística.

“A tal ponto amou Deus o mundo que lhe enviou seu Filho Unigênito, para que todos os que nele crerem não pereçam, mas tenham a vida eterna.” “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim não morrerá eternamente, e, ainda que tenha morrido, viverá para sempre.”

Nestas e em outras palavras do Evangelho e do próprio Cristo estão contidas duas coisas certas: 1) que o homem pode viver eternamente, e também perecer para sempre, deixando de existir como ser individual, 2) que a vida eterna depende da fé, e a morte eterna depende da falta de fé em Jesus Cristo, porquanto: “Ninguém vai ao Pai a não ser por mim.”

Que é isto, fé?

Um ato do *intelecto*? Um *entender*?

Um ato da *vontade*? Um *querer*?

Não! Fé, no sentido em que aparece no Evangelho, não é um simples *entender* ou *querer* – é algo como um misterioso contato espiritual com o mundo de Deus e do Cristo; uma experiência íntima, uma vivência interna, uma tal ou qual sintonização do homem total com a divindade, uma captação de ondas divinas que transfigurem a vida do homem espiritual, mental e corporal. É o

“renascimento pelo espírito” é a “criação do homem novo em Cristo”. A fé não é como que um “remendo novo em roupa velha”, mas é a abolição total e irrevogável do homem velho e sua substituição pelo homem integralmente novo, revestido da túnica nupcial do reino de Deus.

Essas misteriosas ondas crísticas a serem captadas não andavam no ar antes que o Verbo se fizesse carne e habitasse entre nós; mas agora, estão no mundo, e no mundo ficarão até à consumação dos séculos. O Cristo eterno e onipresente é como que uma estação emissora a irradiar poderosas vibrações de luz e força; compete ao homem captar essas ondas, sintonizar o seu aparelho receptor por essa frequência, pôr a sua vida individual em perfeita consonância com essas vibrações crísticas.

Essa consonância ou sintonia do nosso aparelho receptor consiste na *vivência ética*, isto é, numa persistente harmonia com a Verdade, a Justiça, o Amor, a Benevolência universal; consiste numa espontânea e jubilosa vontade de querer *dar e servir*, numa constante e universal solidariedade.

Esta vivência ética não é causa da *nossa* redenção, mas é *condição* indispensável para a mesma, é uma espécie de veículo ou canal através do qual fluem as águas da vida eterna.

A redenção *objetiva* é um fato histórico, permanente, indestrutível, mas a redenção *subjetiva* é um problema individual, que se renova com o nascimento de cada criatura humana. O nascimento material de cada indivíduo humano é uma espécie de *encarnação* do Verbo de Deus, mas o seu renascimento espiritual é uma *ressurreição e ascensão*; entre aquela encarnação e esta ascensão podem decorrer séculos e milênios. Entre aquela *involução* e esta *evolução* do espírito de Deus no homem processa-se o drama cósmico da redenção do homem, que não é um simples fato *automático* produzido pelo poder divino, nem um simples produto do poder *humano*, mas um processo bilateral, divino-humano.

A parte divina nessa epopéia da redenção é a *graça*.

A parte humana é a *fé*, não uma fé puramente teórica, apenas inteligida com a cabeça e querida com o coração – mas uma fé praticamente vivida, sofrida e também gozada, com todas as potências do homem.

Esta fé integralmente vivida, sofrida e gozada, vem admiravelmente descrita no maior documento de redenção subjetivo, que é o *Sermão da Montanha*. Se essa redenção subjetiva, oriunda duma fé integralmente vivida, não se associar à redenção objetiva realizada pelo Cristo, não há salvação, não há vida eterna.

Crer no Cristo Redentor a fim de possuir a vida eterna significa, portanto, unir a redenção subjetiva da ética da vida à redenção objetiva da mística que o Cristo

realizou no Gólgota. As ondas da redenção objetiva estão no espaço, lançadas pela “divina emissora” do Cristo – mas a redenção subjetiva depende da captação dessas ondas pelo indivíduo humano. A graça de Deus é um fato universal – mas a fé humana é um problema individual.

Deus, através do seu Cristo cósmico, está sempre presente a cada um de nós

– mas nós nem sempre estamos presentes a Deus. Pode o sol meridiano iluminar-me com seus fulgores – mas eu posso fechar os olhos e ignorar esse sol presente, como se estivesse ausente; neste caso, o sol está objetivamente presente a mim, mas eu estou subjetivamente ausente do sol.

Só existe para mim aquilo que afeta a minha consciência; o que não afeta o meu consciente pode existir mil vezes, para mim não existe. Essa inexistência subjetiva de uma realidade objetiva vem da minha *ignorância*, que é o meu grande pecado. Eu sou remido na razão direta que tenho consciência de Deus, e estou irredento na medida da minha inconsciência de Deus. “A vida eterna –

diz o divino Mestre – é esta: que os homens te conheçam, ó Pai, como único Deus verdadeiro, e o Cristo, teu Enviado.” Se a vida eterna é “conhecer”, isto é, ter consciência espiritual de Deus, então a morte eterna é não conhecer a Deus.

Ora, sendo que toda a alma humana, como já dizia Tertuliano no segundo século, é crística por sua própria natureza; sendo que, como escreve Paulo de Tarso, o espírito de Deus habita no homem; sendo que, segundo as palavras de Jesus, o reino de Deus está em cada um de nós – é possível essa transição da ignorância para a sapiência, do não-saber para o saber, do inconsciente para o pleni-consciente. E isto é redenção.

“Está consumado.”

O Cristo consumou a redenção objetiva – mas todo discípulo do Cristo deve realizar em si a redenção subjetiva, que não pode ser realizada, como quer por magia ritual, pela simples aplicação dum sacramento; nem por um simples ato teórico de fé intelectual e volitiva.

O processo da redenção subjetiva está, todo ele, no Sermão da Montanha.

Se de alguém é o reino dos céus; se alguém vê a Deus; se alguém é filho de Deus; se alguém tem fome e sede da justiça e é saciado; se alguém é consolado

em sua tristeza; se alguém recebe um grande galardão nos céus –

está ou não está esse homem plenamente remido? Remido por meio de que?

Objetivamente pelo poder do Cristo Redentor, subjetivamente pela sua fé intensamente vivida e sofrida.

A redenção integral do homem está entre o monte Calvário e o monte das bem-aventuranças.

O homem pleni-redento é um homem “consumado”, realizado, cristificado.

Entregou ao Pai o seu espírito...

SEPULTAMENTO DE JESUS

Pelas três horas exalou Jesus o último alento.

Com o pôr do sol, pelas seis horas, acabava a sexta-feira, e, segundo o costume hebraico, começava o sábado. E durante o sábado não era permitido que um sentenciado ficasse suspenso no patíbulo. Foram, pois, os soldados romanos quebrar com violentas marteladas as pernas e o tórax dos dois criminosos ainda vivos. Mas, quando chegaram a Jesus, verificaram que já estava morto. Por isto não lhe quebraram osso algum.

José de Arimatéia, nobre senador, e rabi Nicodemos, discípulo de Jesus desde aquele colóquio noturno sobre o nascimento pelo espírito, foram ter com o governador e lhe pediram permissão para retirar da cruz o corpo de Jesus.

Pilatos estranhou que o Nazareno já tivesse morrido, porque os ferimentos que sofrera não eram de molde a causar a morte. Chamou um oficial e mandou que verificasse se Jesus estava morto. O oficial empunhou uma lança e com ela perfurou o tórax do crucificado, da direita para a esquerda. E logo fluíram da ferida sangue e água. [1]

[1] O “santo sudário”, isto é, a mortalha de Jesus conservada na Catedral de Turim, parece indicar que Jesus não estava realmente morto, mais ainda vivo, em estado de profunda catalepsia, conforme parece indicar a impressão sanguínea do corpo na mortalha, como a ciência verificou. A lança não atingiu o coração nem a aorta, saindo pelo ombro esquerdo. Clinicamente, Jesus estava morto, talvez não realmente.

Depois de certificar-se da morte de Jesus, permitiu Pilatos a José de Arimatéia e Nicodemos que retirassem o corpo dele.

O senador tinha, na ladeira do Calvário, um túmulo próprio, talhado em rocha viva, destinado a seu futuro sepultamento; era uma câmara espaçosa que se fechava com uma laje pesada. Deu para o sepultamento de Jesus esse túmulo.

Nicodemos comprou quase 5 quilos de especiarias para embalsamar o corpo do

Mestre. Não havia tempo para um embalsamento perfeito, porque, com o pôr do sol, começava o sábado, em que não era permitido trabalho algum. De resto, os hebreus não usavam o embalsamento perfeito dos egípcios. A mãe de Jesus, o discípulo João, Maria Madalena e outros discípulos assistiram ao ato de sepultamento. O corpo de Jesus estava envolto numa mortalha de linho branco, e sobre o rosto dele havia uma toalha menor, chamada sudário.

Por fim, colocaram a pesada laje sobre o túmulo.

Os chefes da Sinagoga, porém, foram ter com o governador e lhe pediram postasse uma sentinela de soldados ao pé do túmulo, até ao terceiro dia, porque se lembravam de que o Nazareno prometera ressuscitar. Pilatos permitiu que os sacerdotes postassem ao pé do túmulo a sentinela romana que costumava guardar o Templo. Ainda por cúmulo de precaução, os chefes da Sinagoga mandaram lacrar a laje do túmulo e assinalar com o sinete do Sumo Sacerdote, para evitar qualquer violação do túmulo e roubo do corpo.

NA MANHÃ DO TERCEIRO DIA

Durante o sábado todo até à manhã do domingo esteve o túmulo de Jesus, devidamente lacrado, guardado pelos soldados romanos.

Mas, antes de nascer o sol do domingo, foram três discípulos de Jesus, Madalena à frente, visitar o túmulo; levavam quantidade de especiarias para embalsamar devidamente o corpo do Mestre, porque, na véspera do sábado, não houvera tempo para um embalsamento às direitas. Sabiam as três que o túmulo estava fechado com uma laje pesada, mas nada sabiam da guarda romana nem da lacração do jazigo. Pelo caminho se preocupavam as três com a remoção da pesada laje, que elas não eram capazes de remover.

O fato de quererem embalsamar o corpo de Jesus mostra que nenhuma delas acreditava na possibilidade de uma ressurreição real e objetiva, tomando as palavras do Mestre em sentido figurado. Também, era por demais inacreditável que o Nazareno saísse vivo do túmulo.

Mas, quando chegaram ao lugar onde se achava o túmulo, verificaram com espanto que estava aberto. E uns vultos luminosos estavam em pé junto ao túmulo.

Duas

das

discípulas

fugiram

espavoridas,

regressando

apressadamente para Jerusalém. Ficou somente Maria Madalena, indiferente aos dois vultos estranhos. Sentou-se à beira do túmulo e chorava. Viu a mortalha, cuidadosamente dobrada, como também, em separado, o sudário, também dobrado. Não podia pensar num roubo, porque nenhum ladrão se teria dado ao trabalho de dobrar cuidadosamente a mortalha e o sudário; se quisessem roubar o corpo, era bem mais fácil arrebatá-lo envolto na mortalha.

Madalena estava perplexa.

Nisto ouviu passos por detrás; mas, de tão profundamente abandonada à sua dor, nem olhou para trás, pensando que fosse o jardineiro do jardim em que estava o túmulo. O que estava por detrás perguntou-lhe: “Por que choras, senhora?” E, mesmo assim, Madalena não encarou o alguém que se aproximava; sempre com os olhos fitos no túmulo vazio, respondeu, como que sonhando: “É que levaram o meu Mestre, e eu não sei onde o deixaram; se tu o levaste, dize-me onde o puseste, que vou buscá-lo.”

Nisto o desconhecido alguém disse: “Maria” – e subitamente ela reconheceu a voz dele – era o Mestre... De um salto se levantou e prostrou-se aos pés do recém-chegado, exclamando: “*Raboni*”, que em hebraico quer dizer “querido

Mestre”. E segurava-lhe firmemente os pés. Estava com medo de perder outra vez o seu Mestre, se não o segurasse devidamente.

“Não me segures”, disse Jesus, e fez à ardente discípula que não era possível, na terra, uma união permanente, porque ele e ela viviam em duas dimensões de existência diferentes. E lhe deu ordem de levar aos discípulos notícia da sua ressurreição.

Mais que depressa, Madalena voltou à cidade, e comunicou aos discípulos que Jesus estava vivo e que ela o vira, tocara e recebera ordens de os certificar disto. Os discípulos, porém, menearam a cabeça, incrédulos, dizendo: “Ela está delirando” e não deram crédito. Ninguém achava possível que um morto, com o tórax varado por uma lança, pudesse ter revivido. Em todo caso, os dois discípulos, Pedro e João, resolveram ir ao túmulo, para ver o que havia.

Chegaram, viram o túmulo vazio, viram as mortalhas e o sudário cuidadosamente colocados à parte – e não creram na ressurreição.

Voltaram à cidade e se reuniram com os outros discípulos na sala do cenáculo,

trancando devidamente as portas, com medo dos Judeus.

O SUBORNO DOS GUARDAS

Antes que as três discípulas fossem ver o sepulcro, na manhã do terceiro dia, já haviam os soldados romanos da sentinela abandonado o túmulo; espavoridos, fugiram e foram ter com os chefes da Sinagoga, dizendo que o corpo do crucificado desaparecera e que o sepulcro estava aberto.

Deve ter sido enorme a desorientação dos sacerdotes, ao pensarem na possibilidade da ressurreição, que eles, a todo o custo, queriam impedir. Se essa notícia chegasse ao conhecimento do povo, eles, os responsáveis pela morte do Nazareno, ficariam desmoralizados. Tão perplexos estavam os sacerdotes que nenhuma coisa sensata lhes ocorreu no momento. Teria sido tão simples pedir a Pilatos que mandasse dar uma busca radical em todas as casas de Jerusalém para descobrir o corpo do Nazareno que devia estar com um dos seus discípulos – e Jerusalém não era uma cidade de milhões de habitantes. Se encontrassem o corpo de Jesus, Pilatos o entregaria aos chefes da Sinagoga, que o exporiam à entrada do Templo, convidando todo o povo para ver e verificar se Jesus estava vivo ou morto. E a presença do corpo morto do Nazareno teria sido a melhor prova da falsidade das suas predições.

Por que não se lembraram os sacerdotes desse expediente tão plausível?

É porque eles mesmos secretamente, acreditavam na possibilidade da ressurreição; mas era necessário que essa notícia não se divulgasse entre o povo; senão, a Sinagoga estaria desmoralizada.

Por isto, na sua perplexidade, inventaram um expediente absurdo e ridículo: deram ordem aos soldados da guarda que espalhassem o boato seguinte:

“Enquanto nós dormíamos, vieram os discípulos dele e furtaram o corpo; disto nós somos testemunhas.”

Três absurdos numa única frase: 1) Os guardas, obrigados a vigiar, dormem; 2) e mesmo dormindo, vêem os discípulos furtarem o corpo; 3) e, vendo o furto, de olhos fechados, não o impedem.

Perante instância alguma deste mundo teria valor um depoimento tão contraditório.

Disto se convenceram os próprios soldados, tanto assim que alegaram que tinham de prestar contas de seu serviço ao governador romano, que, certamente, não simpatizaria muito com guardas dormentes. Mas os sacerdotes os acalmaram, prometendo tomar a defesa deles perante Pilatos.

Mesmo assim, os soldados não quiseram aceitar o que os chefes religiosos lhes sugeriam.

Em face disto, diz o texto, eles encheram de dinheiro os bolsos dos guardas, e só assim se declararam eles prontos a difundir a história dos guardas dormentes, que tudo viram e nada impediram. Venderam a inteligência pelo estômago. Quando todos os argumentos falham, o dinheiro salva a situação.

De resto, como poderiam os discípulos ter roubado o corpo do Mestre para dizer ao mundo que ele ressuscitara – se nem eles mesmos acreditavam na ressurreição?

JESUS E OS DISCÍPULOS DE EMAÚS

Pela tarde desse mesmo domingo saíram de Jerusalém dois dos discípulos de Jesus, um dos quais se chamava Cléofas. Haviam acompanhado, durante três anos toda a vida e doutrina do Nazareno, ansiosos por assistirem ao advento do Reino de Deus – que eles entendiam a seu modo.

Na sexta-feira, porém, morrera o último clarão das suas esperanças. O Mestre fora crucificado, e sua promessa de ressuscitar ao terceiro dia não se realizara.

Decepcionados e tristes, abandonaram os dois a capital e iam em demanda de Emaús, uma aldeia ao oeste de Jerusalém, a uns 15 quilômetros de distância.

Iam retomar a sua vida simples de outrora, depois de enterrar o seu sonho dourado dos últimos três anos.

Pelo caminho analisavam os últimos acontecimentos relacionados com o Mestre.

Nisto percebem passos por detrás deles. Alguém se aproximava.

Ensimesmados nas suas dolorosas confidências, calaram-se; não queriam que um estranho se imiscuísse em sua sagrada tristeza. Retardaram o passo para que o estranho passasse adiante e deixasse os dois sozinhos com os seus pesares.

Mas o estranho emparelhou com eles, e, com inesperada sem-cerimônia, se meteu na conversa deles, dizendo: “Que conversas são essas, e por que andais tão tristes?”

Calaram-se os dois, um tanto chocados com tanta sem-cerimônia. Por fim, um deles perguntou ao desconhecido: “Serás que tu és o único forasteiro em Jerusalém e ignores o que aconteceu nos últimos dias?”

Com o podia alguém ignorá-lo, se em todas as ruas de Jerusalém só se comentava a vida e morte do profeta de Nazaré?

“Que foi?” – perguntou o estranho.

Os dois, contra a vontade, se viram obrigados a contar algo do que não queriam dizer; do contrário, não se veriam livres do intruso. Finalmente, disse Cléofas: “Aquilo de Jesus de Nazaré...” A palavrinha “aquilo” se referia à morte de Jesus, mas como poderiam eles proferir palavra tão horrível como morte?”

Por isto, Cléofas ladeou jeitosamente o doloroso assunto.

Mas o estranho não se deu por achado, e quis saber o que era “aquilo”. Então os dois, por bem ou por mal, tiveram de contar-lhe brevemente algo de Jesus de Nazaré, que era um profeta, poderoso em palavras e obras...

Calaram-se em dolorosa reticência...

Finalmente, um deles prosseguiu: “Os nossos sacerdotes, e magistrados, porém, o condenaram à morte...”

Nova reticência.

“E agora já é o terceiro dia que isto aconteceu...”

Aqui os dois omitiram tudo que o estranho devia ter ouvido para compreender o resto. Eles deviam ter contado ao desconhecido que o Nazareno havia prometido ressuscitar ao terceiro dia e eles o esperavam, mas nada acontecera. Quando pensamos intensa e dolorosamente, facilmente nos esquecemos de que um estranho não pode ouvir os nossos pensamentos.

“É verdade – prosseguiu um dos dois –, algumas mulheres do nosso meio foram ao sepulcro e dizem ter visto uns anjos, mas a ele mesmo não o viram.”

De repente, o estranho encarou os dois de frente, parou diante deles e lhes disse na cara: “Ó homens sem critério e vagarosos de coração para compreender tudo isto.”

Em vez de condolências, o estranho se atreve a apostrofar os dois com uma censura veemente: Homens sem critério... vagarosos de coração... Depois, frisando palavra por palavra, acrescentou: “Não devia então o Cristo sofrer tudo isto para entrar em sua glória?”

Eles como que despertaram de um pesadelo. Mui de leve lhes ia renascendo a esperança...

E o estranho passou por todas as profecias do Antigo Testamento, que falavam da necessidade do sofrimento do Messias para assim entrar em sua glória. Se tudo isto fora predito de Jesus, não era motivo de desespero, mas de esperança.

Nisto chegaram a uma bifurcação do caminho. O estranho fez menção de entrar por outro caminho, despedindo-se dos dois. Esses, porém, não o deixaram; insistiram e quase o forçaram a ir com eles, dizendo: “Fica conosco, porque o dia declinou e já vai anoitecendo.”

O estranho aceitou o insistente convide. No princípio, os dois queriam vê-lo pelas costas, e agora, depois de lhes haver feito renascer as esperanças, não o querem largar mais.

Chegaram a Emaús e tomaram uma refeição em casa de um dos dois, continuando a falar no grande profeta de Nazaré. De repente, quando o estranho partia o pão e dava um pedaço a cada um, eles o reconheceram – era Jesus...

E neste instante, ele desapareceu.

Os dois voltaram a Jerusalém na mesma noite. Pelo caminho diziam: “Não se nos abrasava o coração, quando ele nos falava? Mas os nossos olhos estavam tolhidos e não podíamos o reconhecer...” Em Jerusalém se dirigiram ao Cenáculo, onde os outros discípulos de Jesus estavam reunidos – e também eles o tinham visto redivivo.

Jesus não apresenta o seu sofrimento voluntário como sendo o preço de pagamento dos pecados da humanidade, como ensinam as nossas teologias; mas refere-se unicamente a um processo ulterior de auto-realização, ou cristificação do seu Jesus humano, processo esse que ele chama “entrada em sua glória”, isto é, a entrada numa glória maior do que ele tinha antes da encarnação e do seu sofrimento voluntário. Jesus não fala de um sofrimento-débito, nem para pagamento de débito próprio, nem de débitos alheios; fala somente de um sofrimento-crédito. Pelo sofrimento voluntário aumentou ele seu crédito, a sua evolução superior, a sua glória. O equívoco de um sofrimento-débito pelos pecados da humanidade lembra um contágio do judaísmo antigo, que acreditava na possibilidade de poder alguém ser remido por sangue alheio. Esta crença judaica foi contrabandeada para o cristianismo primitivo por judeu-cristãos.

A “entrada na glória” indica a verdadeira grandeza do Cristo.

JESUS APARECE AOS APÓSTOLOS

Enquanto os dois discípulos iam a Emaús, estavam os outros apóstolos reunidos no cenáculo, ainda com as portas trancadas, com medo dos judeus.

Devia ser pelas quatro ou cinco horas da tarde. Acabavam de tomar uma ligeira refeição – quando, de repente, viram, no fundo da sala, um vulto estranho.

Um fantasma! Exclamaram alguns, cheios de terror. O vulto, porém, se aproximou deles e lhes disse calmamente em hebraico: “*Salem aleikun*” a paz seja convosco! E acrescentou: “Vinde e vede os meus pulsos e o meu lado; sou eu mesmo.”

Eles, porém, não podiam crer que fosse Jesus. Então disse novamente: “A paz seja convosco; vinde a apalpai-me; um espírito não tem carne e osso”...

Eles todavia continuavam duvidando.

Então lhes disse o vulto estranho: “Tendes aí alguma coisa para comer?”

Entregaram-lhe um favo de mel de abelha e uma posta de peixe assado, que

ainda estavam na mesa. Jesus comeu diante deles, e lhes devolveu o resto.

Só então acabaram por convencer-se, finalmente, de que era o Mestre, e alegraram-se grandemente.

É este o relato histórico do evangelista e médico grego Lucas, o qual insiste em dizer que colheu os fatos criteriosamente com as testemunhas presenciais deles.

Dizer que os discípulos de Jesus esperavam ansiosamente ver o Mestre ressuscitado, e que o poder da sua imaginação os iludiu, é diametralmente oposto aos fatos. Eles, pelo contrário, foram cépticos e fizeram o possível para não aceitar a realidade física da ressurreição; mas foram obrigados pela evidência irrefutável que o Mestre ressuscitara realmente.

Nesta tarde, Tomé não estava com eles. Quando, mais tarde, lhe contaram que haviam visto Jesus, que o tinham apalpado e que ele comera diante deles, replicou Tomé: Não creio! Só aceitarei a realidade, se eu mesmo colocar meus dedos nas chagas dos seus pulsos, e minha mão na chaga do seu lado.

Oito dias depois, estavam os apóstolos novamente reunidos no mesmo cenáculo, e Tomé com eles. Reapareceu-lhes Jesus, e dirigiu-se logo a Tomé,

mostrando-lhe as chagas do seu corpo e convidando-o a tocá-las com suas mãos: Tomé se prostrou aos pés do Mestre exclamando: “Meu Senhor e meu Deus!”

Depois da ascensão de Jesus, refere a tradição, demandou Tomé o extremo oriente. Na igreja de São Tomé, em Madras, sul da Índia, se acham os restos mortais do discípulo que queria “ver para crer”. Mais tarde, porém, pelo que parece pelo “Quinto Evangelho” recentemente encontrado no Egito, Tomé mudou o programa: não quis ver nem crer, mas saber diretamente por experiência própria. O seu Evangelho não conta a biografia terrestre de Jesus, mas limita-se a citar 114 palavras secretas do Mestre, destinadas não aos profanos, mas aos iniciados, segundo as palavras dele: “A vós vos é dado conhecer os mistérios do Reino de Deus; ao povo, porém, só lhes falo em parábolas, de maneira que, ouvindo, não entendam, e vendo, não compreendam.”

“FOI-ME DADO TODO O PODER NOS CÉUS E NA TERRA”

“Reinará eternamente, e o seu reino não terá fim” (anjo Gabriel).

“Ele é a primícia de toda a criação, anterior a anjos e arcanjos. Nele o universo é um todo harmonioso... Nele reside toda a plenitude da divindade.” (Paulo de Tarso).

“Tudo foi feito por ele e para ele... Da sua plenitude todos nós recebemos, graça sobre graça.” (João, o evangelista).

Tudo isso foi dito desse homem estranho, que, durante dois milênios, fora vaticinado pelos profetas antigos, e, por quase dois milênios, está sendo discutido pelos teólogos que se dizem seus discípulos – mas o Cristo continua a ser o maior mistério da história, o grande incógnito da humanidade, Arius, bispo de Alexandria, foi excomungado por negar tanto a divindade como a humanidade de Jesus – condenado pelos teólogos que, embora afirmem esta e aquela, ignoram tão bem como Arius a verdadeira natureza do Nazareno.

Afirma Jesus, no momento da sua despedida deste mundo, que lhe foi dado todo poder no céu e na terra, isto é, no universo visível e invisível...

Se lhe foi dado, não o possuía antes desse tempo; foi-lhe dado em virtude da encarnação do Lógos.

Discute-se a ociosa questão se Buda da Índia, Confúcio da China, Hermes do Egito, ou outro iluminado, era igual ao Cristo, ou maior do que ele. Nunca a humanidade concordará sobre esse ponto. O que sabemos é apenas o fato que, dentro da evidência histórica, nunca ninguém afirmou de si mesmo o que o Nazareno afirmou – que ele era o detentor de todo poder nos céus e na terra.

Também não consta que algum outro iluminado tenha predito com absoluta

precisão que deporia e retomaria a sua vida quando quisesse, e tenha cumprido essa sua predição. Não conhecemos ninguém que estivesse possuído o poder estranho de dar ao seu corpo, antes e depois de sua morte, a forma visível e invisível que quisesse. Nunca ninguém afirmou que estaria com os homens todos os dias até a consumação dos séculos; que, onde quer que dois ou três estivessem reunidos em seu nome, estaria no meio deles.

Jesus atribui a si poderes ilimitados. Ele não é do Oriente nem do Ocidente – é antes uma espécie de elo entre os dois hemisférios, por sinal que nasceu e

viveu na linha divisória entre o Oriente e o Ocidente. A sua doutrina, é verdade, se difundiu muito mais no mundo ocidental do que no mundo oriental, mas na forma de uma teologia dualista, que não corresponde fielmente ao caráter unitário do Evangelho. Algum dia, quando o espírito do Cristo prevalecer sobre a letra do cristianismo, talvez o Oriente o compreenda melhor do que nós ocidentais o temos compreendido.

E então surgirá a humanidade crística, sucessora do mundo cristão, e serão o Ocidente e o Oriente “um só coração e uma só alma”.

**“IDE! PROCLAMAI O EVANGELHO,
EXPULSAI OS DEMÔNIOS
E CURAI TODA A ENFERMIDADE!”**

Toda vez que Jesus envia os seus discípulos para proclamarem o Evangelho do reino de Deus, acrescenta a ordem: “Expulsai os maus espíritos e curai todas as enfermidades entre o povo!”

Essa ordem categórica supõe um poder. Inútil seria a ordem de expulsar os demônios e curar os doentes, se isto não fosse possível. A ordem inclui a possibilidade.

Jesus considera a expulsão dos demônios e a cura das doenças como parte integrante do “advento do reino de Deus”. Para ele, esse “advento do reino de Deus” não é algo póstumo, algum acontecimento *post-mortem*, mas o reino de Deus, que está “dentro do homem”, é algo presente aqui mesmo, embora ainda latente aos olhos do homem. Não é um advento de fora, mas um advento de dentro.

O homem vitimado de moléstias mentais (demônios) ou corporais (doenças) não entrou plenamente no reino de Deus, porque Deus não criou essas imperfeições – tanto assim que Jesus nunca esteve doente; a sua sanidade espiritual era garantia da sua sanidade mental e corporal. A proclamação do Evangelho visa, diretamente, o conhecimento intuitivo e experimental da verdade espiritual, que é redenção da alma; mas, indiretamente, implica também na redenção da mente e do corpo, pela libertação dos “maus espíritos”

que desarmonizam a mente e os “maus espíritos” ou fluidos que desarmonizam o corpo. O homem plenamente remido é o homem perfeitamente são na alma, na mente e no corpo, como o próprio Cristo.

Era esta a concepção que os primeiros discípulos de Jesus tinha do reino de

Deus. Um deles, Tiago, escreve: “Se houver entre vós algum doente, chame os presbíteros (os homens espiritualmente maduros) da igreja para que orem sobre o doente, e, se estiver em pecados, ser-lhe-ão perdoados.”

Mais tarde, em períodos de decadência espiritual, perderam os cristãos esse poder de curar doenças mentais e corporais e se restringiram às atividades puramente espirituais. Um chefe espiritual dos nossos dias acha que as curas físicas pela fé não fazem parte do Cristianismo, porque “Jesus não veio fundar enfermarias.” Essa idéia de que o Evangelho veio apenas salvar a alma, e não

o homem, é um dos erros mais perniciosos de todos os tempos, e é responsável pela ineficiência social do Cristianismo em nossos tempos.

Quem limita a sua atividade à parte espiritual, perde a própria eficiência no setor espiritual, dando ensejo a que os incrédulos zombem da religião como sendo “ópio para o povo”, prometam a terra aos homens e deixem “o céu aos anjos e aos pardais”, como escreve um deles.

A proclamação do Evangelho do Cristo e sua concretização na vida significa o advento do reino de Deus em toda a sua plenitude, que abrange o homem total, alma, mente e corpo.

Para que o homem possa compreender devidamente essa mensagem do divino Mestre, deve ele ter uma noção nítida da sua íntima natureza, e não conhecer apenas a sua externa personalidade, o seu ego físico-mental-emocional, que são apenas periferias do seu Eu central que é a alma, ou, no dizer de Paulo, o “espírito de Deus que habita no homem.”

O verdadeiro Eu do homem, seu espírito divino, tem sempre perfeita saúde, considerado em seu elemento divino, eterno, universal; as doenças vêm da sua individuação humana, daquilo que o homem apenas “tem”, e não daquilo que o homem “é”. Todo homem pode afirmar, com absoluta verdade: “Eu sou perfeita saúde”, e em virtude dessa perfeita sanidade do seu centro divino, pode ele curar todas as enfermidades das suas periferias humanas – suposto que a luz do seu divino “EU SOU” consiga penetrar devidamente os invólucros opacos das suas trevas, do seu humano “eu tenho”. Quando o homem atinge o auge da sua experiência e pode dizer “Eu sou a alma perfeitamente sã”, que “tem um corpo temporariamente enfermo”, então a luz da sua alma dissipa todas as trevas do

seu corpo, porque o divino “Ser” é sempre mais poderoso que o humano “ter”. Pode o homem “ter” doença, mas não pode “ser” doença; só pode ser saúde, porque Deus é infinitamente saúde, e a alma é o reflexo direto dessa saúde divina.

Não basta, naturalmente, que esta verdade fundamental esteja apenas na cabeça como uma bela teoria; nem que seja aceita apenas como um artigo de fé, ou uma teologia – é necessário que o homem tenha a experiência vital desta realidade. Neste caso, a “oração da fé” curará o doente.

“Estes sinais seguirão aos que crêem em mim: em meu nome expulsarão demônios, curarão doentes, manusearão serpentes, e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal.”

O advento do reino de Deus sobre a face da terra é a criação do homem integral, cósmico, crístico.

“Venha a nós o teu reino!”

“PROCLAMAI A BOA NOVA A TODAS AS CREATURAS”

É esta a última ordem que o divino Mestre dá a seus discípulos. É o seu testamento.

Deve o Evangelho da redenção ser proclamado a todas as criaturas, e não apenas a todos os homens.

Francisco de Assis e alguns outros iluminados, antecipando milênios de evolução espiritual, ao que parece, realizaram essa última vontade do Cristo: falavam também ao mundo infra-humano, aos animais, aos peixes, às aves, aos insetos, às plantas, e até às águas do rio e ao fogo do sol – e todas as criaturas compreendiam, a seu modo, o Evangelho do Cristo Cósmico.

Na epístola aos romanos (cap. 8) afirma Paulo que toda a criatura está sujeita à corrupção e ao sofrimento por causa do homem pecador; mas que, quando o homem for plenamente remido da sua irredenção, também as outras serão remidas por intermédio dele. Por ora, diz ele, geme toda criatura em dores de parto, ansiando pela revelação dos filhos de Deus.

Sendo que o homem é um microcosmo, uma síntese de todo o mundo infra-humano, inconsciente e subconsciente, só será remida a natureza inferior através da natureza superior. Quando o homem for remido pelo Cristo, então a natureza será remida pelo homem cristificado.

A redenção objetiva do homem se efetuou, há quase dois mil anos – mas a sua redenção subjetiva é um processo lento, gradativo, que levará todo o “*aion*” da evolução multimilenar do homem. Quando o homem se identificar plenamente com o espírito do Sermão da Montanha, então terminará o processo da redenção do homem; e, quando o último dos homens se tiver cristificado, então estará remida a humanidade – e remida também a natureza, ainda agora profanada e profanizada pelo homem pecador; ela será remida pelo homem redento.

“Por isto, ide e proclamai a boa nova a todas as criaturas”.

DESPEDIDA E ASCENSÃO DE JESUS

Durante 40 dias, após a sua ressurreição, foi Jesus aparecendo a seus discípulos e a outros, ora individualmente, ora em grupos, até de 500 pessoas, no dizer de Paulo de Tarso. A sua presença era ora visível, ora invisível; o seu corpo se materializava e desmaterializava à vontade.

Nunca mais, nesse período, discutiu com seus inimigos, fariseus, saduceus, sacerdotes, escribas e outros; a sua vida se desenrolava agora numa outra dimensão, num ambiente de absoluta serenidade, paz e harmonia. Nem jamais relembrou os fatos dolorosos que haviam ocorrido na sua vida anterior; nunca repreendeu os discípulos pela sua falta de compreensão; nunca falou da traição e do suicídio de Judas, nem tão pouco da tríplice negação de Pedro, nem da fuga covarde dos outros.

Quando aparece visivelmente, saúda invariavelmente os seus discípulos com as belas palavras *salem aleikum*, a paz seja convosco, e toda a sua presença vem envolta numa aura de paz, amor e alegria.

No quadragésimo dia após a ressurreição, reúne ele os seus discípulos no horto das Oliveiras, onde havia começado o seu sofrimento voluntário e onde fora preso. Antes de se invisibilizar diante deles, disselhes: “A mim me foi dado todo o poder no céu e na terra, e como meu Pai me enviou, eu vos envio; ide pois, proclamai o Reino de Deus a todas as criaturas; expulsai os maus espíritos e curai todas as enfermidades que há entre o povo; e eis que eu estou convosco todos os dias até ao fim dos tempos.” (Ver capítulos anteriores).

Recomendou-lhes ainda que ficassem reunidos em Jerusalém, em oração permanente, e não se dispersassem enquanto não recebessem o poder do alto, o espírito da verdade, que desceria sobre eles.

Depois disto, ergueu-se lentamente aos ares e invisibilizou cada vez mais o seu corpo até se tornar completamente invisível, como que oculto por uma nuvem luminosa.

Obedientes à ordem do Mestre, os discípulos voltaram a Jerusalém e ficaram reunidos no cenáculo, onde Jesus celebrara a última ceia. Desde a quinta-feira da ascensão até o segundo domingo depois, durante 9 dias consecutivos, ficaram os discípulos reunidos em silêncio e oração, diz mestre Lucas; eram cerca de 120 pessoas, homens e mulheres, inclusive a mãe de Jesus.

No segundo domingo depois da ascensão, isto é, no décimo dia, às 9 horas da manhã, terminaram os 120 discípulos de Jesus a sua longa meditação, que podemos considerar como o primeiro “retiro espiritual” da cristandade.

Perceberam um ruído estranho, como que de um vento impetuoso, e no ar apareceram chamas de fogo que pousaram sobre cada um dos presentes.

Esses símbolos materiais eram reflexo do simbolizado espiritual que se realizara no interior de cada um deles. Ficaram todos repletos do espírito de Deus, do Cristo interno, que se manifestava também externamente. Cheios de coragem, alegria e entusiasmo, esses 120 pioneiros do Reino de Deus proclamaram a mensagem do Cristo aos habitantes de Jerusalém e a outros povos.

Tão grande era o entusiasmo deles, que ninguém mais queria saber de propriedade individual; socializaram os seus bens, distribuíram os seus haveres, ficando apenas com o usufruto necessário, mas sem propriedade pessoal.

Deste modo se revelou a consciência mística da paternidade única de Deus na vivência ética da fraternidade universal dos homens.

Foi esta a gloriosa alvorada do verdadeiro cristianismo, da autêntica mensagem do Mestre, que ocorreu provavelmente no dia 30 de maio do ano 33.

Neste mesmo cenáculo de Jerusalém, havia Jesus dado aos 12 apóstolos, na quinta-feira santa, os símbolos materiais, pão e vinho, que, naturalmente, não podiam espiritualizar os seus recipientes, como mostraram os eventos imediatos: um dos doze consumou a traição e depois se suicidou; outro negou três vezes o Mestre; e todos, à exceção de um só, fugiram covardemente, com medo da morte. Na gloriosa manhã de Pentecostes, porém, 120 pessoas, comungaram realmente o Cristo carismático em espírito e verdade e proclamaram o seu reino

no mundo, por entre martírios e morte. Foi esta a primeira comunhão crística da cristandade, alvorada do verdadeiro cristianismo sobre a face da terra.

ÍNDICE

PREFÁCIO

O SOFRIMENTO COMO FATOR DE INICIAÇÃO

O SACRIFÍCIO CÓSMICO DO NAZARENO AOS TRINTA E TRÊS ANOS

ENTRADA SOLENE EM JERUSALÉM

JESUS UNGIDO EM BETÂNIA

A PARÁBOLA DO LAVA-PÉS

O NOVO MANDAMENTO DO AMOR INTEGRAL

A MISTERIOSA PARÁBOLA DO PÃO E DO VINHO

“VEM O PRÍNCIPE DESTE MUNDO, MAS SOBRE MIM NÃO TEM PODER

ALGUM, PORQUE EU VENCI O MUNDO”

“EU ESTOU NO PAI, E O PAI ESTÁ EM MIM”

“DOU-VOS A MINHA PAZ, PARA QUE MINHA ALEGRIA ESTEJA EM

VÓS”

“EU SOU A VIDEIRA – VÓS SOIS AS VARAS”

“NA CASA DE MEU PAI HÁ MUITAS MORADAS”

“GLORIFICA-ME, PAI, COM AQUELA GLÓRIA QUE EU TINHA EM TI
ANTES

QUE O MUNDO FOSSE FEITO!”

“UM DE VÓS ME HÁ DE TRAIR”

NAS TREVAS DO GETSÊMANE

“PAI, SE POSSÍVEL, PASSE DE MIM ESTE CÁLICE!”

“SALVE, MESTRE! – PRENDEI-O!”

O FIM DE JUDAS

JESUS PERANTE A SINAGOGA

JESUS NEGADO POR PEDRO

JESUS DIANTE DE PILATOS

JESUS LUDIBRIADO POR HERODES

JESUS POSPOSTO A BARRABÁS

JESUS É COROADO DE ESPINHOS E LUDIBRIADO

SENTENÇA DE MORTE

RUMO AO CALVÁRIO

OS ÚLTIMOS MOMENTOS DE JESUS

“MEU DEUS, MEU DEUS, POR QUE ME ABANDONASTE?”

“TENHO SEDE”

“PAI, PERDOA-LHES, PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM”

“ESTÁ CONSUMADO!... PAI, EM TUAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPÍRITO!”

SEPULTAMENTO DE JESUS

NA MANHÃ DO TERCEIRO DIA

O SUBORNO DOS GUARDAS

JESUS E OS DISCÍPULOS DE EMAÚS

JESUS APARECE AOS APÓSTOLOS

“FOI-ME DADO TODO O PODER NOS CÉUS E NA TERRA”

“IDE! PROCLAMAI O EVANGELHO, EXPULSAI OS DEMÔNIOS E CURAI TODA A ENFERMIDADE!”

“PROCLAMAI A BOA NOVA A TODAS AS CREATURAS”

DESPEDIDA E ASCENSÃO DE JESUS



HUBERTO ROHDEN

VIDA E OBRA

Nasceu na antiga região de Tubarão, hoje São Ludgero, Santa Catarina, Brasil em 1893. Fez estudos no Rio Grande do Sul. Formou-se em Ciências, Filosofia e Teologia em universidades da Europa – Innsbruck (Áustria), Valkenburg (Holanda) e Nápoles (Itália).

De regresso ao Brasil, trabalhou como professor, conferencista e escritor.

Publicou mais de 65 obras sobre ciência, filosofia e religião, entre as quais várias foram traduzidas para outras línguas, inclusive para o esperanto; algumas existem em braile, para institutos de cegos.

Rohden não está filiado a nenhuma igreja, seita ou partido político. Fundou e dirigiu o movimento filosófico e espiritual Alvorada.

De 1945 a 1946 teve uma bolsa de estudos para pesquisas científicas, na Universidade de Princeton, New Jersey (Estados Unidos), onde conviveu com Albert Einstein e lançou os alicerces para o movimento de âmbito mundial da Filosofia Univérsica, tomando por base do pensamento e da vida humana a constituição do próprio Universo, evidenciando a afinidade entre Matemática, Metafísica e Mística.

Em 1946, Huberto Rohden foi convidado pela *American University*, de Washington, D.C., para reger as cátedras de Filosofia Universal e de Religiões Comparadas, cargo esse que exerceu durante cinco anos.

Durante a última Guerra Mundial foi convidado pelo *Bureau of Inter-American Affairs*, de Washington, para fazer parte do corpo de tradutores das notícias de guerra, do inglês para o português. Ainda na *American University*, de Washington, fundou o *Brazilian Center*, centro cultural brasileiro, com o fim de manter intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos.

Na capital dos Estados Unidos, Rohden frequentou, durante três anos, o *Golden Lotus Temple*, onde foi iniciado em *Kriya Yôga* por Swami Premananda, diretor hindu desse *ashram*.

Ao fim de sua permanência nos Estados Unidos, Huberto Rohden foi convidado para fazer parte do corpo docente da nova *International Christian University* (ICU), de Metaka, Japão, a fim de reger as cátedras de Filosofia Universal e Religiões Comparadas; mas, por causa da guerra na Coréia, a universidade japonesa não foi inaugurada, e Rohden regressou ao Brasil. Em São Paulo foi nomeado professor de Filosofia na Universidade Mackenzie, cargo do qual não tomou posse.

Em 1952, fundou em São Paulo a Instituição Cultural e Beneficente Alvorada, onde mantinha cursos permanentes em São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia, sobre Filosofia Univérsica e Filosofia do Evangelho, e dirigia Casas de Retiro Espiritual (*ashrams*) em diversos Estados do Brasil.

Em 1969, Huberto Rohden empreendeu viagens de estudo e experiência espiritual pela Palestina, Egito, Índia e Nepal, realizando diversas conferências com grupos de yoguis na Índia.

Em 1976, Rohden foi chamado a Portugal para fazer conferências sobre autoconhecimento e auto-realização. Em Lisboa fundou um setor do Centro de Auto-Realização Alvorada.

Nos últimos anos, Rohden residia na capital de São Paulo, onde permanecia alguns dias da semana escrevendo e reescrevendo seus livros, nos textos definitivos. Costumava passar três dias da semana no *ashram*, em contato com a natureza, plantando árvores, flores ou trabalhando no seu apiário-modelo.

Quando estava na capital, Rohden frequentava periodicamente a editora responsável pela publicação de seus livros, dando-lhe orientação cultural e inspiração.

À zero hora do dia 8 de outubro de 1981, após longa internação em uma clínica naturista de São Paulo, aos 87 anos, o professor Huberto Rohden partiu deste mundo e do convívio de seus amigos e discípulos. Suas últimas palavras em estado consciente foram: “Eu vim para servir à Humanidade”.

Rohden deixa, para as gerações futuras, um legado cultural e um exemplo de fé e trabalho, somente comparados aos dos grandes homens do século XX.

RELAÇÃO DE OBRAS DO PROF.

HUBERTO ROHDEN

COLEÇÃO FILOSOFIA UNIVERSAL:

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DA ANTIGUIDADE

A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

O ESPÍRITO DA FILOSOFIA ORIENTAL

COLEÇÃO FILOSOFIA DO EVANGELHO:

FILOSOFIA CÓSMICA DO EVANGELHO

O SERMÃO DA MONTANHA

ASSIM DIZIA O MESTRE

O TRIUNFO DA VIDA SOBRE A MORTE

O NOSSO MESTRE

COLEÇÃO FILOSOFIA DA VIDA:

DE ALMA PARA ALMA

ÍDOLOS OU IDEAL?

ESCALANDO O HIMALAIA

O CAMINHO DA FELICIDADE

DEUS

EM ESPÍRITO E VERDADE

EM COMUNHÃO COM DEUS

COSMORAMA

PORQUE SOFREMOS

LÚCIFER E LÓGOS

A GRANDE LIBERTAÇÃO

BHAGAVAD GITA (TRADUÇÃO)

SETAS PARA O INFINITO

ENTRE DOIS MUNDOS

MINHAS VIVÊNCIAS NA PALESTINA, EGITO E ÍNDIA

FILOSOFIA DA ARTE

A ARTE DE CURAR PELO ESPÍRITO. AUTOR: JOEL GOLDSMITH

(TRADUÇÃO)

ORIENTANDO

“QUE VOS PARECE DO CRISTO?”

EDUCAÇÃO DO HOMEM INTEGRAL

DIAS DE GRANDE PAZ (TRADUÇÃO)

O DRAMA MILENAR DO CRISTO E DO ANTICRISTO

LUZES E SOMBRAS DA ALVORADA

ROTEIRO CÓSMICO

A METAFÍSICA DO CRISTIANISMO

A VOZ DO SILÊNCIO

TAO TE CHING DE LAO-TSÉ (TRADUÇÃO)

SABEDORIA DAS PARÁBOLAS

O QUINTO EVANGELHO SEGUNDO TOMÉ (TRADUÇÃO)

A NOVA HUMANIDADE

A MENSAGEM VIVA DO CRISTO (OS QUATRO EVANGELHOS
TRADUÇÃO) RUMO À CONSCIÊNCIA CÓSMICA

O HOMEM

ESTRATÉGIAS DE LÚCIFER

O HOMEM E O UNIVERSO

IMPERATIVOS DA VIDA

PROFANOS E INICIADOS

NOVO TESTAMENTO

LAMPEJOS EVANGÉLICOS

O CRISTO CÓSMICO E OS ESSÊNIOS

A EXPERIÊNCIA CÓSMICA

COLEÇÃO MISTÉRIOS DA NATUREZA:

MARAVILHAS DO UNIVERSO

ALEGORIAS

ÍISIS

POR MUNDOS IGNOTOS

COLEÇÃO BIOGRAFIAS:

PAULO DE TARSO

AGOSTINHO

POR UM IDEAL – 2 VOLS. AUTOBIOGRAFIA

MAHATMA GANDHI

JESUS NAZARENO

EINSTEIN – O ENIGMA DO UNIVERSO

PASCAL

MYRIAM

COLEÇÃO OPÚSCULOS:

SAÚDE E FELICIDADE PELA COSMO-MEDITAÇÃO

CATECISMO DA FILOSOFIA

ASSIM DIZIA MAHATMA GANDHI (100 PENSAMENTOS)

ACONTECEU ENTRE 2000 E 3000

CIÊNCIA, MILAGRE E ORAÇÃO SÃO COMPATÍVEIS?

CENTROS DE AUTO-REALIZAÇÃO

